



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

YURAN FERNANDES DOMINGOS SANTANA

O PORTUGUÊS ANGOLANO E O CONTINUUM AFRO-BRASILEIRO
DO PORTUGUÊS

CAMPINAS
2024

YURAN FERNANDES DOMINGOS SANTANA

O PORTUGUÊS ANGOLANO E O CONTINUUM AFRO-BRASILEIRO
DO PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Este trabalho corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Yuran Fernandes Domingos Santana, e orientada pela Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

Santana, Yuran Fernandes Domingos, 1999-
Sa59p O português angolano e o continuum afro-brasileiro do português / Yuran
Fernandes Domingos Santana. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua Portuguesa - Angola. 2. Línguas Bantu. 3. Contato Linguístico. 4.
Variação linguística. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland, 1950-. II.
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Angolan portuguese and the afro-brazilian portuguese continuum

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Angola

Bantu languages

Languages in contact

Linguistic variation

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Juanito Ornelas de Avelar

Liliana Cristina Coragem Inverno

Data de defesa: 30-08-2024

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9157-4875>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7046073324196729>



BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Juanito Ornelas de Avelar

Liliana Cristina Coragem Inverno

**IEL/UNICAMP
2024**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

Dedico, nesta parte da dissertação, palavras de agradecimento àqueles que contribuíram para a construção deste trabalho e para a conclusão desta etapa da minha formação acadêmica.

Aos meus familiares, especialmente meu pai, irmãos e sobrinhos, pelo carinho e apoio constantes.

Aos meus amigos, pelo apoio e carinho.

Expresso gratidão à minha orientadora, Charlotte Marie Chambelland Galves, pela paciência, acolhimento e ensinamentos fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

Aos professores Juanito Ornelas de Avelar e Liliana Cristina Coragem Inverno, pelas correções e considerações no exame de qualificação.

À banca examinadora, por aceitar o convite e contribuir, com os seus apontamentos, para a melhoria do trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código 001, pelo financiamento a esta pesquisa, sem o qual seria impossível realizá-la.

Resumo

Esta pesquisa aborda um conjunto de traços gramaticais do português angolano que demonstram paralelismos morfossintáticos com outras variedades africanas da língua portuguesa (Moçambique e São Tomé e Príncipe) e o português brasileiro. Ao aproximarmos o PA dessas variedades, pretendemos apresentar evidências para ratificar as propostas de Petter (2009), Figueiredo (2010a; 2010b; 2018), Figueiredo e Oliveira (2013), Galves (2018), Petter, Negrão e Viotti (2018) e de Avelar (2019) relativamente a existência de um continuum de português composto por variedades africanas e brasileira. Tais trabalhos apontam, de modo geral, para a ecologia de contato, o aprendizado do português como L2 por falantes adultos de línguas africanas e a nativização desse modelo como L1 pelos seus descendentes, como fatores centrais para a ruptura com o PE e as aproximações entre as variedades coloniais. Assim, a partir da descrição e análise de dados coletados em trabalho de campo e de estudos realizados, demonstramos que o português angolano apresenta fenômenos de ordem sintático-estrutural que os distinguem do português europeu e atestam o papel das línguas do grupo bantu na formação da variedade falada e escrita pelos angolanos.

Palavras-chave: Continuum Afro-Brasileiro do Português, Português Angolano, Línguas Bantu, Contato Linguístico, Variedade.

Abstract

This research addresses a set of grammatical features of Angolan Portuguese that demonstrate morphosyntactic parallels with other African varieties of Portuguese (Mozambique and São Tomé and Príncipe) and Brazilian Portuguese. By bringing the AP closer to these varieties, we intend to present evidence to ratify the proposals of Petter (2009), Figueiredo (2010a; 2010b; 2018), Figueiredo and Oliveira (2013), Galves (2018), Petter, Negrão and Viotti (2018) and Avelar (2019) regarding the existence of a continuum of Portuguese made up of African and Brazilian varieties. These studies generally point to the ecology of contact, the learning of Portuguese as an L2 by adult speakers of African languages and the nativization of this model as an L1 by their descendants, as central factors for the break with EP and the approximations between the colonial varieties. Thus, based on the description and analysis of data collected in fieldwork and studies carried out, we demonstrate that Angolan Portuguese presents syntactic-structural phenomena that distinguish it from European Portuguese and attest to the role of the languages of the Bantu group in the formation of the variety spoken and written by Angolans.

Keywords: Afro-Brazilian Portuguese Continuum, Angolan Portuguese, Bantu languages, Linguistic contact, Variety.

Lista de ilustrações

Mapa 1	Troncos linguísticos africanos	15
Mapa 2	Línguas do tronco khoisan na África Austral	17
Mapa 3	Classificação das línguas bantu	19
Mapa 4:	Línguas autóctones mais faladas em cada província	20
Mapa 5:	Municípios de Luanda	26
Figura 1:	Família das línguas bantu	18
Figura 2:	Ferramenta de Busca da Cátedra “Português Língua Segunda e Estrangeira”	27
Gráfico 1	População residente em Angola de 1845 a 1970	36
Gráfico 2	População branca residente em Angola entre 1910 e 1974	

Lista de tabelas e quadros

TABELA 1	Estimativa da população de Angola de 1845 a 1970	35
TABELA 2	População branca residente em Angola entre 1910 e 1974	36
TABELA 3	Quantitativo da colocação pronominal no PA	65
TABELA 4:	Quantitativo dos usos de ter e haver	75
TABELA 5:	Comportamento dos pronomes reflexivo e recíproco no kimbundu e no cokwe	78
QUADRO 1	Informações dos entrevistados em Luanda	59
QUADRO 2	Infixos objetivos do Kimbundu	68

Lista de abreviaturas e siglas

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

PA – Português Angolano

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PM - Português Moçambicano

PJ - Português de Jurussaca

PGB - Português da Guiné-Bissau

PLB - Português do Libolo

PSTP - Português falado em São Tomé e Príncipe

PVB - Variedades do Português Vernacular Brasileiro

TLI - Transmissão Linguística Irregular

PN - Prefixo nominal

TN - Tema nominal

PV - Prefixo verbal

RV - Radical verbal

IPS - Índice Pronominal do sujeito

Sumário

1	Introdução	12
2	Aspectos sociolinguísticos de Angola	15
2.1	Domínio colonial português em Angola	21
2.2	Processo de ocupação, fundação e evolução da província de Luanda	25
3	Contextualizações do estado da arte sobre o PA	27
3.1	Por uma sócio-história da emergência do PA	33
3.2	O papel da escola na difusão e consolidação do português em Angola	39
3.3	Considerações sobre o contato linguístico	41
3.4	O PA e o continuum do português África-Brasil	45
3.5	Aspectos gramaticais do PA	52
4	Procedimentos metodológicos da pesquisa, tratamento e apresentação dos dados	57
4.1	A província de Luanda	57
4.2	Os informantes	58
4.3	Tratamento e apresentação dos dados	62
4.3.1	Preposição “em” junto a verbos de movimento	63
4.3.2	Colocação dos pronomes oblíquos	65
4.3.3	Marcação de gênero e número	71
4.3.4	Nomes nus	74
4.3.5	Os verbos ter e haver existenciais	75
4.3.6	Uso do pronome reflexivo se	77
4.3.7	Preposições	78
5	Conclusão	81
	Referências	84
	Apêndice	97

1. Introdução

Esta dissertação tem como objetivo investigar traços gramaticais do PA indicativos de mudanças induzidas pelo contato linguístico e que podem ser tomados como evidência do continuum afro-brasileiro do português (Petter, 2009). Entende-se por mudança induzida por contato aquela “causada pela transferência de um traço linguístico de uma língua para outra numa dada situação de contato entre línguas” (Borges, 2021, p. 5). Nesse sentido, pretendemos oferecer uma análise sobre a identidade do PA, partindo do pressuposto que essa difícil tarefa deve situar a variedade angolana dentro de um continuum de português formado por variedades africanas e brasileira.

Angola possui grande extensão geográfica – 1.247.000 km², conforme dados do INE (2016), acolhendo línguas e povos diferentes, grande parte delas oriundas dos povos africanos pré-coloniais, outras da imigração europeia e das comunidades de imigrantes africanos e estrangeiros espalhadas pelo seu amplo território. Essa realidade propicia sobremaneira a diversidade sociolinguística, justificando as palavras de Zau (2011) ao afirmar que Angola é um país multilíngue e multicultural.

A diversidade etnolinguística do país é expressa pela presença de diferentes línguas e grupos, dentre os quais destacamos os inúmeros povos de matriz bantu¹ e khoisan², as comunidades descendentes de imigrantes, os contextos fronteiriços, a comunidade de refugiados e as comunidades usuárias de línguas de sinais. No que respeita à situação linguística, destacam-se as línguas de origem africana oriundas dos grupos bantu (umbundu, kimbundu, cokwe, ngangela, nyaneka, mbunda, kikongo, kwanyama, fiote/ibinda, Lingala, dentre outras) e khoisan (kankala ou bosquímano e vankankala ou hotentote), línguas pertencentes às famílias indo-europeias (português, inglês, francês espanhol e outras) e semíticas (o árabe).

¹ Esta dissertação utiliza, na linha proposta por Chimbutane (1991), o termo bantu, que significa “as pessoas” em português. Conforme o autor, o prefixo **ba** carrega a marca do plural (s) em português, enquanto o **mu** equivale ao singular e o **ntu** funciona como a base e significa “pessoa”. Dessa forma, as flexões banto, banta, bantos ou bantas carregam dupla flexão na língua portuguesa e distorcem o sentido original da palavra, devendo-se utilizar **bantu** para o plural e **muntu** para o singular.

² Embora o presente trabalho mantenha a denominação mais frequente sobre este grupo, Olderogge (2010) observa que esta designação constitui uma extrapolação da classificação linguística, uma vez que reúne dois povos distintos (os San e os Khoi-Khoi) num mesmo grupo. Para o autor, a análise das características antropológicas indica que os San e os Khoi-Khoi diferem consideravelmente uns dos outros.

Atualmente, o português possui o estatuto de língua oficial e é falado como segunda língua (doravante L2) por falantes nativos de línguas africanas, sobretudo as do grupo Bantu, e como primeira língua (doravante L1) por gerações de falantes formadas principalmente após a descolonização do país. A difusão do português decorre do processo de colonização portuguesa e das políticas linguísticas implementadas após a independência da nação, com destaque para a oficialização exclusiva do português na Constituição da República de Angola (2010), em seu artigo 19º.

Com base no último censo realizado no país (INE, 2016), o português é falado por 71% da população angolana, predominantemente nos centros urbanos, ao passo que as línguas autóctones são as mais faladas nas regiões rurais. Entretanto, alguns fenômenos do português falado e escrito pelos angolanos têm despertado a atenção de linguistas, por apresentarem propriedades gramaticais que o diferenciam do português europeu (doravante PE) e, conseqüentemente, reclamam o estatuto nacional de variedade para o português angolano (doravante PA). Essa variedade do português tem sido denominada de diferentes maneiras na literatura especializada: português de Angola ou angolano (Mingas, 1998), português vernáculo de Angola (Inverno, 2009) ou português angolano (Undolo, 2014).

Em Angola, a língua portuguesa sempre esteve em contato com as diversas línguas locais, o que teria desencadeado um processo de mudanças que resultaram na emergência de características gramaticais alheias aos padrões do PE. Dessa forma, diversos estudos sobre a formação do PA têm procurado abordar o papel desempenhado pelos aportes africanos na história da língua, destacando como as dinâmicas de contato interlinguístico atuaram fortemente na emergência de propriedades do PA. Sob essa perspectiva, as línguas bantu recebem especial atenção porque a maioria dos angolanos aprendentes de português possuía uma língua deste grupo como L1.

A partir da perspectiva do papel do contato linguístico na formação do PA, alguns estudos empreenderam uma análise sobre a influência do contato linguístico na formação da gramática desta variedade de português, buscando confirmar se os traços gramaticais distintivos do PA, em relação ao PE, configuravam eventual transferência resultante do contato.

Petter (2009) propõe a existência de um continuum de português constituído por variedades africanas e o português brasileiro (doravante PB), apontando a

existência de traços gramaticais similares ou idênticos entre essas variedades e o seu distanciamento em relação ao PE. Nesse sentido, alguns dos traços inovadores do PA aparecem no português adquirido como L2 por falantes nativos de línguas do grupo bantu e se consolidam no processo de aquisição do português como L1, evidenciando o papel do contato na gênese das variedades não europeias e ratificando a proposta do continuum linguístico África-Brasil do português.

Os trabalhos efetuados sob a perspectiva do continuum África-Brasil não observaram apenas semelhanças gramaticais entre o PA e outras variedades coloniais, mas também trataram de afirmar a diferença destas variedades relativamente ao PE. Por essa razão, entendemos que a análise sobre a identidade do PA deve contemplar o conjunto de variedades de português faladas em África e na América do Sul (Brasil), conforme a proposta de Petter (2009). Para a autora, o continuum África-Brasil resulta do contato de uma multiplicidade de línguas marginalizadas (no caso de Angola, as línguas africanas) com uma língua dominante comum e de diferentes contextos de aprendizagem (no caso, a língua portuguesa).

Diante dessa realidade, parece pertinente, portanto, abordar a identidade do PA dentro do continuum afro-brasileiro do português, uma vez que investigações dessa natureza podem fornecer subsídios para a análise do papel do contato na formação das variedades de português não europeu, revelando os elementos que atuam nas relações sociais entre os diferentes povos. O estudo sobre o papel do contato, especialmente com as línguas do grupo bantu, é bastante propício devido ao contato linguístico que se estabeleceu entre portugueses e falantes de línguas bantu em África e no Brasil, em virtude do tráfico de milhões de africanos.

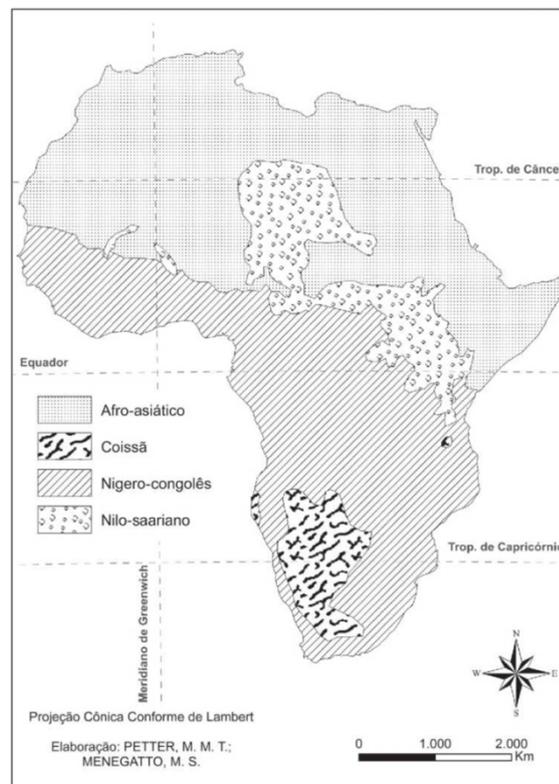
O *corpus* analisado nesta pesquisa foi obtido por meio de um trabalho de campo realizado na província (estado) de Luanda. Trata-se da capital do país e de uma província que apresenta uma complexa situação sociolinguística, dado que a língua portuguesa coabita, em função do constante afluxo populacional, com diferentes línguas alóctones e autóctones. O contato que se estabelece entre o português e as diferentes línguas, em Luanda, com destaque para as línguas de origem africana pertencentes ao grupo bantu, levou o português a mudanças nos diferentes níveis de análise linguística – lexical, semântico, fonético-fonológico, morfológico e sintático.

2. Aspectos sociolinguísticos de Angola

Embora pareça trivial a afirmação de que a África é um continente com uma grande diversidade social, cultural, política e linguística, o reconhecimento dessa heterogeneidade nem sempre ocorre fora do continente ou de círculos de especialistas. Por exemplo, Figueiredo e Coelho (2012) e Conceição (2013) discutem a ideia de África difundida no Brasil e apontam que o continente africano é visto de maneira estereotipada e exclusivamente como um espaço natural, de morte, fome e miséria. Dessa maneira, os autores assinalam a necessidade e a premência do reconhecimento da diversidade linguística, histórica, antropológica, cultural e político-social do contexto africano.

Do ponto de vista estritamente linguístico, tal diversidade pode ser observada a partir do estudo de Greenberg (1963), que classificou as línguas africanas em quatro grandes troncos, a saber: nigero-congolês, afro-asiático, nilo-saariano e khoisan.

Mapa 1: Troncos linguísticos africanos



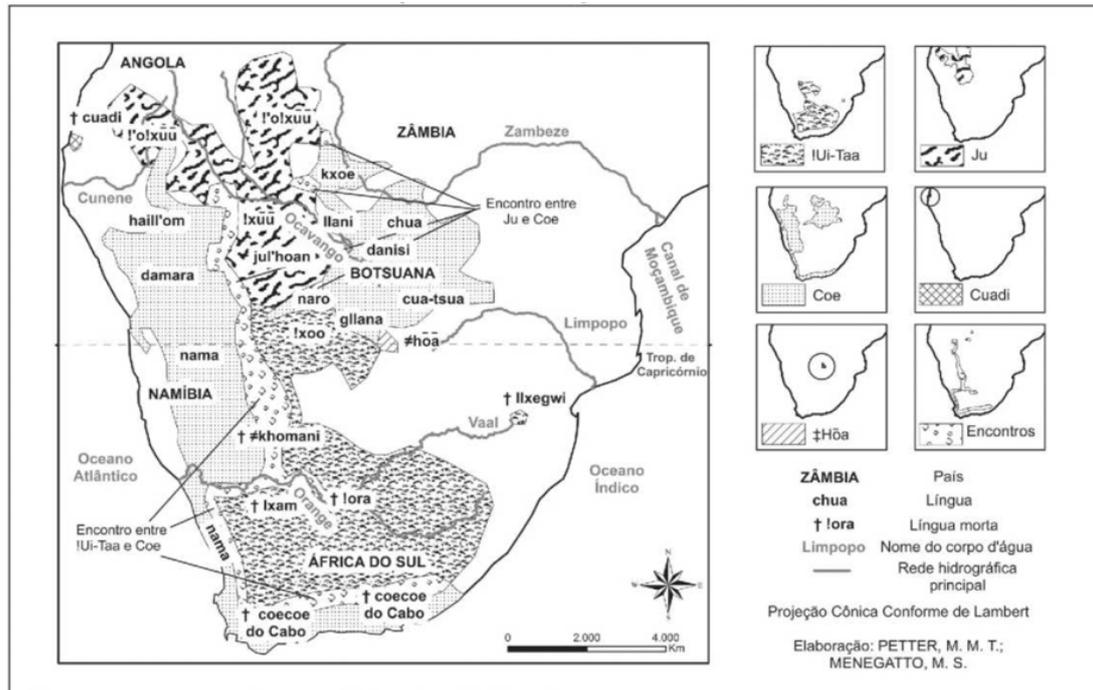
Fonte: Petter (2015, p. 52)

Angola já acolhia diversas línguas de origem africana antes da sua Independência, em 1975. Zau (2011) aponta que, na atualidade, o português é considerado oficial e a expressão “língua nacional” é utilizada, em geral, para se referir às várias línguas aborígenes. No entanto, o autor afirma que fatores como a expansão territorial, o número de falantes como língua materna e o estatuto de língua oficial, têm contribuído para o reconhecimento da nacionalização da língua portuguesa, pelo que utiliza, para as línguas autóctones, a expressão línguas nacionais de origem africana, enquanto designa o português como língua nacional de origem europeia.

Estudos sobre a situação sociolinguística de Angola concluíram que as línguas do grupo bantu, que representam a maioria das línguas no território angolano, coexistem com línguas khoisan (Khoi, do povo Hotentote, e o San, do povo Vakankala), faladas nas localidades do Menongue, Calai, Cuangar, Cuíto-Cuanavale, Dirico, Mavinga, Rivungo e Nancova (Undolo, 2014). É importante referir que os povos khoisan são os primeiros habitantes do atual território angolano, uma vez que o ocupavam antes da chegada dos povos de matriz bantu.

As línguas khoisan representam o menor dos quatro troncos linguísticos africanos e estima-se que existam apenas 24 delas no continente, espalhadas entre o Botsuana, Namíbia, Angola, Zâmbia, Zimbábue, África do Sul e vale mencionar a presença de duas línguas isoladas desse tronco na Tanzânia (Petter, 2015). A autora assinala que é possível afirmar que existam cerca de 200 mil usuários de línguas khoisan e que elas apresentam um dos sistemas fonéticos mais complexos do mundo, quer pela presença particular de cliques, quer pela presença de raros traços tipológicos que se somam a uma enorme diversidade fonológica.

Mapa 2: Línguas do tronco khoisan na África Austral

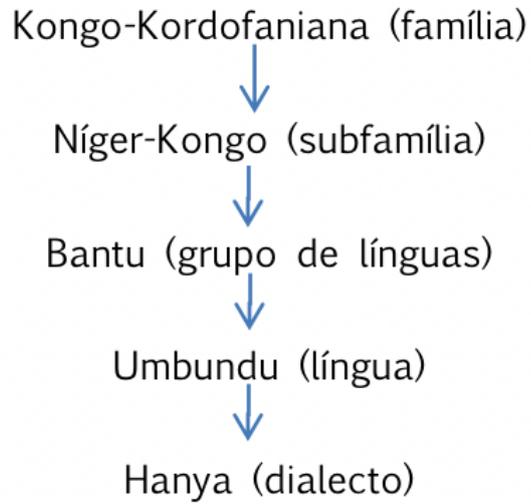


Fonte: Petter (2015, p. 79)

Kondja (2022) afirma que os khoisan (!Khun-San ou os Khoi e os San) vivem em comunidades rurais e distribuem-se por três sub-regiões no Sul de Angola, nomeadamente sudeste (Cuando-Cubango), sudoeste (Huíla) e sul (Cunene). O autor argumenta ainda que existem três grandes famílias de línguas Khoisan na região austral do continente africano (!Ui-Taa ou Tuu - Khoisan do Sul -, Khoe/Khoekhoe - Khoisan do Centro - e JU - Khoisan do Norte -) e que as línguas angolanas desse grupo incluem o Khwedam (Khwe), o !Khun e o Ju (hoansi), com pouco mais de 14 mil usuários e sendo o Cuando-Cubango a província com mais falantes (12.000).

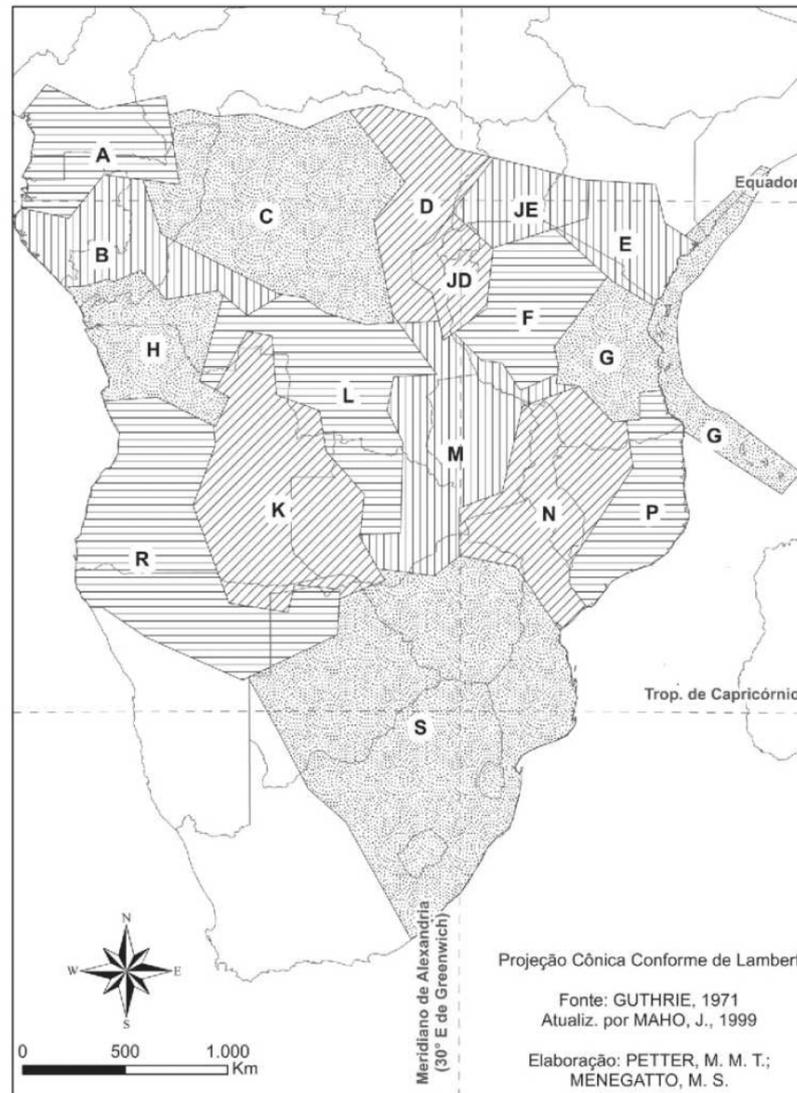
As línguas bantu em Angola, tais quais o umbundu, kimbundu, cokwe, ngangela, nyaneka, kwanyama, mbunda, ciluba, ciluvale, ocihelelo, ndonga, kikongo, humbi fazem parte do tronco nigero-congolês, da família kongo-kordofaniana (Undolo, 2014), designando um grupo de línguas, como se pode ver na figura representada abaixo.

Figura 1: Família das línguas bantu



Fonte: Undolo (2014, p. 65)

De acordo com Petter (2015), as línguas bantu constituem o maior grupo do tronco linguístico nigero-congolês e possuem traços fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexicais comuns, sobretudo pela presença de um sistema de classes nominais. Nesse sentido, vale referir que Guthrie (1967) classificou geograficamente as línguas bantu e as classificou em 16 zonas (**A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R e S**).

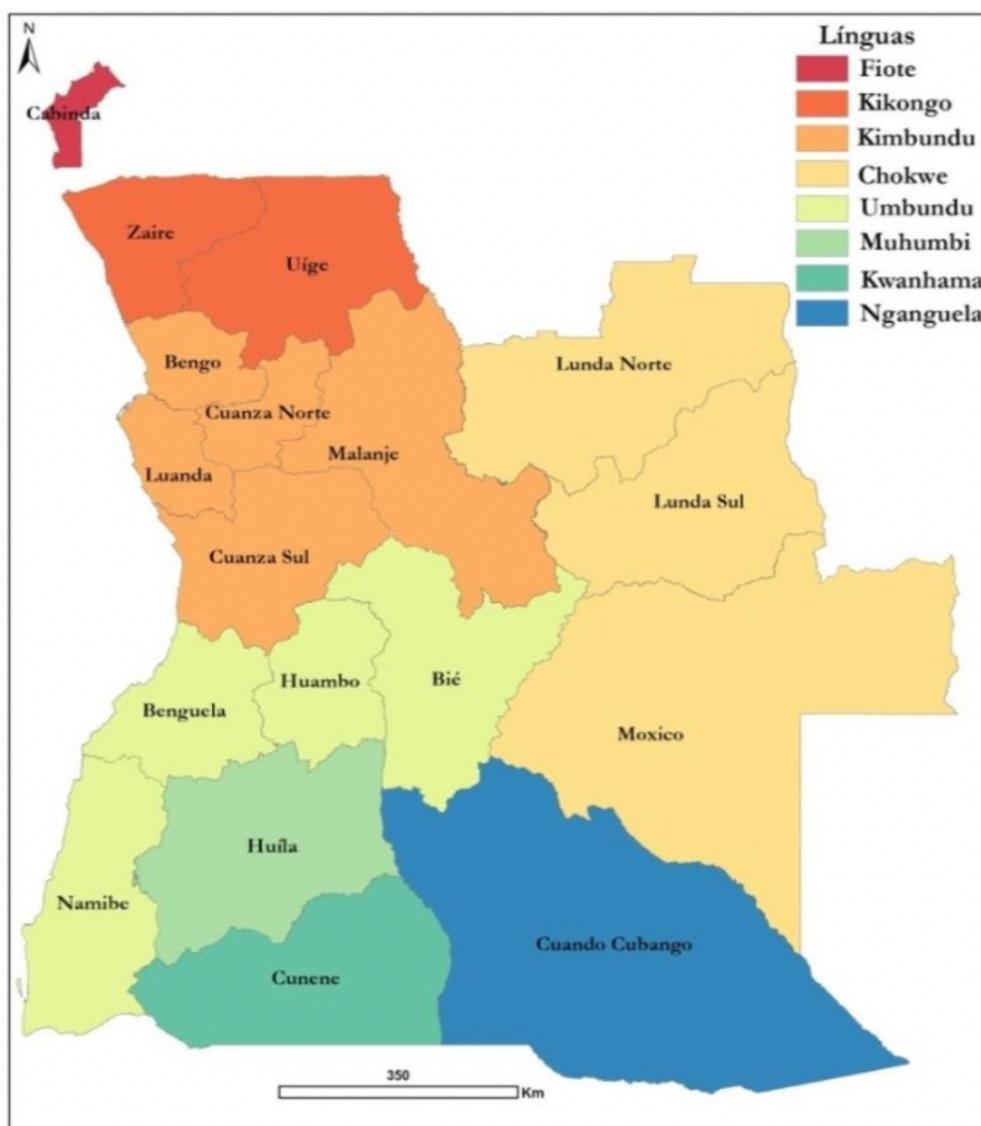
Mapa 3: Classificação das línguas bantu

Fonte: Petter (2015, p. 61)

Com base no mapa acima, as línguas bantu angolanas ocupam as zonas **H**, **K** e **R**, fazendo parte da área do Sudoeste (SW). Nesse sentido, o estudo de Maho (2009) apresentou uma versão atualizada de classificação das línguas bantu, distribuindo as línguas de Angola da seguinte forma: o grupo Kikongo (com a sigla H10) acolhe as línguas ndingi/ndinzi (H14), mboka (H15) e kikongo (H16); o grupo Kimbundu (com a sigla H20) reúne as línguas kimbundu (H21), sama (H22), bolo/haka (H23), songo (H24), mbangala (H34) e shinji/ yungo (H35); o grupo ciokwe-Luchazi (com a sigla K10) é formado pelas línguas chokwe (K11), luimbi (K12a), ngangela/nyemba (K12b), Luchazi/lujazi/ponda (K13), Lwena/Luvale (K14), mbumba

(K15), nyengo (K16), mbwela (K17), nkangala (K18); o grupo Umbundu (com a sigla R10) é composto pelas línguas kuvale (R101), kwisi (R102), mbali/olumbali/kimbari (R103), umbundu (R11), ndombe (R12), yaneka (R13) e khumbi (R14); o grupo Wambo (com a sigla R20) apresenta as línguas wambo/Oshiwambo/Ovambo (R20), kwanyama (R21), dialetos kafima (R211), kwankwa (R216), ndongwena (R215), evale (R212), mbandja (R213), domdondola (R217) e esinga (R218); por fim, o grupo Herero (com a sigla R30) acolhe as línguas herero/otjiherero (R30) e zemba (R311).

Mapa 4: Línguas autóctones mais faladas em cada província



Fonte: INE (2016, p. 51)

Constata-se, a partir do mapa acima, que as línguas bantu são as línguas autóctones mais faladas nas províncias do país. Mas existe controvérsia em torno do

número de línguas desse grupo em Angola: a classificação de Maho (2009) identificou cerca de 29 línguas e 7 dialetos³; Redinha (1975) e Mudiambo (2013) indicaram 9 línguas (kimbundu, kikongo, helelo, kwanyama, oxindonga, umbundu, ngangela, nyaneka e cokwe); Zau (2011) registrou 10 línguas (kimbundo, kicongo, fiote/ibinda - resultante do processo de dialetização do kikongo - cokwe, ngangela, umbundu, nhaneca, herero, kwanyama e cindonga) e Undolo (2014) enumerou 16 línguas (umbundu, kimbundu, cokwe, ngangela, nyaneka, kwanyama, mbunda, ciluba, ciluvale, ocihelelo, ndonga, kikongo, humbi, hanya, nyemba e o kyombe). A controvérsia pode ser associada à falta de estudos mais profundos sobre a situação sociolinguística do país, aos métodos de pesquisa utilizados para a investigação das línguas e à confusão sobre as noções de língua e dialeto. Sobre isso, Undolo (2014) explica que o kyombe é considerado dialeto do kikongo em Angola, mas é uma das línguas oficiais do Congo.

Observa-se que Angola é marcada por uma notável heterogeneidade sociolinguística, com realce para a presença majoritária de povos e línguas africanas do grupo bantu. Apesar disso, as línguas de origem africana, sobretudo aquelas pertencentes aos grupos khoisan (!Khun-San ou os Khoi e os San), são marginalizadas pelas políticas linguísticas e educacionais do Estado angolano e correm sérios riscos de extinção. Deve-se, a fim de proteger a diversidade sociolinguística ali presente, desenvolver ações que promovam a descrição, a documentação e o uso obrigatório nas diversas ações da relação dos cidadãos com o Estado.

2.1 Domínio colonial português em Angola

Esta secção pretende abordar acontecimentos históricos para a compreensão do processo de exploração colonial portuguesa em Angola, assinalando que os navegadores portugueses chegaram à África com objetivos econômicos, religiosos, políticos e estratégicos definidos. Nesse sentido, a historiografia mostra que documentos papais do século XV, com destaque para as bulas Dum Diversas (1452) e Romanus Pontifex (1455), serviram de instrumentos importantes para iniciar e legitimar a colonização portuguesa no continente africano. A Dum Diversas (1452),

³ “É importante observar que dialeto, aqui, não corresponde a uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim – como é equivalente a variedade - ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional” (Coelho et al., 2015, p. 15).

por exemplo, foi dirigida a D. Afonso V de Portugal pelo Papa Nicolau V, através da qual o líder religioso autorizava o rei de Portugal a conquistar sarracenos e pagãos e fazê-los escravos perpétuos.

As múltiplas motivações impulsionadoras dos Descobrimentos portugueses estão claramente expressas nas bulas papais promulgadas ainda em vida do Infante D. Henrique e no tempo dos seus sucessores imediatos. Provou-se que o que está escrito nesses documentos segue de perto o conteúdo dos pedidos preliminares de promulgação, feitos pela Coroa portuguesa. As três bulas mais importantes foram a Dum diversas, de 18 de Junho de 1452, a Roma-nus Pontifex, de 8 de Janeiro de 1455, e a Inter caetera, de 13 de Março de 1456. Na primeira, o Pontífice autoriza o rei de Portugal a atacar, conquistar e submeter Sarracenos, pagãos e outros descrentes inimigos de Cristo; a capturar os seus bens e territórios; a reduzi-los à escravatura perpétua e a transferir as suas terras e territórios para o rei de Portugal e para os seus sucessores. Alguns autores modernos afirmam que com esta bula visava-se apenas as campanhas portuguesas em Marrocos, onde a luta tinha continuado desde a conquista de Ceuta, mas as palavras da bula não afirmam nem implicam tal limitação. Além disso, em 1452, os Portugueses sabiam perfeitamente que a população de Marrocos era exclusivamente muçulmana. A referência aos pagãos e a outros inimigos de Cristo deve, seguramente, dizer respeito à população do litoral sariano e aos negros da Senegâmbia, com quem os Portugueses haviam já tido contactos (Boxer, 1969, p. 43-44)

Verifica-se que uma série de motivações direcionaram os exploradores portugueses para o continente africano, embora a exploração tenha sido mascarada por muito tempo por um pretenso zelo religioso e curiosidade científica. A ambição pelas riquezas e a religião nunca entraram em contradição ou se mostraram incoerentes para os colonizadores.

Em 1482, navegadores portugueses comandados por Diogo Cão chegaram à foz do rio Zaire/Nzandie iniciaram contatos com as populações locais e a descoberta do reino do Congo, acontecimentos determinantes para o posterior estabelecimento de um longo período de dominação econômica, religiosa, política, linguística, cultural, combinando a espoliação das riquezas com a escravização dos povos africanos que habitavam a região. A esse respeito, Araújo (2019) afirma que o interesse português em Angola foi essencialmente econômico e tinha o comércio de escravos como principal atividade, sendo que o país foi o principal fornecedor de escravos para exportação.

Os povos nativos de Angola tinham línguas, culturas, formas de organização político-social, lógicas e hierarquias de poder próprios. Entretanto, os colonos portugueses banalizaram tais especificidades sociopolíticas e consideraram as populações autóctones como selvagens (gentios), levando-as, mediante

epistemicídio, à assimilação na cultura e valores da metrópole. A noção de selvagens (gentios) possuía um caráter predominantemente etnocêntrico e legitimava os projetos de conquista ou dominação pelos representantes da civilização: administradores, missionários e colonos (Araújo, 2019).

Após a chegada ao reino do Congo e pela dificuldade de comunicação provocada pelas diferentes línguas faladas pela população local e pelos navegadores portugueses, Diogo Cão “apoderou-se de alguns rapazes mais afoitos que haviam entrado nos navios e levantou ferro para Portugal. Mas prometeu que, ao fim de quinze luas, estaria de regresso com eles” (Gabriel, 1991, p. 7-8). Entre 1495 e 1521, Congo e Portugal estabeleceram e intensificaram relações comerciais e diplomáticas que estabeleceria uma posterior relação de vassalagem que buscava lusitanizar o Congo, tornando-o política e religiosamente semelhante a Portugal (Francisco, 2021).

Entre 1520 e 1560, a região do Ndongo, que compreendia o território localizado entre os rios Kwanza, Lukaka e abrangia as províncias de Ilamba, Lumo, Massangano, Ambaca, Cambambe Ari e Uмба, começou a ganhar mais espaço nos projetos políticos portugueses. Nos anos seguintes, entre 1575 e 1639, a política de dominação indireta foi substituída pela sujeição dos líderes das regiões interioranas (os sobas) por meio da guerra, abrindo caminho para o trânsito de mercadorias e comerciantes portugueses (Araújo, 2019). Vale referir que, no ano de 1641, ocorre a ocupação holandesa de Angola, motivada pela procura de escravos para exploração e comercialização. No entanto, a ocupação de Angola pela Holanda terminou em 1648, quando Portugal retomou o controle do território e do tráfico na região.

Durante os anos 1648 e 1879, Angola funcionou como entreposto de comércio transatlântico de escravos e isso mudaria apenas na década de 1880, quando ocorre a colonização das terras altas da Huíla e se estabelecem as bases para a posterior transformação de Angola numa colônia de povoamento português (Pimenta, 2017). Nos anos seguintes, Portugal passou a negociar os limites geográficos das suas colônias em África, assinando, em 1886, com a França e a Alemanha, dois acordos que definiram as fronteiras das suas possessões no continente (Sampaio, 2014). No entanto, o autor argumenta que interesses na região levaram a Inglaterra a não reconhecer tais acordos e iniciaram uma disputa político-militar que seria encerrada apenas em 1891.

O sistema administrativo colonial promoveu várias ações para manter e aprofundar a escravidão e o tráfico em Angola, apesar de campanhas conduzidas para

o fim da exploração e violência no país. O fim do tráfico de escravos no país data da segunda metade do século XIX, ocorrendo, em 1836, o fim da exportação de escravos nas possessões portuguesas. Todavia, a escravidão interna permaneceu ligada ao sistema produtivo da época, especificamente nas plantações de açúcar, algodão e produção de café (Afonso, 2020), havendo forte presença de mão de obra escrava em diferentes proporções do território angolano.

No período de 1891 e 1902, com a questão da ocupação das colônias africanas no centro da política portuguesa, ocorreram tentativas de direcionar os imigrantes portugueses para o continente (Sampaio, 2014). Nesse sentido, o autor aponta que os passaportes para as colônias passaram a ser gratuitos em 1896 e deixaram de ser exigidos aos viajantes em 1907, sendo que a política migratória até 1930 intentou desviar as correntes migratórias Portugal-Brasil para as possessões portuguesas em África. Na década de 1940, o regime de Salazar passou a incentivar a emigração de cidadãos portugueses para Angola e outras colônias portuguesas em África.

A segunda metade do século XX foi marcada pelo aumento de ações de insurreição dos angolanos contra o regime colonial, como a revolta dos camponeses da baixa de Kassanje, em 4 de janeiro de 1961, violentamente reprimidas pela administração colonial. No decurso da década de 60, movimentos concorrentes para a independência de Angola, o MPLA, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), desencadearam a guerra contra a administração colonial e lideraram o processo de libertação nacional.

Os três movimentos apresentavam especificidades sociopolíticas, sendo a FNLA, liderada por Holden Roberto, e a Unita, liderada por Jonas Savimbi, organizações moderadas e pró-Occidentais de matriz étnica bantu do norte e do sul de Angola, respectivamente. O MPLA, liderado por Agostinho Neto, era de tendência marxista-leninista e matriz interétnica (Visentini, 2012).

No dia 4 de fevereiro de 1961, um mês após a revolta da baixa de Kassanje, foi iniciada a luta de emancipação de Angola, também conhecida como Luta Armada de Libertação Nacional ou 4 de Fevereiro. Na ocasião, um grupo composto por 200 nacionalistas angolanos atacou, em Luanda, instituições controladas pelo regime colonial português, tais quais a casa da reclusão militar, as prisões da PIDE e da 7ª esquadra da polícia de segurança pública, assim como a emissora oficial de Angola.

O longo e tenso processo de luta de emancipação Angola teve como corolário a independência do país, no dia 11 de novembro de 1975. Agostinho Neto tratou de proclamar a independência de Angola e constituiu-a como República Popular. Contudo, após a independência, o país experimentou anos de guerra civil (intercalados entre 1972 e 2002), sendo incapaz de planificar sua economia e tentar uma estratégia de desenvolvimento consoante os seus interesses (Manoel e Landi, 2020).

2.2 Processo de ocupação, fundação e evolução da província de Luanda

Apesar de os primeiros contatos entre angolanos e portugueses terem acontecido no século XV, mais especificamente em 1482, a colonização efetiva de Angola só ocorreu 93 anos depois, em 1575, quando, acompanhado de outros colonos, Paulo Dias de Novaes desembarca na ilha de Luanda. Em 1576, Paulo Dias de Novaes funda, sob o nome de São Paulo da Assunção de Loanda, a cidade de Luanda (atual capital de Angola). Entretanto, o crescimento socioeconômico e demográfico da província foi lento, havendo pouca presença de colonos portugueses nessa altura (Vansina, 2001). Foi preciso aguardar até o século XX para que fossem fixadas as bases para uma comunidade de colonos em Luanda e no resto do espaço que hoje é Angola.

O marco histórico da luta anticolonial e do processo de emancipação nacional, também conhecido como Guerra de Independência de Angola ou Luta de Libertação Nacional, foi a insurreição dos angolanos, com destaque para os ataques às prisões de Luanda, contra a dominação colonial portuguesa, no dia 4 de fevereiro de 1961. Militantes do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e da UPA (União das Populações de Angola) participaram da insurreição e reivindicam a sua autoria. Nesta província, foi proclamada a independência de Angola, mencionada na secção anterior.

Passando por diversas transformações político-administrativas após a independência, a província de Luanda possui atualmente 9 municípios (Icolo-e-Bengo, Luanda, Quiçama, Cacuaco, Cazenga, Viana, Belas, Kilamba Kiaxi e

Talatona) distribuídos ao longo de uma extensão territorial de 18.826 km², conforme mostra o mapa.

Mapa 5: Municípios de Luanda



Fonte: <https://governo.gov.ao/provincia/luanda>

Luanda é caracterizada pela heterogeneidade étnica e linguística de sua população, com destaque para a etnia ambundu e a língua kimbundu. Trata-se da província Luanda mais populosa e apresenta a maior densidade populacional com 368 habitantes por quilômetro quadrado, cerca de 18 vezes superior à média do país; tem a maior taxa de alfabetismo (85,9), a maior proporção de população com ensino superior concluído (5,4%) e é o principal centro econômico do país (Angola, 2016).

3 Contextualizações do estado da arte sobre o PA

Esta secção aborda o estado da arte (estado do conhecimento) sobre o PA, a fim de conhecer e compreender o que já foi construído e produzido sobre esta variedade do português. Em relação ao procedimento metodológico de averiguação do estado da arte, efetuaremos o levantamento de diversos estudos (ensaios, artigos, dissertações, teses, livros e outros) publicados sobre o tema. Como principal ferramenta de busca para este *corpus* específico, utilizamos a plataforma Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira⁴, que inclui, dentre outras coisas, uma produção científica sobre variedades do português em África, Ásia e América do Sul. Esta plataforma, que conta com a colaboração de especialistas de diferentes universidades e centros de pesquisa, disponibiliza referências e textos originais de estudos publicados em livros e revistas científicas, assim como de obras trabalhos de bacharelato, licenciatura, mestrado, doutorado e textos não publicados.

Figura 2: Ferramenta de busca da CÁTEDRA “PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA E ESTRANGEIRA”

Fonte: <https://catedraportugues.uem.mz//bibliography-search/1>

A bibliografia sobre o PA, organizada por Liliana Inverno e Carlos Figueiredo, está inserida numa base de dados que torna possível a realização de buscas em função dos seguintes critérios: tipo de obra, autor, data de publicação e palavra-chave

⁴ <https://catedraportugues.uem.mz//variedades-nao-europeias>

do título. Foram localizados 369 trabalhos, dentre os quais 224 artigos (livro + revista + ata), 3 monografias, 34 livros, 78 dissertações, 29 teses e 1 tese de livre docência.

Diferente do PB e do PE, o PA ainda não dispõe de uma quantidade expressiva de estudos para os diferentes níveis de análise linguística ou paradigmas teóricos. Mas existe uma recente, fértil e dispersa produção sobre esta temática (Santos, 2021), com destaque para a realização de alguns trabalhos que buscam entender a formação dessa variedade e suas especificidades em relação ao PB e ao PE, considerando o cenário sociolinguístico de intenso contato da língua portuguesa com diferentes línguas africanas, mais as questões sociais, históricas e políticas do país.

O estudo de Schuchardt (1888) figura como a primeira descrição sobre o PA, embora as primeiras descrições mais ou menos sistemáticas desta variedade remontem à década de 1980, com destaque para os trabalhos de Laban (1982), Gärtner, (1983), Carvalho (1985), Lima (1985), Mendes (1985), Endruschat (1986), Gärtner (1986), Jarushkin (1986), Perl (1986), Endruschat (1989), Gärtner (1989a), Gärtner (1989b), Gärtner (1989c), Massa (1989), Perl (1989), Perl (1989b), Cuesta (1990), Endruschat (1990a), Endruschat (1990b) e Marques (1990).

Na década seguinte, surgem os trabalhos de Carvalho (1991), Dias (1991), Endruschat (1991), Hamilton (1991), Endruschat (1993a), Endruschat (1993b), Bonvini (1994), Chabal (1995), Vilela (1995), Campo (1996), Endruschat (1996), Gärtner (1996), Martinho (1996), Costa (1997), Gärtner (1997), Ribas (1997), Ançã (1998), Mingas (1998), Brookshaw (1999), Gonçalves (1999), Macedo (1999), Vilela (1999) e Mingas (2000). É importante notar que, em geral, os trabalhos das décadas de 1980 e 1990 tratavam as especificidades do PA como "desvios" ou "erros" em relação ao PE.

Ao falar de uma literatura sobre o PA, torna-se imprescindível mencionar os trabalhos "O português em Angola: Reflexões" (1998), "Interferência do kimbundu no português falado em Luanda" (2000) e "Ensino da Língua Portuguesa no Contexto de Angola" (2002), da autoria de Amélia Arlete Dias Rodrigues Mingas⁵. Dentre os três, o foco recaí sobre a pesquisa "Interferência do kimbundu no português falado em Luanda" (2000), pelas reflexões sobre o português falado pelos angolanos, o papel

⁵ Nascida em 17 de dezembro de 1940, em Luanda (Angola), é Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa (1981), mestre em ciências da linguagem (entre 1987 e 1988) pela Universidade de Paris V, e doutora pela mesma universidade (1995).

das línguas africanas e dos aspectos sócio-históricos de Angola na formação de uma nova variedade de português.

O trabalho “Interferência do kimbundu no português falado em Luanda” é resultado da tradução de seu trabalho desenvolvido para a obtenção do mestrado em Ciências da Linguagem (entre 1987 e 1988), na Universidade de Paris V, sob supervisão de Louis-Jean Calvet. Em um trabalho recente sobre as contribuições da autora para a uma historiografia linguística angolana, Santos (2021) toma a referida pesquisa como o trabalho "seminal" de Mingas, dado que inclui, já na data em que o texto foi desenvolvido em francês (1988), indícios de uma percepção da existência de um "português de Angola". Nesta obra, Mingas efetua um dos primeiros estudos sobre algumas características do português falado em Angola, destacando a influência do kimbundu na variedade falada em Luanda.

Mingas (2000) considera imprescindíveis os aspectos sociolinguísticos, como a comunidade em que ocorre a mudança, na compreensão da progressão da mudança linguística. Ela também argumenta que o contato entre as duas sociedades pressupõe dois sistemas linguísticos diferentes, que estão na base de muitas mudanças gramaticais que caracterizam o PA face ao PE. Nesse sentido, ela descreve a organização social da sociedade colonial (formada por portugueses e angolanos) e demonstra que o português se beneficiou do estatuto de língua de prestígio, tornando-se cada vez mais falada em Angola. Por fim, ao abordar a introdução de elementos de uma língua na segunda língua a ser aprendida em situações de contato, Mingas (2000) aponta que, a despeito de ser uma língua menos prestigiada e dos tipos de relações que caracterizavam a sociedade colonial, o português foi a língua que mais sofreu a interferência do kimbundu.

No início da década de 2000, foram publicados alguns estudos sobre a situação do português em Angola, o planejamento e a política linguística, o contato e a mudança linguística. Dos trabalhos publicados nesse período, destacamos os estudos de Miguel (2003) sobre a dinâmica da pronominalização no português de Luanda, Cabral (2005) sobre complementos verbais preposicionais do português em Angola, e Chavagne (2005) sobre a língua portuguesa de Angola e os desvios em relação à norma europeia do português. O trabalho de Miguel (2003), por exemplo, entende a influência do kimbundu (substrato em Luanda) como uma interferência negativa e a principal razão dos “desvios” verificados no uso dos pronomes pessoais nesta província.

Os anos seguintes foram marcados pelo aumento da produção científica sobre o PA pelos autores angolanos, a maioria delas como resultado de trabalhos realizados para a conclusão dos níveis de mestrado e doutorado. Enquadram-se nestes casos, por exemplo, os estudos desenvolvidos por Neto (2009) sobre o perfil linguístico e comunicativo dos alunos da Escola de Formação de Professores Garcia Neto (Luanda-Angola), Domingos (2010) sobre pistas para identificação forense de falantes, a partir da nasalidade vocálica em português, Zau (2011) deu um contributo para o estudo da nacionalização da língua portuguesa em Angola, Bento (2012) abordou os desvios do português a nível da sintaxe nos jornais publicados em Luanda, Chitongua (2012) estudou as competências linguísticas em português a partir do uso dos conectores na língua portuguesa vs na língua bantu umbundu; Filipe (2012) abordou sobre as causas e soluções dos erros na produção escrita de estudantes dos primeiros anos da faculdade de letras e ciências sociais de Luanda, Undolo (2014) realizou um estudo sobre a caracterização da norma do português em Angola; e Inverno (2011) abordou a reestruturação induzida por contacto ou morfossintaxe portuguesa com evidências do Dundo (Angola).

Salta à vista a realização de tentativas de descrições e explicações dos fenômenos morfossintáticos da variedade angolana do português, considerando o papel do contato na emergência desta variedade. Destes, os estudos de Inverno (2004; 2006; 2009 e 2011) postularam a reestruturação parcial como hipótese explicativa para a origem do PA, Oliveira e Santos (2007) realizaram um estudo preliminar sobre pronomes nulos na posição de sujeito no PA, Petter (2007) elaborou uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas, Petter (2008) focalizou as variedades de português africanas e brasileira para defender a existência de um continuum afro-brasileiro de português, Santos (2010) estudou a periferia esquerda da sentença no PA, Figueiredo e Oliveira (2013) compararam os sistemas de pronominalização do português do Libolo (Angola) e português afro-indígena de Jurussaca (Brasil), Figueiredo e Santos investigaram as construções [Foc+Que] no português do Município do Libolo, Negrão e Viotti (2014) trataram dos impactos na gramática de impessoalização do PB e PA, a partir do contato entre kimbundu e português clássico, enquanto Santos (2015) apresentou uma proposta de análise derivacional a partir de sentenças marcadas para o foco no português do Libolo.

Alguns dos trabalhos citados resultaram de pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Libolo, no município de Libolo, província do Kwanza-Sul, Angola. O projeto, coordenado por Carlos Figueiredo (Universidade de Macau) e Márcia Oliveira (Universidade de São Paulo), enfocou, em sua primeira fase (2013), a descrição e análises do PA, mais especificamente o português falado no município do Libolo. No ano de 2018, o projeto entrou em sua fase 2 e ampliou a descrição e análises da variante do português de Luanda, atestando também a ampliação da comparação do PA com línguas bantu, o PB, o PE e com línguas crioulas de base portuguesa.

Sob a ótica do contato, dois livros sobre as variedades de português faladas na África atlântica e o PB foram publicadas em 2018. O primeiro, intitulado O livro O Português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, organizado por Márcia Duarte e Gabriel Araujo, explora a questão do efeito, sobre o PB e as variedades africanas do português, do contato com línguas africanas. Esta obra conta com nove trabalhos, divididos em quatro secções sobre os seguintes países: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. A secção sobre Angola conta com o trabalho “variedades de português angolano e línguas bantas em contato”, da autoria de Paulo Araújo, Margarida Petter e José A. José, e a pesquisa “aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil”, de Carlos Figueiredo. O primeiro, alerta sobre a necessidade de se conhecer melhor as línguas bantu que estiveram em contato com o português, para que se realize um trabalho mais satisfatório, tomando como particular o contato do PA com as línguas bantu em Angola. O segundo trabalho demonstra aproximações históricas e linguísticas entre o município do Libolo (Angola) e o Brasil, que remonta ao período do início do envio de escravizados africanos para o Brasil (século XV), muitos deles capturados e aprisionados clandestinamente na região do Libolo. Linguisticamente, registram-se semelhanças de ordem lexical e morfossintática entre o português falado no município do Libolo (doravante, PLB), variedades do português vernacular brasileiro (doravante, PVB) e o PB. Essas aproximações servem de evidências que permitem ratificar a proposta de um continuum de português formado por variedades africanas e brasileiras.

O segundo livro, “the portuguese language continuum in Africa and Brazil”, organizado por Álvarez-López, Avelar e Gonçalves, ocupa-se do estudo das variedades nas quais o português entrou em contato com línguas africanas, isto é, as variedades africanas e brasileira da língua portuguesa. Esta obra aponta o fato de que

as variedades africanas (crioulas e não crioulas) e brasileira foram formadas em situações de colonização e de contacto linguístico entre o português e línguas africanas. Assim, a partir de abordagens comparativas entre as variedades africanas e brasileira do português e línguas africanas de substrato, identificam-se semelhanças (e diferenças) gramaticais entre as variedades não europeias do português, afirmando a proposta do continuum.

Diferentemente das primeiras descrições e de alguns estudos realizados no início do século XXI, a maior parte dos estudos mais recentes sobre o PA avançou na análise das especificidades desta variedade e no reconhecimento delas como legítimas, inclusive para o uso no sistema de ensino em outras atividades da relação dos cidadãos com o Estado angolano. O conjunto de trabalhos sobre o PA resultou, dentre outras coisas, na publicação de alguns livros, dicionários e glossários, sendo que os estudos sobre as características estruturais desta variedade e os processos sociolinguísticos que levaram à sua formação constituem tópicos de pesquisa em ascensão desde os trabalhos publicados no início do século XXI.

Tendo como um dos principais precursores os mencionados trabalhos de Mingas (2000 e 2002), as pesquisas que se seguiram sobre a constituição do PA - produzidas, principalmente, no interior de programas de pós-graduação no Brasil e em Portugal – procuraram descrever e explicar a sua estrutura linguística, destacar as especificidades gramaticais face às outras variedades da língua portuguesa e vislumbrar, tanto do ponto de vista mentalista (que toma a língua como Língua-Interna⁶) como do ponto de vista social (que toma a língua como Língua-Externa), os processos sociais, políticos, históricos e linguísticos que conduziram à sua formação. Essas pesquisas, de modo geral, buscam evidenciar a necessidade de se compreender o papel desempenhado pelas línguas do grupo bantu na formação do PA.

⁶ Chomsky (1986) opera com a dicotomia Língua-I (Interna, Intensional e Individual) e Língua-E (Externa, Extensional). A língua-I, que constitui o objeto de estudo da gramática gerativa, diz respeito à representação mental do falante (sistema de conhecimento mental) e permite que ele distinga sentenças gramaticais ou agramaticais. Por outro lado, a Língua-E designa o dado linguístico observável. A esse respeito, Raposo (1992) afirma que, na literatura gerativa, o termo língua é sinônimo de gramática internalizada (Língua-I) ou de competência (o conhecimento que o falante-ouvinte tem da sua língua), em oposição à Língua-E ou desempenho (o uso concreto da língua pelo falante-ouvinte). Sob essa perspectiva, o objeto de investigação dos gerativistas não é o desempenho, mas sim a competência do falante-ouvinte.

A partir desse breve olhar sobre o estado da arte do PA, alguns desafios se colocam a pesquisas futuras sobre esta variedade: a) necessidade de realização de pesquisas, sobretudo recorrendo a métodos quantitativos, sobre a relação entre a história social do país e a estrutura linguística que emergiu desse contexto particular; b) estudos mais aprofundados sobre as línguas africanas em Angola, para um melhor entendimento dos efeitos do contato no PA e; c) o estabelecimento de uma agenda de investigação das interferências do português sobre as línguas africanas, principalmente as línguas bantu (Figueiredo e Oliveira, 2013; Araújo, Petter e José, 2018).

3.1 Por uma sócio-história da emergência do PA

A situação sociolinguística de Angola, no período entre 1575 e 1845, registrou o kimbundu como a língua mais falada na colônia, conquanto o português fosse a língua da administração colonial. A predominância do kimbundu é geralmente atribuída a fatores como à falta de escolas, a escassez de mulheres europeias e às doenças que reduziram o já pequeno número de portugueses que se deslocaram para colônia à época. Sob esse prisma, o fator demográfico constitui a principal razão para a situação sociolinguística desse período histórico, visto que os portugueses presentes na colônia sempre foram numericamente inferiores à população nativa.

Entre 1575 e 1605, a maioria dos filhos dos colonos portugueses falava uma língua africana como materna, principalmente o Kimbundu (VANSINA, 2001). Isso se deve ao fato de que a educação dos filhos dos colonos, conforme o autor, estava a cargo de suas mães africanas e das escravas da casa, que falavam majoritariamente essa língua africana. O período subsequente, entre 1620 e 1750, ficou marcado pelo fortalecimento do kimbundu como a língua mais falada entre as comunidades de africanos e de colonos na cidade de Luanda, de tal maneira que ela era utilizada em quase todos os lares da elite e nas interações diárias na cidade.

Segundo Vansina (2001), em 1700, o Kimbundu, apesar da imposição do uso do português pela administração colonial, já havia se tornado a língua geral (comum) da colônia portuguesa de Angola à época. É assim que, entre 1750 – 1822, os colonizadores buscaram, por meio do decreto de 1765, do governador Francisco Inocêncio da Sousa Coutinho, combater a africanização (que incidia principalmente

nos âmbitos linguísticos e religiosos) das elites coloniais, proibindo o uso do Kimbundu na educação dos filhos dos colonizadores e a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa pelos escravizados, reafirmando então a importância do idioma luso no projeto civilizacional do empreendimento colonial português. No entanto, Inverno (2009) observa que o decreto não produziu os efeitos esperados e a situação permaneceu quase idêntica até meados do século XIX.

Vale apontar que, a fim de coibir a utilização das línguas nativas e promover o uso exclusivo do português pelos africanos, pela elite colonial e os filhos desta, diversas ações oficiais foram realizadas pelos colonos portugueses ao longo da colonização em Angola. Das distintas ações que impactaram o uso das línguas em presença na colônia, destacamos as seguintes:

- i) Decreto nº 77 de 9 de dezembro de 1921 –Norton de Matos (Governador Geral e Alto-Comissário de Angola)
Art. 2º –Não é permitido ensinar, nas escolas das missões, línguas indígenas;
Art. 3º O uso das línguas indígenas só é permitido, em linguagem falada, na catequese, e como auxiliar, no período do ensino elementar da Língua Portuguesa.
- ii) Estatuto do Indigenato (1954) –Decreto-Lei 39666 Art. 2º Consideram-se indígenas das referidas províncias os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses (SANTOS, 2021, p. 578).

As ações portuguesas acima citadas intentaram coibir o uso das línguas nativas e menoscabaram a diversidade linguística ali presente, incentivando o monolinguismo no idioma luso. A título de exemplo, o uso do Kimbundu foi proibido em 1772 e as publicações nesta língua passaram a ser destruídas.

Pimenta (2017, p. 220) afirma que “o colonialismo demográfico é uma forma ou subtipo de colonialismo que tem como objetivo a reprodução da sociedade colonizadora num dado território submetido ao domínio colonial de uma potência externa, independentemente da existência de populações e culturas indígenas nesse local”. O autor aponta que esse tipo de colonialismo ocorreu em Angola essencialmente nos finais dos séculos XIX e XX. Nesse período, a população branca (alóctone) no país sempre foi bastante inferior à população negra (autóctone). Todavia, a eliminação da vasta população nativa nunca foi uma opção exequível, restando à administração colonial a adoção de políticas que combinaram propósitos de expulsão e de exploração económica dos africanos. Em todo caso, essa forma de

colonialismo elaborou mecanismos jurídicos e políticos orientados ao fortalecimento da dominação dos colonos lusos.

No tocante à presença dos portugueses em Angola, Petter, Negrão e Viotti (2018) afirmam ser o século XIX, após a Conferência de Berlim (1884-1885), o período em que Portugal criou uma política de incentivo à colonização de Angola, isto é, de ocupação e controlo da totalidade do território angolano, mediante a chegada de novos grupos de portugueses.

Foi somente a partir dos meados do século XX que o português foi se tornando gradualmente a língua mais falada nas áreas urbanas de Angola, fato justificado principalmente pelo aumento do número de colonos no país, com destaque para as áreas urbanas (INVERNO, 2009). A tabela abaixo faz uma estimativa da população de Angola no período entre 1845 e 1970:

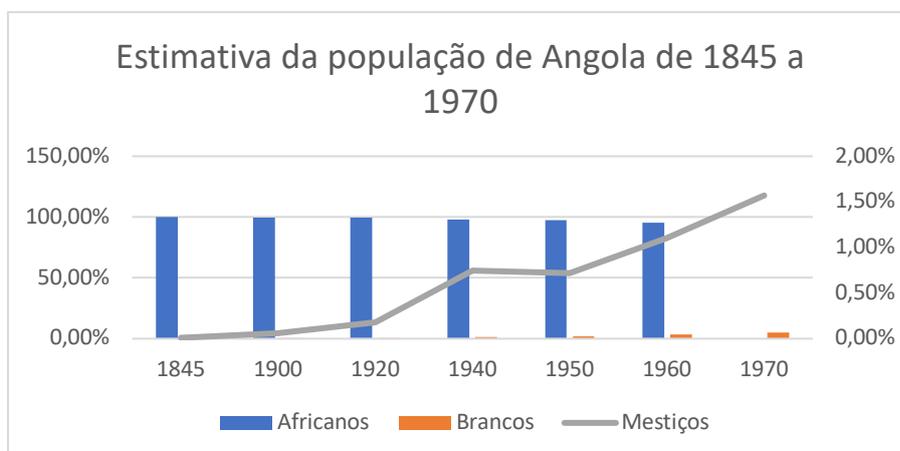
Tabela 1: Estimativa da população de Angola de 1845 a 1970

	1845	1900	1920	1940	1950	1960	1970
Africanos	99,9%	99,7%	99,3%	98,1%	97,4%	95,3%	---
Branco	0,03%	0,02%	0,48%	1,2%	1,9%	3,6%	5,1%
Mestiços	0,01%	0,06%	0,18%	0,75%	0,72%	1,1%	1,57%

Fonte: Inverno (2009, p. 3)

Os dados da tabela 1 demonstram o crescimento da população branca no decurso do tempo, alcançando seu maior contingente (5,1%) em 1970. No entanto, os africanos sempre representaram a esmagadora maioria da população do país, mantendo-se acima de 90% em todo o período analisado.

O gráfico 1 dá uma imagem do crescimento da população branca no território angolano a partir da segunda metade do século XX. Nele, pode-se ver nitidamente que as décadas de 60 e 70 foram aquelas em que se registraram os maiores contingentes de populações mestiça e branca.

Gráfico 1: População residente em Angola de 1845 a 1970

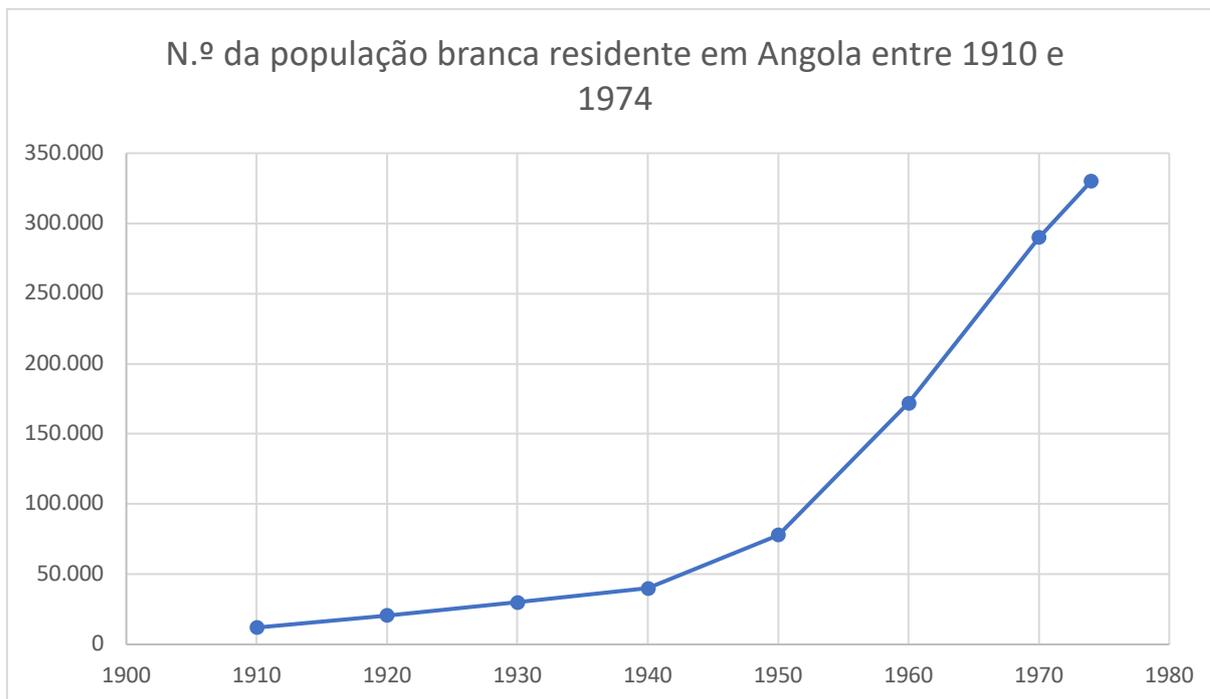
Fonte: Baseado em Inverno (2009, p. 3)

Em sentido similar, Pimenta (2017) argumenta que o número de colonos portugueses (brancos) em Angola registrou um aumento considerável na segunda década do século XX, especificamente após 1945. Conforme o autor, esse aumento foi tão significativo que, em 1974, mais de 5% dos seis milhões de habitantes de Angola eram brancos, representando, após a da África do Sul, a segunda maior comunidade branca do continente africano.

Tabela 2: População branca residente em Angola entre 1910 e 1974

Ano	N.º da população branca
1910	12.000
1920	20.700
1930	30.000
1940	40.000
1950	78.000
1960	172.000
1970	290.000
1974	330.000

Fonte: Baseado em Pimenta (2017, p. 227)

Gráfico 2: População branca residente em Angola entre 1910 e 1974

Fonte: Baseado em Pimenta (2017, p. 227)

Os dados da tabela 2, complementados pela ilustração do gráfico 2, evidenciam um crescimento da população branca desde 1910. Contudo, é a partir da segunda metade do século XX, concretamente em 1960, que o número de brancos residentes no espaço geográfico angolano vai registar um aumento expressivo, alcançando o seu maior contingente (330.000) em 1974, um ano antes da independência do país.

Vale destacar que o recrudescimento da população branca, tanto homens como mulheres, foi possibilitado pelas políticas de colonização dirigidas do Estado Novo⁷. Essas políticas consistiam fundamentalmente na criação de novos colonatos agrícolas e na expansão da economia ligada a produção de café (em virtude da expropriação de terrenos de agricultores autóctones). Conforme Pimenta (2017), elas levaram a um gradual desenvolvimento econômico de Angola e atraíram cada vez mais colonos brancos, formando uma pequena burguesia comercial, industrial e agropecuária.

Por conseguinte, somente no século XX, mais especificamente na década de 50, é que o português, além de ser a língua mais falada nas regiões urbanas de

⁷ Também conhecido como Salazarismo, em alusão ao chefe do governo António de Oliveira Salazar, a expressão designa o regime ditatorial em Portugal iniciado em 1933 e deposto com a Revolução dos Cravos, no ano de 1974.

Angola, ganha condições para a sua generalização em todo o país, uma vez que a maioria da população se viu, por diversas razões, na necessidade de dominar realmente este idioma (INVERNO, 2009).

“Por um lado, durante o Estado Novo (1928-1974), para serem reconhecidos como *assimilados*, os angolanos tinham de demonstrar saber ler, escrever e falar fluentemente em português, bem como vestirem e professarem a mesma religião que os portugueses e manterem padrões de vida e costumes semelhantes aos europeus. O domínio de uma variedade reestruturada do português não os tornaria, portanto, elegíveis. Era obrigatório dominar o português europeu, ainda que o acesso à educação fosse praticamente vedado à generalidade dos angolanos. Por outro lado, na década de 60, em resposta à influência crescente dos movimentos nacionalistas em Angola, Portugal investiu imenso na intensificação da sua presença no interior, nomeadamente através do fomento da criação de grandes colonatos agrícolas (Bender 2004: 185). Finalmente, durante a década de 70, o exército português agrupou grande parte da população do interior, especialmente no Leste, em *aldeamentos*, i.e. “vastas aldeias organizadas pelos militares, muitas vezes rodeadas de arame farpado, onde se agrupavam africanos anteriormente dispersos” (Bender 2004: 264-265). Portanto, apenas na segunda metade do século XX um segmento suficientemente significativo da população angolana viria a ter contacto frequente com a língua portuguesa e motivação suficiente para a aprender” (INVERNO, 2009, pp. 3-4)

Constata-se que a generalização do português no território angolano foi diretamente motivada por questões sociopolíticas, sobretudo pelo processo colonial do assimilacionismo. Tal processo implicava que o assimilado adquirisse a língua e a cultura do colonizador, resultando na desarticulação das culturas e identidades locais. Efetivamente, o domínio da língua portuguesa e a conversão ao cristianismo pelos africanos constituíam fatores nevrálgicos para que estes fossem considerados civilizados e demandassem direitos sociais de que historicamente se viram aliados.

Entretanto, o escasso contato dos falantes angolanos com a língua portuguesa teria desencadeado um processo de aquisição linguística imperfeita (Inverno, 2009), visto que o processo de mudança não foi iniciado por falantes nativos de português e o PA manifesta a influência das línguas bantu angolanas⁸ (de substrato) e a ausência de características marcadas da língua portuguesa (a língua alvo).

Angola é uma área bantu em que parte considerável da população é falante de português L2 (Gaspar, 2015) e tem como substrato direto uma das diversas línguas

⁸ Utiliza-se línguas bantu angolanas para demarcar as línguas desse grupo faladas dentro do território angolano. Tal demarcação é necessária porque algumas comunidades bantu possuem um caráter transnacional e as suas línguas são faladas em Angola e em outros países africanos. Por exemplo, o Kwanyama (também é uma das línguas faladas na Namíbia) e o Kikongo (também é uma das línguas no Congo Democrático) (UNDOLO, 2014).

bantu. Também existem falantes monolíngues em português, que apresentam traços ligados às línguas de substrato e consolidados por transmissão geracional (Figueiredo, 2019). Com base no autor, a preservação destes traços linguísticos deve-se ao modo como a colonização do país ocorreu e à guerra pós-colonial que atravessou após a sua independência, colocando-o em isolamento durante certo período.

Nos dias que correm, o português é a língua mais utilizada (71%) nos lares dos angolanos (INE, 2016) e exhibe cada vez mais falantes como L1 (mormente nas áreas rurais do país), ao passo que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas autóctones. O intenso contato entre a língua-alvo e as diversas línguas locais conduziu à formação do PA, apresentando traços inovadores que aparecem no português adquirido como L2 por falantes nativos de línguas do grupo bantu e se cristalizam no processo de aquisição do português como L1, evidenciando o papel do contato na formação da variedade angolana do português (Avelar, 2019).

3.2 O papel da escola na difusão e consolidação do português em Angola

Em Angola, as atuais políticas linguísticas e educacionais dão primazia ao português sobre as diversas línguas locais e impõem práticas linguísticas e educativas monolíngues. Nesse sentido, a par da oficialização exclusiva da língua portuguesa na Constituição da República de Angola, a Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino n.º 7/16, de 7 de outubro, que estabelece parâmetros oficiais para a educação, designou o português como a língua de ensino nas escolas do país: "1. O Ensino deve ser ministrado em português" (Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, 2016, p. 3).

O monolingüismo constitui um fenómeno resultante de vários processos sócio-históricos de homogeneização de povos linguisticamente heterogêneos e é mantido artificialmente pelo Estado. Tais processos se vinculam à gênese dos Estados-nação formados na Europa a partir do século XVIII, ao mesmo tempo em que se espalhava a ideologia da língua nacional (Monteagudo, 2012). Em sentido paralelo, Fries (2019) aponta que, enquanto projeto político-ideológico dominante na era dos Estados-Nações, o monolingüismo produziu a ideia de unidade linguística como fator central

da unidade e da identificação nacional. Assim, a oficialização exclusiva do português em Angola enquadra-se no ideário de unidade linguística dos Estados-nações.

A opção linguística do Governo Angolano foi, desde a independência, transformar língua portuguesa em instrumento de unidade nacional, impondo-a como obrigatória nos setores mais atuantes: no sistema educativo (como veículo de transmissão e matéria de ensino), na informação, no sistema judicial e jurídico, na administração pública em geral (Miguel, 2014, p. 16-17).

A marginalização e exclusão das línguas autóctones resultam de políticas linguísticas monolíngues possibilitadas por ideologias monoglóssicas, que "promovem o mito de que a criança típica é um falante monolíngue de uma única língua "padrão" (Macedo e Freire, 2021, p. 284). Com base nessas ideologias monoglóssicas, constrói-se o ideário do aluno normal como monolíngue em uma única língua materna (primeira língua) e os estudantes monolíngues em português, cuja língua de socialização inicial corresponda a língua de ensino, são considerados os "ideais", uma vez que causam menos "problemas" para as escolas e professores.

Enquanto língua e veículo de ensino, cabe à escola o papel primordial da difusão da língua portuguesa em Angola (Miguel, 2014), com a aprendizagem do português sendo feita não raras vezes através da escola, principalmente no meio rural. O português não é a língua materna de muitas crianças que vivem nas comunidades rurais e estas desconhecem a língua quando entram para a escola, tendo reduzidas oportunidades de comunicação em português, muitas vezes limitadas ao ambiente de sala de aula. Além da escola, a comunicação social (a imprensa, a rádio, a televisão e outros) e a literatura são apontadas como responsáveis pela difusão e consolidação do português em Angola.

Dados sobre Luanda apontam a difusão da língua portuguesa e o recuo acelerado das línguas africanas como L1 dos falantes mais jovens (Miguel, 2014). Tal situação, refere a autora, deve-se ao monolinguismo funcional em português nas interações formais, relegando o emprego das línguas locais para as situações geralmente desprestigiadas da vida social e seus falantes são desprestigiados pelo uso dessas línguas inadequadas. É neste sentido que muitos angolanos carregam crenças de que as línguas de origem africana não servem para serem utilizadas no sistema de ensino e na produção científica, que a educação em português é superior e o aprendizado das línguas locais atrapalha o uso "correto" da língua portuguesa.

3.3 Considerações sobre o contato linguístico

Os estudos sobre o contato linguístico despertam o interesse de estudiosos desde a segunda metade do século XVII (Winford, 2003). No entanto, a obra “Languages in contact: findings and problems” (1953), de Uriel Weinreich, é considerada por diversos estudiosos como o trabalho seminal da linguística de contato, por apresentar uma teoria sistematizada do contato. Nela, exploram-se questões relacionadas ao bilinguismo e aos resultados linguísticos decorrentes da situação de contato. Para Weinreich (1953, p. 1), “duas ou mais línguas entram em contato quando são usadas alternadamente pelo mesmo falante”.

O estudo de Thomason e Kaufman (1988), realizado a partir da perspectiva da linguística histórica, apresenta um modelo teórico sobre as línguas em contato e identifica os resultados deste fenômeno linguístico, correlacionando-os com fatores sociais visando a sistematização dos fatos linguísticos. Para os autores, o contexto social dos falantes é o determinante mais importante do resultado de situações de contato entre duas ou mais línguas/variedades, determinando a direção e o alcance da interferência.

Winford (2003) afirma que o estudo do contato linguístico representa uma área interdisciplinar que utiliza uma metodologia eclética baseada em diversas abordagens, incluindo o método histórico-comparativo e áreas da sociolinguística, a fim de estudar os resultados de situações de contato linguístico, que engloba a interferência, a simplificação e outros tipos de reestruturação induzida por contato. Para o autor, a situações de contato linguístico permitem distinguir situações que envolvem a manutenção de uma língua, a mudança linguística e as que levam à criação de novas línguas.

Em geral, os estudos da linguística de contato distinguem entre duas amplas categorias de mudanças induzidas por contato: aquelas devidas a empréstimos⁹ e aquelas devido ao que é chamado de interferência, transferência, influência de substrato, entre outras (Winford, 2010). O autor afirma que, enquanto o empréstimo está associado a situações de manutenção linguística, a interferência está associada

⁹ Thomason e Kaufman (1988, p. 37) entendem o empréstimo como a “incorporação de características estrangeiras na língua nativa de um grupo por falantes dessa língua: a língua nativa é mantida, mas é alterada pela adição de características incorporadas. Eles argumentam ainda que as palavras são os primeiros elementos a entrarem na língua importadora em uma situação de empréstimo linguístico.

a situações de aquisição de segunda língua e mudança linguística, sendo apontada como a influência de uma L1 ou outra língua primária em uma L2.

Sob a perspectiva do contato, linguistas tentaram fornecer explicações teóricas sobre a origem de variedades de português estruturalmente distintas do PE, considerando processos sociais e linguísticos que teriam conduzido à formação de tais variedades. É nesta vertente que, por exemplo, Lucchesi (2009) defende a hipótese de que o contato do português com línguas indígenas e africanas desempenhou um papel decisivo na formação do PB. Com isso, o autor se opunha à hipótese da deriva defendida por Anthony Naro e Marta Scherre (2007), segundo a qual as mudanças ocorridas no PB seguem tendências internas do PE, inexistindo influência de línguas africanas na formação da variedade brasileira do português.

Ao propugnar a hipótese do contato, Lucchesi (2009) postula o conceito de transmissão linguística irregular na base da formação das variedades populares do PB, que se refere fundamentalmente

Ao processo de socialização e nativização de um modelo defectivo de segunda língua adquirida por uma população de indivíduos adultos, de forma precária, em situações de contato linguístico abrupto, massivo e radical. A reestruturação gramatical desse modelo defectivo, em situações de segregação com acesso restrito aos modelos da língua-alvo, pode gerar uma variedade linguística qualitativamente distinta da língua-alvo, no que se definiu como pidginização e crioulização. Mas a transmissão linguística irregular não implica necessariamente pidginização/crioulização, podendo resultar na formação de uma variedade histórica da língua-alvo que se caracteriza por exibir processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas (Lucchesi, 2009, p. 35).

A transmissão linguística irregular, portanto, pressupõe uma ruptura no processo natural de aquisição da linguagem, que ocorre “de forma inconsciente, tendo como agente as crianças que, de modo espontâneo, na fase de socialização, interagem com a família que será a base na aquisição de L1” (Barbosa, 2020, p. 23). Durante o processo de transmissão linguística irregular, os agentes seriam adultos adquirindo uma L2 de maneira consciente. No caso da formação do PB, tal processo designa mais especificamente a “aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços” (Lucchesi, 2009, p. 71).

Segundo Lucchesi & Baxter (2009), o amplo processo de transmissão linguística irregular pode desencadear dois casos distintos de mudanças induzidas por

contato: o primeiro é chamado processo de transmissão linguística irregular radical (TLI radical), que serve designar situações de contato mais radicais e que podem conduzir à formação de uma nova língua (por exemplo, uma língua crioula). O segundo processo é chamado de transmissão linguística de tipo leve (TLI de tipo leve), para designar casos mais leves que resultam na formação de uma nova variedade que apresenta mudanças gramaticais consideráveis, mas incapazes de formar uma nova língua. Assim, Lucchesi (2009) propõe que o TLI estaria na base da formação das atuais variedades populares do PB

e a sua marca mais evidente seria a ampla e massiva variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal. Porém essa simplificação morfológica, característica das situações de contato entre línguas, não se restringe, no português do Brasil, à eliminação das regras de concordância. Em vários planos da estrutura linguística, observa-se um quadro matizado e complexo, no qual os processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas apresentam resultados quantitativos diferenciados nas distintas normas linguísticas que constituem a realidade da língua no Brasil atualmente (Lucchesi, 2009, p. 72).

Com se pode perceber a partir da abordagem acima, o autor oferece um modelo teórico de explicação para a origem do PB, considerando fatos sócio-históricos e linguísticos no desenvolvimento dessa variedade, isto é, que a aquisição precária do português (língua alvo) por falantes não nativos, sobretudo africanos e indígenas, e a nativização desse modelo defectivo como L2 nas gerações seguintes desencadearam um processo de TLI de tipo leve. Vale apontar que parte considerável dos africanos trazidos ao Brasil durante o tráfico de escravos eram falantes de línguas bantu como L1, o que, juntamente com os contextos social e histórico de Angola e Brasil, teriam produzido semelhanças estruturais entre o PA e o PB, pelo que apontam para um processo de formação comparável: reestruturação parcial¹⁰ (Inverno, 2004) ou TLI de tipo leve.

¹⁰ “Análogo ao de transmissão linguística irregular de tipo leve” (Lucchesi, 2009, p. 72), esse modelo teórico foi desenvolvido por Holm (2004, p. 143) para propor que “uma população com diferentes primeiras línguas está em processo de mudança para uma língua-alvo topologicamente distinta (ela própria um amálgama de variedades em contato, incluindo algumas totalmente reestruturadas) em circunstâncias sociais que restringem parcialmente o acesso à língua-alvo, tal como normalmente é usada entre uma minoria ou população de maioria fraca de falantes nativos”. O autor afirma que podem ocorrer processos linguísticos como a deriva da língua alvo (seguindo tendências internas), nivelamento primário (preservando características lexicais ou estruturais arcaicas, regional ou raro na língua-alvo), mudança imperfeita da língua (cristalizando características estruturais de línguas ancestrais e interlínguas na fala de descendentes monolíngues), empréstimo linguístico (incorporação de características do substrato) e nivelamento secundário (possível perda de recursos não encontrados na língua alvo).

No contexto angolano, as condições linguísticas e sócio-históricas fazem do país um lugar de pesquisa linguística onde se observa como o contato entre as línguas de origem africana, falando principalmente das línguas do grupo bantu (as L1 de grande parte dos africanos durante e após a colonização portuguesa no país), atingiram a língua alvo (o português) e desencadearam mudanças linguísticas, fazendo emergir uma gramática angolana. Nesse sentido, Inverno (2011) afirma que o contato entre o português as línguas bantu, iniciado desde a chegada dos portugueses ao território angolano, não produziu um pidgin ou um crioulo, mas uma variedade parcialmente reestruturada do português e desenvolvida a partir do continuum de interlínguas e esta teria adquirido normas, reaproximando-se do PE via nivelamento secundário (secondary leveling). Tal nivelamento, conforme a autora, foi intensificado a partir década de 1990, pelos seguintes fatores: a) passaram-se mais de 20 anos da oficialização do português na Angola independente, o acesso ao padrão foi disponibilizado a maior número de angolanos através da administração, escola, mídia e, mais importante, o português passou a ser uma parte importante da identidade nacional de Angola.

Na mesma direção, Inverno (2018) aponta o papel desempenhado pelo contato na formação e desenvolvimento do PA, um vernáculo parcialmente reestruturado. Nesse sentido, o PA resulta de um cenário sociolinguístico em que uma população majoritariamente bantu foi forçada a mudar para o português sob condições sociopolíticas que restringiram o acesso aos modelos de L1 da língua portuguesa. Tais condições foram satisfeitas em diferentes períodos nos centros urbanos (finais do século XIX e início do século XX) e no interior de Angola (finais do século XX), mas sob atuação dos mesmos processos linguísticos, a saber: nivelamento do dialeto primário, mudança linguística imperfeita, empréstimo, imposição¹¹ e nivelamento secundário. Assim, a autora argumenta que a interação desses diferentes processos constitui a razão pela qual a gramática do PA preserva o núcleo morfossintático, o léxico e a fonologia do PE, mas também carrega a influência das línguas bantu em todos esses níveis. Os diferentes processos sociolinguísticos envolvidos na reestruturação parcial constituem também a razão de o PA apresentar paralelismos

¹¹ Processo de obrigoção do uso da língua portuguesa, por meio de ações, medidas ou políticas, forçando falantes de línguas majoritariamente bantu a mudar para o português sob condições sociais com acesso limitado aos modelos de L1 da língua alvo.

morfossintáticos com outras variedades do continuum afro-brasileiro proposto por Petter (2009).

Figueiredo e Oliveira (2013) também afirmam, com destaque para a variedade falada no município do Libolo, que a reestruturação do sistema linguístico do PA ocorreu geracionalmente por contato, tendo respaldo nos substratos africanos do grupo bantu. Esta variedade apresenta características de português adquirido como L2 por contato pelos ancestrais falantes e evidencia a presença de traços das línguas do grupo bantu, configurando transferências a partir destas e que transitaram geracionalmente até aos atuais falantes de português L1 em Angola, diferindo do padrão do PE.

Feita, portanto, esta breve discussão sobre a linguística de contato e os pressupostos teóricos para a compreensão da mudança induzida pelo contato linguístico, abordarei, na próxima seção, o PA a partir da hipótese do continuum afro-brasileiro do português, considerando as condições sócio-históricas e linguísticas que produziram, nas ex-colônias portuguesas africanas e brasileira, paralelismos morfossintáticos entre as variedades coloniais e a dessemelhança destas com o PE.

3.4 O PA e o continuum do português África-Brasil

O contacto entre o português e as línguas africanas, sobretudo as do grupo bantu, conduziu à formação de variedades de português não europeias em África e no Brasil, com destaque para o PA, o PB e o português moçambicano (doravante PM). Essas variedades apresentam semelhanças, lexicais e gramaticais, que as tornam alheias ao PE e apontam para um continuum linguístico que engloba os diversos resultados do contato que os portugueses tiveram com os africanos em diferentes países de África e no Brasil (Petter, 2009; Avelar, 2019; Galves, 2018; Petter, Negrão & Viotti, 2018).

É importante apontar que a bibliografia aqui utilizada sobre o continuum afro-brasileiro do português está inserida dentro dos estudos sobre o PB, procurando situar esta variedade no continuum do português África-Brasil. Essa bibliografia tem apontado que diversos traços gramaticais inovadores do PB estão presentes em variedades africanas do português, sugerindo que eles surgiram como resultado de mudanças induzidas pelo contato linguístico.

O estudo de Petter (2009, p. 170) propõe a ideia da existência de um continuum afro-brasileiro do português, atribuindo-lhe dois sentidos: a “distribuição no tempo, em que há uma sequência de diferenças crescentes” ou “uma continuidade, sem início nem fim, onde o tempo não é relevante, em que o importante é uma certa unidade, um conjunto de formas que demonstram uma ruptura com a variedade europeia do português”. O primeiro significado do continuum diz respeito à “existência de um gradiente dentro do continuum, que existe tanto na África quanto no Brasil” (Galves, 2018, p. 37), enquanto o segundo significado se ocupa da contribuição das línguas bantu nas variedades brasileiras e africanas do português. Este trabalho focaliza o segundo significado do continuum, explorando mudanças morfossintáticas decorrentes da ação do contato entre o português e as línguas bantu.

A proposta de Petter (2009) considera os seguintes pontos: as variedades não europeias da língua portuguesa apresentam semelhanças gramaticais que afirmam o continuum africano e brasileiro do português; o continuum resulta do contato de uma multiplicidade de línguas marginalizadas com uma língua dominante comum; as variedades europeias constituem entidades heterogêneas; quer os africanos, quer o Brasil, apresentam especificidades sociolinguísticas.

Galves (2018, p. 20) argumenta que é plausível entender o contato como corolário de transmissão irregular e que “o continuum afro-brasileiro pode ser visto como a manifestação dos pontos sucessivos na escala de efeitos do contato, começando com os efeitos diretos da aquisição da segunda língua, e terminando com a sedimentação de novos traços na língua-alvo como resultado de um longo processo de inclusão e exclusão, devido a vários fatores como nativização e pressão social”.

Para Petter, Negrão e Viotti (2018), o continuum linguístico África-Brasil propõe a ideia de que as variedades de português em África e no Brasil, assim como as várias línguas crioulas africanas de base portuguesa (o crioulo cabo-verdiano, o crioulo da Guiné-Bissau e o santomense, dentre outros), estão relacionados entre si ao compartilharem uma diversidade de recursos linguísticos. No entanto, isso não significa que haja um conjunto rígido de recursos que todos devem compartilhar para serem considerados membros do continuum.

Diversos estudos apontaram para as semelhanças entre as variedades não europeias em diversos níveis da estrutura linguística. O trabalho de (Galves, 2018), por exemplo, apontou para a existência de semelhanças entre essas variedades nos fenômenos de concordância verbal, no sistema pronominal, na morfossintaxe de

sintagmas nominais, nas preposições e casos, no campo CP, dentre outros. O estudo de Petter, Negrão & Viotti (2019) atestou semelhanças em construções passivas e impessoais no PA e no PB, enquanto Avelar (2019) apontou para semelhanças entre o PA e o PB em fenômenos como a simplificação do paradigma verbo-flexional e parâmetro pro-drop, a presença de constituintes inusitados em posição de sujeito, locativos em posição de sujeito, alçamento de possuidor com estabelecimento de concordância, hiperalçamento e o uso de *ter* como o verbo existencial canônico.

Ao tratar da influência das línguas bantu na formação do PB, Avelar e Galves (2014) mostram que o emprego de preposição junto a complementos de verbos de movimento no PB tem um claro paralelo nas variedades africanas do português:

- (1) a. PB: Fui/Cheguei/Vim **no** cinema. (AVELAR E GALVES, 2014, p. 262)
 b. PA: Fui **no** centro da cidade (INVERNO, 2008, p. 172)
 c. PA: A Rosa foi **na** escola muito descontente (UNDOLO, 2014, p. 200)
 d. PM: a. vai lá **em** casa tirar os cabritos (Gonçalves 2010, p. 157-161)
 e. PM: chego ali **na** cantina (Gonçalves 2010, p. 157-161)

O fenômeno da concordância de gênero variável aponta para aproximações entre o PA, o português falado em São Tomé e Príncipe (doravante PSTP) e o português falado em Helvécia, na Bahia.

- (2) a. PA: não... é assim soba ele o meu irmão como vai a... a Lisboa e vai fazer as pesquisas na... no... **no coisa** ultramar... na biblioteca;
 b. PA: então nesse... **nesses pesquisa que os soba** fazem;
 c. PA: pra eles comemorarem uma grande **uma grande feriado**;
 d. PA: Castigava quando encontra ali **o pessoa**;
 e. PSTP: E agora eu tô com **os netas**;
 f. PSTP: Folha de mato, **esses folhas** que a gente faz calulu, bocadinho bocadinho **desses folhas**;
 g. PSPT: Eu já tenho **pouco sorte**.
 (Agostinho, Lamberti e Santos, 2021, p. 57-58)
 h. PB: Com remédio, comprava purgante dava eles purgante, **fazia a azeite** de baga e dava purgante

i. PB:) ocê pránta **um prantinha**, uma aimpim, uma batata, um milho, um feijão, você atira, né?

j. PB: É! Morreu. **Esse gente** de tempo, a maió parte tudo...

k. PB: Eu agradeço muito a Deus por **esse passagem**.

(Agostinho, Lamberti e Santos, 2021, p. 59)

Os dados acima demonstram que o fenômeno da concordância é compartilhado pelas três variedades analisadas. Para, Agostinho, Lamberti e Santos (2021, p. 62), tal fenômeno resulta do contato do português com as línguas africanas e crioulas: em Angola, o português convive com diversas línguas bantu; em São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa coabita com línguas crioulas, e o português afro-brasileiro da comunidade de Helvécia foi formado pelo contato intenso entre línguas africanas (do oeste do continente e várias línguas bantu) e o português. Além do contato linguístico, levanta-se a hipótese de que a ausência de concordância de gênero observada nas três variedades está relacionada à reestruturação no aprendizado de L2 e de L1.

Estudos como de Santos (2011), Campos e Santos (2012), Avelar e Galves (2014) e Melo (2014), apontam aproximações entre o PB e as variedades africanas no tocante a categoria sintático/discursiva tópico. Esses trabalhos demonstraram, dentre outras coisas, a realização distinta dessa categoria no PE e no PB, os tipos de tópicos encontrados em variedades do português e nas línguas africanas, bem como o papel das línguas africanas na emergência dessas construções em variedades não europeias.

Tratando da categoria tópico no português vernacular brasileiro de Jurussaca e no PA, Campos e Santos (2012) apresentam uma descrição dos tipos de tópicos encontrados nas duas variedades e apontam, a partir de uma tipologia apresentada em Pontes (1987), Araújo (2009) e Santos (2011), as possíveis aproximações e diferenças para essa categoria. Nesse sentido, os autores apresentam uma tipologia da categoria tópico em português composta por 8 tipos de construções, a saber: topicalização de objeto direto (tod), tópico pendente com retomada, tópico cópia, tópico sujeito, tópico pendente, tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito, topicalização selvagem e tópico locativo.

A partir da tipologia apresentada acima, os autores apontam a realização de dois tipos de tópicos encontrados no PA e no PB, mas não atestados no PE: a topicalização selvagem e o tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito. Para

Campos e Santos (2012, p. 8), o tópico selvagem¹² é “marcado pelo deslocamento de um pp, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva ou adjunto adverbial, todos sem a preposição”, conforme os dados em (3). Os autores argumentam que os constituintes na posição de tópico (futebol e sábado e domingo), em 3a e 3c, não estão regidos pela preposição, embora tenham sido deslocados de posições internas às orações que exigiriam um sintagma preposicional, conforme 3e. Já o Tópico com Cópia Pronominal ou Duplo Sujeito constitui¹³ “um sintagma nominal deslocado para a posição de tópico e sendo retomado, pronominalmente, na posição de sujeito interna à oração” (Campos e Santos, 2012, p. 135), como apontado em 4a, 4b e 4c. Os autores argumentam que os tópicos (os sintagmas determinantes os professores, essa Vicença e um morador daqui da comunidade) das sentenças em questão são retomados pelos pronomes que ocupam a posição de sujeito interna à oração do constituinte deslocado para a posição de tópico.

Topicalização selvagem:

- (3) a. PA: E **futebol** tem algum fã no futebol?
 b. PA: O Jordan as pessoas gostam por uma certa particularidade.
 c. PB: **Sábado e domingo** dá muita gente.
 d. PB: Tomé-Açu nunca fui lá.
 e. Do Jordan as pessoas gostam por uma certa particularidade.

(Campos e Santos, 2012, p. 8)

Tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito:

- (4) a. PA: os professores **eles** declaram ou estão para declarar uma nova greve.
 b. PB: essa Vicença **ela** é daqui. . . **ela** nasceu e se criou aqui.
 c. PB: um morador daqui da comunidade **ele** foi pra guerra.

(Campos e Santos, 2012, p. 7-8)

¹² Brito, Duarte e Matos (2003), a partir de estudos com o PE, consideram que esse tipo de tópico ocorre apenas quando há deslocamento de um sintagma preposicional, objeto indireto, sem a preposição. Os dados em (3a) e (3d), contudo, mostram que o ‘deslocamento’ para a periferia esquerda deu-se com um sintagma preposicional não requerido pelo verbo, conforme a classificação proposta por Araújo (2009). (Campos e Santos, 2012, p. 136 grifo do autor).

¹³ Galves (1998) destaca que esse tipo de construção (por ela chamada de Tópico com Pronome Lembrete) não se assemelha com alguma construção do PE. O dado (4a), contudo, mostra que esse tipo de construção faz-se presente no PA, assim como no PVB, dados (4b) e (4c)” (Campos e Santos, 2012, p. 136 grifo do autor).

O trabalho de Melo (2014) dedicou atenção ao papel das línguas africanas na emergência das construções de tópico sujeito no PB, verificando a presença desta categoria em variedades das ex-colônias portuguesas, nomeadamente: PB, o português falado na Guiné-Bissau (doravante PGB), PM e o PSPT.

- (5) a. PB: Antes nós tinha uma Mercedes... aí virou ... hoje nós estamos assim. **O caminhão bateu o motor** e ta ficando difícil a situação [Buscas on line_youtube, Brasil]
- b. PGB: **A acácia murchou as pétalas** [CRPC_Livros, Guiné Bissau]
- c. PM: tou aqui na feira do Hulene, **machimbombo furou pneu** [Busca on line_youtube, Moçambique]
- d. PSPT: **A lambreta Damião furou o pneu** [Buscas on line_São Tomé e Príncipe]

(Melo, 2014, p. 370)

O estudo de Figueiredo (2018) fornece evidências de que o PLB apresenta semelhanças linguísticas com o PB, em decorrência dos deslocamentos de escravizados dessa região de Angola para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Por meio da comparação da sintaxe pronominal, o autor estabelece paralelismos entre o PLB, PVB, mais especificamente o português de Jurussaca (doravante PJ), e o PB.

Em oposição ao PE, a posição preferencial dos clíticos é proclítica no PLB, PJ e no PB.

- (6) a. PLB: kimbanda **le** deu os kijila, ele num cumpriu
(PE: o quimbanda [= curandeiro] deu-lhe as kijilas.
[= indicações], ele não cumpriu
Dallams apud Figueiredo (2018, p. 85)
- b. PJ: aí ela **me** chamo(u) e disse ... seu Valdecir.
Oliveira, Campos e Fernandes (2011, p. 34)
- c. PB: Eu **me** vesti rapidamente
Figueiredo (2018, p. 85)
- d. PE: Ela vestiu-se rapidamente
Figueiredo (2018, p. 86)

No PLB, assim como no PJ e PB, o clítico de 3ª pessoa **lhe** é usado como objeto direto, regularizando-se para funções acusativa e dativa.

- (7) a. PLB: **lhes** mandaram arrebentar os armazéns
 (PE: mandaram-nos arrebentar os armazéns)
 Jeranh5 apud Figueiredo (2018. P. 86)
- b. PJ: Eu digo: “Não, roça uma roça que eu vou **lhe** ajuda prantá, capiná, fazê farinha...”
 Figueiredo (2018, p. 86)
- c. PB: Você escreve sobre o que **lhe** indigna.
 Figueiredo (2018, p. 87)

O uso preferencial da próclise e a regularização do dativo/acusativo, de acordo com Figueiredo 2018, ilustram o funcionamento da estrutura sintática do kimbundu (língua de substrato do PLB), uma vez que nesta língua os clíticos acusativo e dativo são realizados unicamente pelo pronome “**um**” e a sua colocação é antes do verbo.

As variedades do PLB, PJ e PB utilizam esporadicamente pronomes acusativos na função nominativa.

- (8) a. PLB: Não, num conheço. Num conheço **ele**.
 (PE: Não, não conheço. Não o conheço.)
 Didish2 apud Figueiredo (2018. P. 87)
- b. PJ: Dá uma reboca, arrumá **ela** melhor.
 (PE: Dar uma rebocada, arrumá-la melhor)

O PLB, o PJ e o PB, ao contrário do PE, tendem a homogeneizar o padrão dos clíticos anafóricos (pronomes reflexivos – exemplo 9a) e das anáforas (pronomes recíprocos – exemplos 9b e 9c), fazendo uso da forma default “**se**”, tendencialmente antes do verbo.

- (9) a. PLB: Agarra o outro depois vamos **se** esconder.
 (PE: Agarra o outro, depois vamos esconder-nos).
 Marsam1 apud Figueiredo (2018, p. 88)
- b. PLB: **Se** damo a mão.

(PE: damo-nos as mãos [uns aos outros])

Lusamh1 apud Figueiredo (2018, p. 88)

c. PB: S'embora, pessoal.

(PB: vamos embora pessoal)

(PE: vamo-nos embora, pessoal)

O compartilhamento de traços gramaticais entre as variedades africanas e o PB, bem como o distanciamento com o PE, sugere que esses traços emergiram como resultado de mudanças induzidas pelo contato entre o português e as línguas africanas e corroboram para a hipótese do continuum afro-brasileiro da língua portuguesa, ou seja, “uma certa “unidade”, um conjunto de formas que demonstram uma ruptura com a variedade europeia do português” (Petter, 2009, p. 170). Sob essa perspectiva, a ecologia de contato, assim como o aprendizado do português como L2 por falantes adultos de línguas africanas e a nativização desse modelo como L1 pelos seus descendentes, são apontados como fatores centrais para a ruptura com o PE e a semelhança e/ou aproximações entre as variedades coloniais.

3.5 Aspectos gramaticais do PA

Nesta secção, abordaremos alguns traços gramaticais que têm ocupado um lugar de destaque nos estudos sobre o PA. Por exemplo, pesquisas realizadas (Araújo, 2010; Sassuco, 2016) atestam que, no nível fonético-fonológico do PA, ocorrem fenômenos, como os exemplificados a seguir, de alteração de fonemas na cadeia sonora (troca, supressão ou acréscimo de sons).

Rotacização da líquida:

- (10) a. PA: **Farta, vorta, arta, adurto e facurdade**
 b. PE: **Falta, volta, alta, adulto e faculdade.**

(Sassuco, 2016, p. 207)

Acréscimo:

- (11) a. PA: **Mbacia, mbanco e ndete.**
b. PE: **Bacia, banco e dente.**

(Sassuco, 2016, p. 208)

- (12) a. PA: **Expilicar, apilicar, pilanta e bulusa**¹⁴.
b. PE: **Explicar, aplicar, planta e blusa.**
c. PA: **Arresponder, averter e acontecer.**
d. PE: **Responder, dever e contar.**

(Sassuco, 2016, p. 209-210)

- (13) a. PA: **Estudare e vivere.**
b. PE: **Estudar e viver.**

(Araújo, 2010, p. 7)

No nível morfossintático, o PA apresenta fenômenos peculiares e sugestivos de que o contato entre o português e as línguas bantu foi decisivo para a sua emergência nesta variedade histórica. Nesse sentido, a sintaxe pronominal do PA desperta a atenção dos linguistas, quer por apresentar fenômenos considerados inusitados do ponto de vista da perspectiva tradicional, quer por sugerirem que as variedades europeia e angolana do português são distintas no que diz respeito ao estatuto da colocação dos pronomes clíticos.

No PA, há uma tendência do uso do clítico dativo *lhe* na função sintática de acusativo, exercendo a função de objeto direto.

- (14) a. PA: **Apanharam-lhes?**
b. PE: **Apanharam-nos?**

(Undolo, 2014, p. 166)

Registra-se, no PA, a inobservância das palavras ou expressões que atraem a próclise, mesmo em posição inicial de sentença.

¹⁴ Trata-se de um tipo de acréscimo que consiste em evitar encontros consonantais.

- (15) a. PA: Alguém viu-**o**?
 b. PA: **Lhes** conhecem?
 c. PE: Alguém **o** viu?
 d. PE: Conhecem-**no**?

(Undolo, 2014, p. 166)

No PA, assim como no PB, a mesóclise não é usual, havendo predominância da próclise mesmo nas colocações do futuro.

- (16) a. PA: **Lhe** oferecerão um computador portátil.
 b. PE: Oferecer-**lhe**-ão um computador portátil / Oferecer-**lho**-ão.

(Undolo, 2014, p. 167)

Além da ausência dos clíticos acusativos de 3ª pessoa (o/a) na fala dos angolanos, cabe destacar o uso dos pronomes reflexivos pelos angolanos, conforme ilustrados nos exemplos abaixo.

- (17) a. PA: Vou **se** bater no chão;
 b. Iremos **se** encontrar com Jesus;
 c. Nós **se** adevemos 1000 kz.
 d. PE: Vou **me** bater no chão;
 e. Ir-**nos**-emos encontrar com Jesus;
 f. Nós devemo-**nos** 1000 kz.

(Sassuco, 2016, p. 211)

Com base nos exemplos acima, verifica-se que os falantes do PA tendem a utilizar o *se* para todas as pessoas gramaticais. Estudos de Inverno (2006 e 2011) e Sassuco (2016) apontam que este fenômeno se deve à influência das línguas bantu faladas no país, mais especificamente do Kimbundu e do Cokwe. Nessas línguas, os infixos /-di- e -li-/, equivalentes ao pronome *se* na língua portuguesa, são invariáveis e permanecem inalterados em todas as pessoas gramaticais.

O comportamento dos clíticos reflexivos do PA apresenta outras peculiaridades e, considerando os exemplos extraídos da trilogia composta por obras do autor

angolano Ondjaki, Martins (2023) destaca três particularidades nesta variedade: verbos reflexivos no PE aparecem como não reflexivos no PA (assustar, espantar e banhar em 18), apresentam variação entre formas com e sem o pronome reflexo (como sentar/sentar-se em (19) ou pode ocorrer de um verbo não reflexivo (como o inacusativo adormecer) permita ocasionalmente uma variante reflexiva, como em (20).

(18) a. Bom dia, menino, ouvi a voz assim a vir da trepadeira, **assustei**: era o camarada António! / – Bom dia, camarada António! / – **Assustou**, menino? – ele a rir.

(B83)

b. Todo mundo **espantou**, até pararam de mastigar alguns. (B114)

c. Mesmo o EspumaDoMar, onde é que ele vai **banhar**? (A63)

(19) a. Enquanto o meu pai tinha ido lá acima buscar coisas, sentei ali no quintal.

(B121)

b. Mesmo durante as provas **sentávamos** dois a dois, não havia maneira
(B123)

c. **Sentámos** ali nos cadeirões com bué de buracos, começámos a olhar
(B127)

d. A camarada professora entrou devagar e **sentou-se** na secretária
(D63)

e. quando a tia Rosa, depois de mil viagens para a cozinha, também **se sentou**, o tio olhou uma cadeira vazia e perguntou (D177)

(20) a. O vento chegou para empurrar o sol mais para baixo, ali onde ele **se adormece** todas as noites. (A20)

(Martins, 2023, p. 20)

Sobre a ordem das interrogativas **qu-**, no PA, assim como no PB, as interrogativas **qu- in situ (sem movimento)** são mais comuns do que no PE.

(21) a. – Tão a fazer aqui **o quê?** A Madalena se assustou. (A101)

b. Saímos a correr, passámos perto do tanque de água e os jacós ficaram agitados. Meti a mão num restinho de água suja de sabão. / – Tás a fazer **o quê?** / – É para acalmar os jacós. (A162)

c. Era mesmo como nos filmes, barras avermelhadas, compridas, com um fiozinho na ponta que era o “rastinho” de acender. / – Consegues levar **quantas?** (A133)

d. – Bebida quente? / – Sim, qualquer bebida dessas tipo whisky ou quê.
/ – E eu vou saber **como?** (A139)

e. – Vais **aonde?** Não devias estar a dormir? (A148)

f. – Ê, uê! E era o Caixão Vazio? / – Nada... Tu não vais acreditar... / –
Era **quem?** Fala, Bruno...! / – Era então o camarada inspetor!!! (B107)

g. – esse lugar é de **quem?** / – é do senhor Osório, ele não vem? (D177)

h. – Do dedo, camarada. Deixe-nos passar que já estamos atrasados. /
– Vão operar com o doutor é **quem é?** / – O doutor RafaelTruzTruz – eu disse já. / –
TruzTruz? Nunca ouvi falar. (A89)

(Martins, 2023, p. 7)

Os dados apresentados nesta secção não são os únicos disponíveis na literatura sobre o PA, mas revelam aspectos gramaticais interessantes que ocorrem nesta variedade, alguns dos quais evidenciam uma aproximação com o PB e apresentam restrições de realizações no PE.

4 Procedimentos metodológicos da pesquisa, tratamento e apresentação dos dados

Nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa e traremos os dados, descrevendo-se a seleção das localidades, dos informantes, do instrumento de coleta de dados e da perspectiva metodológica para o tratamento dos dados.

4.1 A província de Luanda

O *corpus* de fala espontânea analisado neste estudo provém dos dados obtidos por meio da realização de entrevistas na província de Luanda, coletados in loco nos municípios de Cacuaco e Viana, entre 2022 e 2023. A constituição do *corpus* observou parâmetros de compilação (Mello, 2012) e considerou questões legais e éticas relacionadas à identidade dos participantes e aos equipamentos utilizados para a gravação das entrevistas.

Luanda é caracterizada, dentre outras coisas, pela enorme heterogeneidade linguística e cultural de sua população. Como reconhece a linguista Miguel (2014, p. 27), a situação de Luanda, “a exemplo do que ocorre em muitas outras capitais do Terceiro Mundo, caracteriza-se por uma grande diversidade de línguas, produto de constante afluxo populacional”. A autora acrescenta que, enquanto o falante angolano consegue sobreviver nas áreas rurais falando somente a sua língua materna, ao ir para Luanda, ele deve aprender imprescindivelmente o português, desencadeando o bilinguismo individual.

A afluência da população rural para a cidade faz com que um número cada vez maior de angolanos, que antes só falava a sua língua nativa, se veja na contingência de aprender o português, pois o domínio desta língua passa a ser condição para o desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício da cidadania (Miguel, 2014, p. 27).

Além da diversidade linguística, a seleção de Luanda como ponto da pesquisa deve-se ao fato de que a província é a capital do país, acolhe cerca de 6.945.386 de habitantes e registra o maior número de falantes de português (INE, 2016), o que significa haver mais pessoas para entrevistar.

4.2 Os informantes

Foram entrevistados 30 informantes selecionados segundo as seguintes variáveis linguísticas e extralinguísticas: faixa etária (jovens e adultos), escolaridade (baixa, média e alta), gênero (masculino e feminino) e língua(s) materna(s) e falada(a). Para esta pesquisa, jovens correspondem à faixa 18 aos 35 anos, enquanto os adultos estão na faixa das pessoas que apresentam dos 36 aos 80 anos. A escolaridade dos informantes foi dividida em função dos níveis de ensino do sistema educativo angolano, segundo a Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino (2016). Nesse sentido, os informantes foram divididos da seguinte maneira: escolaridade baixa compreende pessoas com o ensino primário (1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a classes) até o primeiro ciclo do ensino secundário geral (7.^a, 8.^a e 9.^a classes); escolaridade média compreende as pessoas que frequentam ou concluíram o segundo ciclo do ensino secundário geral (10.^a, 11.^a e 12 classes) – o ensino médio; escolaridade alta contempla os informantes que frequentam ou concluíram algum dos graus do Ensino Superior/Ensino Universitário (licenciado, mestre e doutor).

Em Angola, a língua materna é geralmente compreendida como a língua falada pela progenitora, mesmo que esta não seja sua L1 ou língua de socialização inicial. Assim sendo, um falante de português L1 tende a considerar como sua língua materna uma da(s) língua(s) autóctone(s) de sua mãe, mesmo quando ele não fala nenhuma língua de origem africana. Em virtude disso, julgamos conveniente trazer informações sobre a(s) língua(s) materna(s) e a(s) língua(s) falada(s) pelo(s) informante(s).

Um esquema do perfil sociolinguístico dos informantes é apresentado a seguir, considerando-se as seguintes notações: 1) para o sexo do informante, letras maiúsculas: ‘M’ (masculino) e ‘F’ (feminino); 2) para a escolaridade, letras minúsculas: ‘a’ (escolaridade alta), ‘b’ (escolaridade baixa), ‘e’ (escolaridade média); e c) para a faixa etária, algarismos: ‘1’ (jovens) e ‘2’ (adultos). Dessa forma, por exemplo, o informante 1 é representado pela sigla ‘Fe1’: uma mulher, com escolaridade média e da faixa etária jovem.

O quadro a seguir apresenta o perfil dos informantes dos municípios de forma mais detalhada, incluindo informações como gênero, faixa etária, escolaridade, língua materna e língua(s) falada(s).

Quadro 1 – Informações dos entrevistados em Luanda

N.º	Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Língua(s) materna(s)	Língua(s) falada(as)
1º	Fe1	Fem.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
2º	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português e inglês
3º	Fb2	Fem.	Adulta	Escolaridade Baixa	Kimbundu	Kimbundu e português
4º	Fa2	Fem.	Adulta	Escolaridade Alta	Kimbundu	Kimbundu e português
5º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
6º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Umbundu	Português e inglês
7º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
8º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
9º	Me2	Mas.	Adulto	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
10º	Ma2	Mas.	Adulto	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
11º	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português, kimbundu e inglês
12º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
13º	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português

14°	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
15°	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
16°	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
17°	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
18°	Fa1	Fem.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
19°	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
20°	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
21°	Fe1	Fem.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
22°	Fb2	Fem.	Adulta	Escolaridade Baixa	Kimbundu	Kimbundu e português
23°	Mb1	Mas.	Jovem	Escolaridade Baixa	Kimbundu	Português
24°	Me1	Mas.	Jovem	Escolaridade Média	Kimbundu	Português
25°	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
26°	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
27°	Ma1	Mas.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
28°	Fa1	Fem.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
29°	Ma2	Mas.	Adulto	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português

30°	Fa1	Fem.	Jovem	Escolaridade Alta	Kimbundu	Português
-----	-----	------	-------	----------------------	----------	-----------

Fonte: Elaboração Própria

4.3 Tratamento e apresentação dos dados

O *corpus* oral da pesquisa é composto de dados coletados por meio de 30 entrevistas realizadas em Luanda, conforme mencionado na secção anterior. As respostas dos entrevistados foram transcritas, revisadas, submetidas à análise e seguidas de comentários relevantes para a abordagem do objeto desta pesquisa.

Esta pesquisa apresenta uma descrição preliminar de fenômenos gramaticais do PA, com dados que evidenciam a aproximação entre variedades coloniais e a dessemelhança com o PE, isto é, apresenta características linguísticas partilhadas pelo PA, PB, PM e o PSTP (Avelar e Galves, 2014; Melo 2014; Figueiredo, 2018; Petter, Negrão & Viotti, 2019; Agostinho, Lamberti e Santos, 2021; Silva e Araújo, 2022), propondo que elas emergiram como resultado de mudanças induzidas pelo contato.

Vale destacar que, em relação ao nível fonético-fonológico, os dados apresentam vários fenômenos de alteração de fonemas:

Metaplasmos por substituição:

(22) **Assimilação:**

- a. 4° (Fa2): **invitar (evitar), sento (sinto) e infirmeiro (enfermeiro).**

Processos de supressão de segmentos:

(23) **Aférese:**

- a. 4° (Fa2): **lertar (alertar);**
- b. 5° (Me1): **tava (estava);**
- c. 7° (Me1): **tavam (estavam);**
- d. 23° (Mb1): **tava (estava).**

(24) **Síncope:**

- a. 28° (Fa1): **memo (mesmo);**
- b. 4° (Fa2): **bairo (bairro).**

(25) **Apócope:**

- a. 1º (Fe1): **tivéssemo (tivéssemos), poderíamos (poderíamos), só (sou) e dá (dar);**
- b. 4º (Fa2): **tamo (estamos), come (comer), queré (querer), evita (evitar), sentamo (sentamos), pousá (pousar), temo (temos), andá (andar), passá (passar), tocá (tocar), sentá (sentar), vamo (vamos), compramo (compramos) e fizemo (fizemos);**
- c. 5º (Me1): **temo (temos) e conseguimo (consequimos);**
- d. 21º (Fe1): **queré (querer);**
- e. 22º (Fb2): **andá (andar).**

Processos de acréscimo:(26) **Prótese:**

- a. 4º (Fa2): **spange (pães);**
- b. 6º (Me1): **desafastar (afastar).**

(27) **Paragoge:**

- a. 4º (Fa2): **açucari (açúcar), hospitali (hospital) e favori (favor);**
- b. 22 (Fb2): **mali (mal).**

Na próxima secção, apresentamos os resultados dos fenômenos gramaticais obtidos a partir da análise dos dados, ao mesmo tempo em efetuamos uma comparação com resultados obtidos em outras pesquisas.

4.3.1 Preposição “em” junto a verbos de movimento

Na análise do *corpus*, foi possível observar o uso da preposição **em** na complementação de verbos de movimento (ir, vir e chegar), fenômeno ilustrado por Avelar e Galves (2014) e Afonso (2020). Os autores chamam a atenção não apenas para o fato que tal emprego não ocorre no PE, variedade na qual os verbos de movimento regem as preposições direcionais **a** e **para**, mas principalmente pelo PB e o PM compartilharem essa mesma propriedade, tal como apresentamos na secção 3.4. Os dados que seguem em 28a, **b**, **c** e **d** são exemplos do PA falados como L2 por informantes de um país com predominância de línguas bantu.

pode depreender que o falante do PA tende a utilizar a mesma preposição com verbos de movimento e locativos, conforme aponta Afonso (2020). Os exemplos relativos à complementação dos verbos de movimento no PA, observados em falantes de português L2, apresentam convergência com línguas bantu faladas no país e sugere que tal propriedade pode ter emergido no PA como transferência de traços dessas línguas africanas mediante transmissão linguística irregular (Lucchesi, 2009).

4.3.2 Colocação dos pronomes oblíquos

A análise dos dados observou também a colocação dos pronomes oblíquos átonos e, a partir da amostra de fala analisada do PA, foram encontradas 97 ocorrências de pronomes clíticos, sendo 84 da variante proclítica, 13 da enclítica e nenhum caso de mesóclise. Na tabela a seguir, apresenta-se a distribuição geral dos resultados alcançados.

Tabela 3: Quantitativo da colocação pronominal no PA

Variante	Aplicação total	Porcentagem
Próclise	84/97	86,60%
Ênclise	13/84	13,40%
Mesóclise	0/97	0%

Fonte: Elaboração Própria

Os dados da tabela acima mostram que a variação no uso dos pronomes clíticos consiste na alternância entre a próclise e a ênclise, sendo a próclise a realização que apresentou maior ocorrência entre os falantes. Nesse sentido, os resultados se assemelham a estudos anteriores sobre a colocação dos pronomes clíticos no PA (Miguel, 2014; Araújo e Silva, 2018; Esteves, 2021; Silva e Araújo, 2022) e sugerem uma aproximação desse fenômeno linguístico em relação ao PB. Abaixo, seguem alguns exemplos da ocorrência da próclise nos dados analisados:

- (30) a. 4° (Fa2): A rádio **nos** disse que temo que como continuar memo já usar máscara, num dá pra parar porque a doença ninguém ainda sabe se já passou ou não, sim;
- b. 5° (Me1): **Nos** afetou de várias de várias maneira, porque o covid-19 pode ser **nos** trouxe muito atraso e também não temos aquela auto segurança de com a covid-19;
- c. 5° (Me1): A rádio e televisão têm dito que o corona vírus é uma doença muito perigosa, contagiosa e eles **nos** deixaram recomendações como utilizar máscaras, lavar as mão três vezes por dia com água e sabão e ficarmos nas nossas casas **nos** cuidarmos;
- d. 7° (Me1): Devemos **nos** cuidar muito bem;
- e. 8° (Me1): E também deram ajuda de como nós devemos **nos** prevenir da mesma doença;
- f. 8° (Me1): Mas acreditamos que mais tarde as pessoas começaram a **se** aperceber que a doença era grave e começamos então a **nos** proteger;
- g. 10° (Ma2): Todo o sistema de defesa acaba por ser detonado e assim **nos** leva a morte;
- h. 10° (Ma2): Mas assim podemos **nos** precaver da melhor forma possível;
- i. 10° Ma2: [...]Uma informação em massa e essa informação em massa **nos** permitiu termos todos conhecimentos, né, para assim **nos** precavermos da covid-19;
- j. 12° (Me1): Como é podemos **nos** proteger pelo covid? Usando uma máscara, higenes de segurança que usar sempre o álcool gel e **nos** mantermos afastados de certas pessoas;
- k. 12° (Me1): Começando pela televisão, ele **nos** transmitido a informação que temos que **nos** prevenir usando os métodos biométricos, que é a higiene, que é o álcool gel, a máscara de segurança;
- l. 15° (Me1): E também seguir os conselhos que as rádios e as televisões têm **nos** dados relativamente a lavagem das mãos;
- m. 17° (Me1): A televisão e a rádio têm **nos** dito que a Covid é uma doença que começou na China. [...]A realidade que o povo tem enfrentado é totalmente diferente da realidade que **nos** mostra a televisão. [...]Deverá ser aceita o que a vida **nos** tem estado a impositonar;

- n. 18° (Fa1): O nosso governo **nos** acostumou em que todo cidadão, para estar bem, deve ter um emprego no Estado;
- o. 20° (Ma1): [...]Mas a nossa sociedade, por ter uma característica de desigualdade muito clara, muito objetiva, **nos** leva a ter uma caracterização socioeconômica muito negativa;
- p. 27° (Ma1): Angola tem potencial para **nos** manter num bom nível econômico;
- q. 28° (Fa1): Não tens noção, por isso é muitos jovens atualmente tão a lutá que é pra poder emigrar a procura de melhores condições de vida, condições que o nosso país não **nos** oferece. Nosso país num tá **nos** oferecé nada.

Embora tenham sido registradas 13 colocações pós-verbais, chamam a atenção alguns casos de desvios em relação à norma do PE por falantes com alto nível de escolaridade, como os casos de ênclise com pronome relativo em **31b** (e que tornou-**se** uma pandemia) e **31f** (o que reflete-**se** muito no desespero).

- (31) a. 6° (Me1): E, quanto a precaução, né, que as pessoas têm tido no uso de máscara faciais e o uso também de álcool gel, em suas casas quem não tem, utiliza-**se** o sabão, né, pra poder desafastar um bocado a doença;
- b. 15° (Me1): Ora bem, a covid-19 é uma doença do fórum respiratório, que teve o seu início em 19 de dezembro de 2019 e que começou na China, uma cidade chinesa e que se propagou para o mundo de forma paulatina, e que tornou-**se** uma pandemia;
- c. 15° (Me1): Mas, refiro-**me** aquelas populações, aquelas, aquelas que não entendem nada sobre certas doenças;
- d. 19° (Ma1): E, depois, então, tornou-**se** obrigatório a vacina da Covid -19, que é para conseguir controlar a imunidade;
- e. 20° (Ma1): Eu penso que atualmente a nossa sociedade, do ponto de vista socioeconômico, vai de mal a pior, de mal a pior, porque cada dia que passa aumentam-**se** a desigualdade social, aumentam-**se** os níveis de desemprego, aumentam-**se** o índice de crianças desnutridas, o que tem estado a afetar de forma direta o próprio convívio entre as famílias;

f. 20° (Ma1): O que reflete-se muito no desespero, na agressão, e que muitas vezes, algumas pessoas chegam à mesma direita da vida por se sentirem inúteis, não terem o que fazer;

g. 23° (Mb1): Esta doença atrapalhou-nos muito nos estudos, yá;

h. 26° (Ma1): Refiro-me a questão do dólar, refiro-me a questão de, de dependência total nas receitas baseadas no ramo petrolífero, e isso acaba por afetá a população;

i. 28 (Fa1): E sem contar com o desemprego, porque muito, muitas gentes aqui, muita população que trabalha, mas digo-te que 80% são no setor privado.

Os dados analisados e pesquisas anteriormente realizadas apontam que a próclise é bastante produtiva no PA, podendo ter como causa provável a influência das línguas bantu. De acordo com Miguel (2014), os infixos objetivos do kimbundu, pronomes com as funções completivas direta e indireta, aparecem sempre após as partículas formativas e imediatamente antes do radical do verbo, como se pode observar nos exemplos apresentados a seguir:

Quadro 2: Infixos objetivos do Kimbundu

	Participantes		De classe	
	1. ^a pessoa	2. ^a pessoa		3. ^a pessoa
singular	-ngi-	-ku-	-um-	1. ^a classe
plural	-tu-	-mi-	-a-	2. ^a classe
			-mui-	3. ^a classe
			-ni-	4. ^a classe
			-di-	5. ^a classe
			-ma-	6. ^a classe
			-ki-	7. ^a classe
			-i-	8. ^a classe
			-i-	9. ^a classe
			-ji-	10. ^a classe

Fonte: Miguel (2014, p. 52)

- (32) a. Eye u-**ngi**-zola
 Tu amas-**me**
- b. Mwenw u-**ngi**-zola.
 Ele ama-**me**
- c. Mukaji ami wa-**ngi**-xingile.
 A minha mulher insultou-**me**
- d. Diyálá wámùbhitilè myézú.
 O homem cortou-**lhe** a barba
- e. Kabhúlú wámùbhitilè.
 A lebre ultrapassou-**o**
- f. Mwenw ka **ku**-zolé.
 Ele não te ama
- g. Ngi-**a**-sota ou Nga-sota
 Procuro-os

Miguel (2014, p. 53)

No kimbundu, contrariamente ao que ocorre no português, os infixos objetivos nunca mudam a sua posição pré-verbal, permanecendo anteposto ao verbo principal e posposto ao morfema formativo, conforme os exemplos retirados de Miguel (2014, p. 54-55) ilustram.

(33) **Frases afirmativas:**

- a. Émé ngamitélá sabhú
 verbo
 Eu contei-**vos** uma fábula
- b. **Umwambátà** Kù bhátá dyà mànyà
 verbo
 Leva-**o** à casa da mãe

(34) **Frases negativas:**

- a. Eye ku-**ngi**-zolami.
 verbo
 Tu não **me** amas
- b. Ene ka **mwambela** Kima

verbo

Eles não **lhe** disseram nada

(35) **Oração subordinada:**

a. Kixima kiki eme ngakikándè

verbo

Este poço fui eu que **o** cavei

b. Kioso kyusakana ungitangela

verbo

Quando **te** casares, avisa-me

(36) **Frases com locução verbal¹⁵:**

a. Eye wakexile mu ku **ngi-zola**

verbo

Tu estavas a amar-**me**

b. Mwenw wolo-**ngi-katula** o dilesu

verbo

Estás a tirar-**me** o lenço

c. Mwene kenyoku-**mu-betê**

verbo

Ele não costuma bater-**lhes**

(37) **Frases interrogativas:**

a. Mwkuanu waka-**kú-dimina** o dibya?

verbo

Quem **te** há-de cultivar o campo?

b. Eye wa-**ngi-tangela** yahe?

verbo

Por que **me** dizes isso?

c. Eye wadi **kwama**

verbo

¹⁵ De acordo com Miguel (2014, p. 55), “na locução verbal, a antecipação do infixo ao verbo principal é permanente, independentemente de alternâncias frásicas que possam ocorrer, como a negativa, por exemplo”.

Magoaste-**te**?

(38) **Frases com pronomes ou advérbios que, em português, obrigam à próclise verbal:**

a. Etu **twatakajanene**

verbo

Já **nos** encontramos

b. A **-ngi-sombola**

Alguém **me** insultou

Os pronomes infixos do kimbundu aparecem sempre na posição anterior ao verbo e depois do morfema formativo, seja qual for o tipo de frase ou de oração. No PA, especialmente no português falado em Luanda, a próclise é produtiva em todos os contextos (mesmo com verbo em posição inicial de sentença e diante de outros elementos não proclisadores), em termos qualitativos e quantitativos, assemelhando-se ao PB e ao PM e se distanciando do PE, o que confirma a hipótese do continuum afro-brasileiro do português (Silva e Araújo, 2022). Assim, a semelhança estrutural entre os infixos do kimbundu e o a próclise no PA pode sugerir a transferência de propriedades das línguas bantu para o português por meio do processo de transmissão linguística irregular.

4.3.3 Marcação de gênero e número

Os dados deste *corpus* só apresentam dois casos de falta de concordância de gênero (exemplos **39a** e **b**) produzidos pela 4ª informante (Fa2) adulta, residente em Luanda (área urbana de Angola), com nível alto de escolarização e falante de kimbundu como L1. É importante mencionar que, embora Petter (2009, p. 208) apresente exemplos do PA e do PM em que se verifica a ausência de concordância de gênero: "brincadera bruto; menino acosturado; porta... aberto; cidade idêntico; condições. bom", Adriano (2014, p. 203) afirma que esses casos são produzidos por falantes residentes em áreas suburbanas ou rurais e com pouca ou nenhuma escolaridade. Nos dados sob análise neste trabalho, a falta de concordância produzida pela participante 4ª (Fa2) sugere características de L2, sendo que a ocorrência desses

casos na produção de falantes de português L1 é restringida por fatores sociolinguísticos como idade, nível de escolarização e estatuto social (Inverno, 2018).

- (39) a. 4º (Fa2): Sempre tamo andar com essas máscara; então, é pra evitá covid, vale a pena comé comida que tá bem **conservado** numa caixa;
- b. 4º (Fa2): **Essa sacola mesmo branco** que fica mesmo açucari dentro.

Em relação ao número, o estudo de Inverno (2009) aponta o fato de o núcleo do sintagma nominal do PA raramente receber marcação de número e postula a interferência das línguas bantu como explicação para este fenômeno, considerando dois fatores na emergência das estratégias de marcação de número no PA: primeiro, a falta de concordância de número pode ser interpretada como resultado de uma tendência já existente nas línguas bantu durante o processo de aquisição do português, que terá reforçado a regra de apagamento da marca do plural nos empréstimos do português a essas mesmas línguas. Segundo, a marcação de número nas línguas bantu ocorre à esquerda do radical nominal (através de prefixos) e os elementos mais à esquerda no sintagma nominal atraem a marcação de número, independentemente de se tratar do primeiro elemento num nome composto.

Nos dados sob análise, os resultados apontam variação na concordância de número que ocorre no português falado em Luanda, como se pode observar nos exemplos ilustrados a seguir:

Exemplos com concordância:

- (40) a. 9º (Me2): Por exemplo, só nesse momento, **nós já não usamos máscaras** constantemente, porque **nós vimos uma diminuição significativa dos casos** da covid;
- b. 10º (Ma2): Olha, **o conhecimento que temos da covid-19**, né, é que é **um vírus bastante feroz, né, que ataca a pessoa** de forma a deixá-lo sem imunidade nenhuma. Todo o sistema de defesa acaba por ser detonado e assim nos leva a morte;
- c. 14º (Me1): Na verdade, **a rádio e a televisão têm sugerido vários métodos de prevenção** da covid-19, como, por exemplo, o afastamento social, a higienização das mãos, sobretudo com álcool gel;

- d. 15° (Me1): Bem, **a rádio e as televisões têm falado** relativamente sobre a prevenção da doença, né;
- e. 18° (Fa1): **O que o Estado tem que fazer é promover** espírito de empreendedores aos cidadãos;
- f. 18° (Fa1): **Por isso é que temos sempre aquelas situações** que, quando o governo não está a pagar, o país quase para, não tem dinheiro, não tem movimentação nenhuma, porque tem poucos empreendedores, poucas empresas privadas. Até **as privadas só são privadas num coro**.

Exemplos sem concordância:

- (41) a. 1° (Fe1): Se eu não fosse encarregada, podia começar a **trabalhar todos os dia**;
- b. 2° (Ma1): A vida tá cara **pros angolano**;
- c. 3° (Fb2): Andei com máscara, apanhei vacina, **todas as vacina** apanhei;
- d. 5° (Me1): Lavar **as mão** três vezes;
- e. 5° (Me1): Lavar **as mão** e a máscara;
- f. 6° (Me1): Aconteceram **alguns caso** que que não foi muito elevado.

Com base nos exemplos acima, constata-se uma variação na concordância de número, que emerge da erosão morfológica decorrente da aquisição do português como L2 pelos angolanos, cristalizando-se devido ao acesso restrito aos modelos de L1 da língua portuguesa e à educação formal por grande parte da população. Entretanto, estaria ocorrendo um aumento do uso da regra de concordância, em razão do acesso à escola, da influência da comunicação social (a imprensa, a rádio, a televisão e outros) e da literatura (Miguel, 2014). A variação na concordância de número constitui, pois, um dos fenômenos que comprova a hipótese do contato na formação das variedades do PA, PB e PM (Inverno, 2009; Petter, 2009; Dália e Lucchesi, 2021) e atesta o continuum do português em África e no Brasil.

4.3.4 Nomes nus

Abaixo, procuramos analisar outra característica do sintagma nominal do PA, explorando a questão dos nomes sem a presença de determinante (nomes nus), como contraponto aos nomes com a presença de determinantes, que são a forma mais usual nas línguas.

- (42) a. 2º (Ma1): Ya, é negativa, **país** tá mal, muito mal;
- b. 3º (Fb2): Eu, pra mim, **covid-19** num existe. Aqui em Angola num tem **covid-19**. É só andar com máscara, só tiveram a falar pra andar com a máscara, ninguém pode andar sem máscara;
- c. 3º (Fb2): Andei com máscara, apanhei **vacina**;
- d. 4º (Fa2): Eu assim como eu tó evitá memo maka da covid, num tó querer comprar tipo assim **bolinho** que num tá tapado assim;
- e. 4º (Fa2): Nós aí você quando mete **bolinho** mesmo assim, num tapaste na caixa, ninguém compra, ninguém come, ya;
- f. 4º (Fa2): Ya, comer muitas verduras, kizaca, vamo capinar na lavra, vamo come esses peixes assim **mosca** tá pousa num compramo;
- g. 5º (Me1): Nós já vivemos aqui o caso, já vivemos com muitos problemas, mais com pandemia só veio **umentar dificuldade** de desenvolvimento no nosso país.

Avelar e Galves (2014) observam que o PA, o português afro-brasileiro e o português brasileiro popular apresentam nomes nus em sintagmas nominais com interpretação específica, enquanto o PE o permite quando em posição de complementação verbal ou antecedido de preposição. Contudo, os autores assinalam que, pelo fato de as línguas bantu não possuírem determinantes, mas sim um sistema de classificadores, não é possível afirmar categoricamente a transferência de propriedades das línguas locais. Assim, os desvios nos usos dos artigos são atribuídos às dificuldades de processamento criadas pelas diferenças na morfologia nominal das línguas bantu e das línguas indo-europeias.

4.3.5 Os verbos ter e haver existenciais

Nos dados analisados, foi identificado o uso do verbo ter existencial, que nos permite efetuar uma comparação entre o PA, PB e PM, e apontar uma dessemelhança destas variedades com o PE, de acordo com estudos realizados por Araújo e Dantas (2017), Avelar (2019) e Jon-And, Avelar e López (2020). Em Avelar (2019), argumenta-se que, diferentemente do PE, o uso de ter como verbo existencial é amplamente atestado nas variedades do PA, PB e PM. Nesse sentido, o autor aponta que o paralelismo no uso do ter como existencial no português falado em Cabinda (Angola) e no PB pode resultar da confluência de dois tipos de mudanças induzidas por contato: a inovação no sistema pro-drop e a inserção de constituintes locativos em posição de sujeito, resultantes de transferência de uma propriedade generalizada entre as línguas do grupo bantu.

No total, foram encontradas 20 ocorrências de ter e haver existenciais, sendo 6 ocorrências com ter e 14 usos com haver nos dados analisados. Na tabela a seguir, apresenta-se a frequência geral dos resultados alcançados.

Tabela 4: Quantitativo dos usos de ter e haver

Verbo	Aplicação total	Porcentagem
Ter	6/20	30%
Haver	14/20	70%

Fonte: Elaboração Própria

A seguir, são apresentados exemplos do uso do ter em construções existenciais no *corpus* analisado:

- (43) a. 3° (Fb2): Eu, pra mim, covid-19 num existe. Aqui em Angola num **tem** covid-19. Mano, num tem nada mais pra falar, yá;
- b. 4° (Fa2): Pra nós se proteger da doença, sempre tamo andar com essas máscara, tipo assim meti memo aqui viqui aqui somos mbora duas pessoas, esse sentou, eu sentei aqui 1 metro, então pousei mbora máscara no barde, porque **tem** mbora um metro aí, você próprio veja só;

- c. 4° (Fa2): Sim, aí **tem**, aí memo **tem**;
- d. 5° (Me1): Num **tem** aquela exportação, nesse caso nosso país, para famílias que têm baixa renda ou de baixo nível, trouxe, trouxe muitas consequências como a fome, porque era muito difícil deslocar de um sítio para outro sabendo que temos essa doença em todo o território;
- e. 6° (Me1): E, quanto a precaução, né, que as pessoas **têm** tido no uso de máscara faciais e o uso também de álcool gel, em suas casas quem não tem, utiliza-se o sabão, né, pra poder desafastar um bocado a doença, pra num ter aquele contágio logo de imediato.

Abaixo, apresentamos as sentenças com o uso de construções existenciais com haver:

- (44) a. 9° (Me2): A rádio e a covid têm falado sempre que **há** sempre números de casos da covid;
- b. 10° (Ma2): Acredito que hoje já não **há** pessoas que diz que não tem conhecimento, porque, se pelo menos não assistir, vai ouvir;
- c. 10° (Ma2): **Há** quem diz que não existe em Angola pelo simples fato de num ver o vizinho a ser acometido pela mesma patologia;
- d. 14° (Me1): Olha, na verdade, sobre a existência da covi-19, **há** muitos pareceres, sobretudo nós, a classe estudantil, nós sobretudo acreditamos sim na existência da covid-19, porque **há** relatos históricos desde há muito tempo, dos anos de 1990 que a covid já existia.[...] Mas também **há** uma outra classe que desacredita na existência da covid-19;
- e. 15° (Me1): Bem, eu diria que, que nós, em Angola **há** situações, ou seja, **há** áreas, **há** populações que, **há** pessoas que não acreditam na existência da covid-19 cá em Angola;
- f. 21° (Fe1): Olha, atualmente, resumindo, está estragado, está mesmo estragado, porque **há** uma falta;
- g. 27° (Ma1): Hoje em dia os jovens, a juventude, os adolescentes tão inclinado no álcool porque não **há** serviço para os mesmo;
- h. 27° (Ma1): Como jovem, na qualidade de jovem, faço negócio, mas luto, mas ainda assim **há** muita dificuldade, sim;

i. 29° (Ma2): eu acabei de saber que **há** um vírus surgiu na China e que pode afetar não só a China na altura, mas também pode afetar alguns países.

O trabalho de Jon-And, Avelar e López (2020) apresenta dados do português da província de Cabinda em que a frequência do uso de construções existenciais com *ter* e *haver* é a mesma para o PB, isto é, 76% (414/544) desse tipo de construções são sentenças com *ter* e 24% (130/544) dos casos com *haver*, sugerindo que a emergência de construções existenciais com *ter* no português de Cabinda decorre de uma influência bantu direta (transferência direta de uma L1 ou substrato) ou de uma mudança iniciada pela redução do paradigma verbal (o que envolve efeitos gerais indiretos de reduções morfológicas comuns no processo de aquisição de uma segunda língua). Dessa forma, assumindo as hipóteses levantadas pelos autores, sugere-se que o uso do *ter* existencial no PA emergiu devido a um paradigma verbal reduzido e cristalizado pela influência das línguas bantu em falantes bilíngues.

4.3.6 Uso do pronome reflexivo *se*

O *corpus* analisado apresenta dados sobre a tendência de utilização do pronome reflexivo **se** para as pessoas gramaticais, como já foi apontado em estudos preliminares realizados por Miguel (2014) e Sassuco (2016). Abaixo, são apresentados os exemplos extraídos do *corpus*:

- (45) a. 2° (Ma1): Eles **se** sentem seguro ali, dão uma fugida nas bebidas, ya;
 b. 4° (Fa2): Pra nós **se** proteger da doença, sempre tamo andar com essas máscara;
 c. 4° (Fa2): Meto já a máscara pra **se** proteger pelo covid;
 d. 6° (Me1): Bom, é, a rádio e a televisão procuram transmitir ao ao ouvinte, né, para que nós **se** protejamos;
 e. 7° (Me1): Pra nós **se** cuidar dessa doença, ficamos a saber que temos de lavar as mão, usar máscara, e ficar bem prevenida das coisas;
 f. 13° (Me1): Pra nós **se** prevenir, usar as máscara;

g. 16° (Me1): É uma doença perigosa e, para nós **se** prevenirmos da doença, usando máscara e evitar contatos com as outras pessoas, para ter uma distância.

O emprego que se verifica do pronome reflexivo no PA pode ser explicado pelo comportamento dos pronomes reflexivo e recíproco das línguas bantu em Angola, tal como demonstram os exemplos extraídos do kimbundu e cokwe:

Tabela 5: Comportamento dos pronomes reflexivo e recíproco no kimbundu e no cokwe

Kimbundu	Cokwe	Português
Ngid is ukula	Ngulisanyisa	“Eu lavo- me ”
U di sukula	U li sanyisa	“tu lavas- te ”
U di sukula	U li sanyisa	“Ele lava- se ”
Tu di sukula	Tu li sanyisa	“Nós lavamo- nos ”
Nu di sukula	Nu li sanyisa	“Vós lavais- vos ”
A di sukula	A li sanyisa	“Eles lavam- se ”

Fonte: Sassuco (2016, p. 211)

Conforme a tabela acima, o pronome reflexivo *di* e *li*, equivalentes ao pronome *se* em português, funcionam para todas as pessoas gramaticais (cf. os exemplos 17a, b e c). O uso produtivo do *se* para várias pessoas gramaticais por informantes de diferentes idades, níveis de escolaridade e gênero, sugere o efeito do contato na realização desse fenômeno, mais especificamente a transferência de propriedades morfossintáticas das línguas bantu para o português falado em Angola.

4.3.7 Preposições

Fatos sobre o uso das preposições, quer a ausência, presença, quer a troca, observados no PA, PB, PM (Gonçalves 2010; Avelar e Galves, 2014), podem levantar diferentes hipóteses quanto as especificidades no emprego das preposições (locativas e direcionais, por exemplo) nestas variedades, sugerindo-se uma influência de substrato ou dificuldades, por parte dos adquirentes de português como L2, de assimilar propriedades sintáticas relativas ao uso das preposições na língua

portuguesa. Seguem exemplos do uso diferencial de preposições encontrados nos dados analisados:

- (46) a. 4º (Fa2): É mais quê, já apanhamo vacina **sobre** covid;
 b. 4º (Fa2): Meto já a mascara pra se proteger **pelo** covid;
 c. 18º (Fa1): O nosso governo nos acostumou **em** que todo cidadão, para estar bem, deve ter um emprego no Estado.

A escolarização não parece ser o fator determinante para explicar o uso das preposições pelos informantes 4º (Fa2) e 18º (Fa1), uma vez que ambos possuem níveis altos de escolarização.

Silva (2020, p. 6), utilizando dados do PLB, apresenta exemplos nos quais são empregadas as preposições **através** e **dentro de, como se pode ver a seguir:**

- (47) a. PA: **Através** das guerras interrompeu o estudo pra mim [...]

 “Por causa das guerras, os estudos foram interrompidos pra mim”
 b. PA: FAL: [...] como é que a sua filha se comportava **dentro do** marido [...]

 “Como é que sua família se comporta no relacionamento com o marido?”

Nos exemplos do acima, verifica-se a ocorrência de fenômenos relacionados à presença das preposições, mais especificamente das trocas de **da** por **sobre** (em a. 4º (Fa2)), **pelo** por **da** (b. 4º (Fa2)), **através** em substituição de **por causa de, dentro do** no lugar de **com** e, por fim, a presença de **em que** sem a introdução de constituintes que expressam lugar. Assim sendo, as especificidades constatadas podem ser vistas sob a perspectiva do contato, como a influência de substratos das línguas bantu (no kimbundu, a preposição Ku pode significar *para, por, em*), ou dificuldades dos aprendentes de português L2, como os casos dos informantes 4º (Fa2) e 18º (Fa1), de assimilar propriedades relativas à sintaxe das preposições do português.

Ao combinarmos o conjunto de dados analisados, percebe-se que o PA apresenta traços que o distinguem do PE e apontam que eles emergiram em

decorrência do contato com as línguas africanas. Esses traços são compartilhados por outras variedades não europeias, com destaque para o PB e o PM. Importa referir que essas variedades de português foram moldadas em ecologias de contato com línguas bantu: em Angola, o português esteve e permanece em contato com diversas línguas do grupo bantu. No Brasil, o português esteve em contato com línguas bantu e kwa, enquanto, em Moçambique, a língua portuguesa convive com mais de vinte línguas africanas pertencentes ao grupo bantu.

A análise apresentada aqui reforça a observação que o português de Luanda exibe um quadro de mudanças morfossintáticas, em especial no uso das preposições direcionais (cf. Avelar e Galves, 2014; Álvarez-Lopez, 2018), dos clíticos (cf. Araújo e Silva, 2018; Esteves, 2021; Silva e Araújo, 2022), dos pronomes reflexivos e recíprocos (cf. Miguel, 2014; Sassuco, 2016), da concordância (cf. Inverno, 2009; Petter, 2009; Sassuco, 2016; Agostinho, Lamberti e Santos, 2021), do uso de *ter* como verbo existencial (cf. Avelar, 2019; Jon-And, Avelar e López (2020), apontando que esta variedade (e o PA, por extensão) se distingue do PE e que, pelas suas semelhanças com o PB, o PM e o PSTP, reforça as evidências para a proposta do continuum da língua portuguesa em África e no Brasil.

5. Conclusão

Este trabalho abordou, a partir da descrição e análise de dados coletados em estudo de campo realizado na província de Luanda, alguns traços gramaticais do PA, a fim de investigar como as especificidades identificadas nesta e em outras variedades não europeias representam mudanças induzidas pelo contato e confirmam a hipótese do continuum afro-brasileiro do português levantada por Petter (2009). Destacamos que os estudos historiográficos sobre as variedades africanas e o PB apontam para o papel do contato linguístico nas suas origens (Avelar & Galves, 2014; Petter, Negrão & Viotti, 2018; Avelar, 2019).

No contexto pré-colonial de Angola, as línguas locais eram utilizadas na comunicação diária e constituíam as línguas maternas dos diferentes povos. Entretanto, com a chegada dos colonos portugueses ao país, elas foram marginalizadas e os falantes foram obrigados a adotar o português em função das novas demandas sociopolíticas: para a comunicação com outros povos, para o acesso à escolarização, para o desenvolvimento individual, no relacionamento social, acesso profissional e para o exercício da cidadania. Atualmente, o português é a língua majoritária e possui cada vez mais falantes como L1. A sua disseminação resulta de políticas linguísticas das administrações coloniais e pós-coloniais, sendo falada nos espaços públicos e ensinada nas escolas do país, ao passo que as línguas nativas vão perdendo a condição de L1 e têm um uso mais restrito. Este cenário desperta, pois, a necessidade de ações concretas e de políticas linguísticas direcionadas para a promoção da diversidade linguística.

A situação sociolinguística de Angola, desde os primeiros contatos linguísticos até o presente, bem como as línguas envolvidas na situação de contato, permite afirmar que o PA sofreu mudanças em decorrência do contato com as línguas locais, mais especificamente com as do grupo bantu. Esta afirmação é sustentada pelas características morfossintáticas do PA, as quais revelam traços das línguas de substrato.

A pesquisa sobre o uso do “em” em contexto de verbos de movimento aponta para o efeito do contato, dado que existe apenas a partícula locativa **Ku** (em) que funciona como preposição para verbos que transmitem a noção de movimento e verbos que se referem a lugares fixos nas línguas bantu faladas em Angola. Logo, o falante do PA tende a usar a mesma preposição com verbos de movimento e locativos.

Em relação aos pronomes reflexivos e recíprocos no PA, o emprego desta categoria encontra convergência com as línguas bantu, já que o pronome reflexivo não é flexionado em línguas como kimbundu e cokwe, em que **di** e **li**, equivalentes ao pronome **se** em português, funcionam para todas as pessoas gramaticais. As similaridades observadas no emprego do pronome reflexivo no PA e nas línguas bantu oferecem suporte para a hipótese de uma influência bantu direta na emergência desse fenômeno.

No caso dos pronomes clíticos, os resultados alcançados apontam para uma aproximação entre o PA e o PB, sendo realização pré-verbal a preferida dos informantes, não havendo registro de mesóclise no *corpus* analisado. A esse respeito, a produtividade da próclise no PA pode ter emergido como resultado de contato, mais especificamente da transferência de traços das línguas bantu por meio do processo transmissão linguística irregular. Nesse sentido, observa-se que os pronomes infixos do kimbundu aparecem sempre na posição anterior ao verbo e depois do morfema formativo, seja qual for o tipo de frase ou de oração, o que aponta para uma semelhança estrutural entre a colocação pronominal predominante no PA e os pronomes com as funções de objeto direto e indireto do substrato.

A variação na concordância de número nos dados obtidos sugere erosão morfológica decorrente da aquisição imperfeita do português como L2 por falantes angolanos, no processo de transmissão linguística irregular.

A questão dos nomes sem a presença de determinante (nomes nus) no PA encontra paralelo com o português afro-brasileiro e o português brasileiro popular, que apresentam nomes nus em sintagmas nominais com interpretação específica. Tais usos podem ser atribuídos às dificuldades de processamento geradas pelas diferenças na morfologia nominal das línguas africanas e das línguas indo-europeias, uma vez que as línguas do grupo bantu não possuem determinantes, mas sim um sistema de classificadores.

Relativamente ao uso de *ter* como verbo existencial, verifica-se, diferentemente do PE, um paralelismo entre o PA, PB e PM. A convergência dessas variedades no que diz respeito ao uso do verbo *ter* como verbo existencial levanta a hipótese de que construções existenciais com *ter* emergiram de uma influência bantu direta ou de uma mudança iniciada pela redução do paradigma verbal. Pode-se dizer que o surgimento de tais construções no PA, de acordo com Jon-And, Avelar e López (2020), foi iniciada

e segue influenciado por um paradigma verbal reduzido, cristalizando-se pela influência das línguas bantu em falantes bilíngues.

Os resultados desta pesquisa apontam que o PA apresenta traços gramaticais que marcam uma ruptura com o PE e atestam uma semelhança com outras variedades africanas e o PB, como “uma continuidade, sem início nem fim, onde o tempo não é relevante, em que o importante é uma certa “unidade”, um conjunto de formas que demonstram uma ruptura com a variedade europeia do português” (Petter, 2009, p. 170). Essa situação emerge da interseção entre as ecologias de contato em que as variedades coloniais da língua portuguesa foram formadas e o aprendizado do português como L2 por falantes adultos de línguas africanas, resultando na nativização desse modelo como L1 por novas gerações de falantes.

Referências

ADRIANO, P. S. **Tratamento morfossintático de expressão e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia**. 2014. 594 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2014.

AFONSO, E. V. S. Sistema colonial em Angola e a Situação Escrava. In: **X Encontro Estadual de História, 2020, Bahia**. Combates pela História. BAHIA: ANPUH-BAHIA, 2020. v. 1. p. 11-1.

AFONSO, H. J. F. **Regência dos verbos de movimento**: um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu. 2020. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2020.

AGOSTINHO, A.L.; LAMBERTI, L.; SANTOS, E. F. Concordância de gênero variável em português: aproximações entre variedades africanas e afro-brasileira. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 40-69, 2021.

ÁLVAREZ-LOPEZ, L; GONÇALVES, P; AVELAR, J. O. **The Portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

ANÇÃ, M. H. Conhecimentos em português-língua segunda - Cabo Verde e Angola. In Carlos Reis (ed.) **Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura**, vol. 1, pp. 1031-1042. Coimbra: Almedina, 1998.

ANGOLA. **Constituição da República de Angola**. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.

ANGOLA. **Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino**. Luanda: Ministério da Educação, 2016.

ANGOLA. **Governo de Angola**. [Luanda]: Portal Oficial, 2024. Disponível em: <https://governo.gov.ao/provincia/luanda>. Acesso em: 21 fev. 2024.

ARAÚJO, A. M. S. Angola e a política ultramarina portuguesa no contexto da União Ibérica (1580-1640). In: **30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, 2019, Recife**. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, 2019.

ARAÚJO, E. As construções de tópico. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A. & RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: edufba, p. 231-250, 2009.

ARAUJO, P. J. P.; PETTER, M. T.; JOSÉ, A. J. Variedade de português angolano e línguas bantas em contato. In: OLIVEIRA, M. S. D; ARAUJO, G. A. **O Português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Humanitas, 2018.

ARAÚJO, S. S. de F. O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA): a história externa em foco. In: **Colóquio da Lusofonia**, 13., e Encontro Açoriano, 5., 2010, Florianópolis. Atas do... Florianópolis, p. 1-10, 2010.

ARAÚJO, S. S. de F.; DANTAS, N. dos S. Os verbos ter e haver existenciais no português falado em Luanda-Angola. **Letrônica**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 64–81, 2017. DOI: 10.15448/1984-4301.2017.1.24809. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24809>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ARAÚJO, S. S. F.; SILVA, M. C. A. Uma análise variacionista da colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 147-167, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3305>. Acesso em: 19 jun. 2024.

AVELAR, J; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Lingüística**, Montevideo, v. 30, n. 2, p. 241-288, dic. 2014. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2023.

AVELAR, J.; ÁLVAREZ-LOPEZ, L. Directional complements, existential sentences and locatives in the Afro-Brazilian continuum of Portuguese. In: Alvarez, L.; Gonçalves, P.; Avelar, J.. (Org.). **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, v. p. 185-210, 2018.

AVELAR, J. Sobre o papel do contato nas origens do português brasileiro. In: C. Galves, M. Kato & I. Roberts (org). **Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 57-92, 2019.

BARBOSA, G. M. O. A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 18–28, 2020. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3690>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BENTO, J. P. **Desvios do português a nível da sintaxe nos jornais publicados em Luanda**. Instituto Superior de Ciências de Educação - Luanda, tese de Mestrado, 2012.

BONVINI, E. Angola: Language situation. In R.E. Asher e J. M. Y. Simpson (orgs.) **The Encyclopedia of Language and Linguistics**, pp. 127-128. Oxford, New York, Seoul, Tokyo: Pergamon Press, 1994.

BORGES, H. Variação e mudança linguística na perspectiva da gramática gerativa. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e470, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id470. Disponível em:

<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/470>. Acesso em: 22 oct. 2024.

BOXER, C. R. **O Império Colonial Português (1415-1825)**. Lisboa: Edições 70, 1969.

BROOKSHAW, D. Da oralidade à literatura e da literatura à oralidade. **Angolê: Artes, Letras, Ideias**, 1: 30-34, 1999.

CABRAL, L. A. V. **Complementos verbais preposicionais do português em Angola (2 volumes)**. T.Dissertação (Mestrado), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

CAMPO, J. L. de A. do. **Funktional-kommunikative Darstellung eines angolischen Originaltextes sowie Vergleich mit seinen Entsprechungen im europäischen Portugiesischen und Deutschen**. In Ruth Degenhardt, Thomas Stolz e Hella Ulferts (eds.) *Afrolusitanistik - eine vergessene disziplin in Deutschland* (Dokumentation des 2. Bremer Afro-Romania-Kolloquiums vom 27.-29. Juni 1996), pp. 60-78. Bremen: Universität Bremen, 1996.

CAMPOS, E. A.; SANTOS, E. D. dos. A categoria tópico: aproximações entre o português do Brasil e o português de Angola. **PAPIA**, 22(1), p. 129-140, 2012.

CARVALHO, M. J. A. Passivas estranhas ao português europeu. **Angolê**, 3: 2-3, 1985.

CARVALHO, P. de. **Estrutura social e linguagem: o caso da Angola colonial**. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Africanos, 1991.

CHABAL, P. Aspects of Angolan literature: Luandino Vieira and Agostinho Neto. **African Languages and Cultures**, 8 (1): 19-42, 1995.

CHAVAGNE, J-P. **La langue portugaise d'angola. Etudes des écarts par rapport à la norme européenne du portugais**. Tese (Doutoramento), Université de Lyon 2, 2005.

CHIMBUTANE, F. Línguas Bantu ou Línguas Bantas?. **Revista Tempo**, Maputo, n. 1083, 14 set. 1991, Gazeta de artes e letras, p. 40-42.

CHITONGUA, I. **Competências Linguísticas em Português: O uso dos conectores na Língua Portuguesa vs na Língua Bantu Umbundu**. Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior de Ciências de Educação - Luanda, 2012.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**. New York: Praeger, 1986.

COELHO, I. L; GORSK, E. M; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CONCEIÇÃO, J. de C. A IDEIA DE ÁFRICA: OBSTÁCULO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRICANA NO BRASIL. **Projeto História: Revista do Programa de**

Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 44, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/8994>. Acesso em: 12 set. 2024.

COSTA, A. F. da. Rupturas estruturais do português e línguas bantas em Angola. Para uma análise diferencial. Tese (Doutoramento), Universidade do Minho, 1997.

CUESTA, P. V. O ensino do português enquanto língua segunda em Angola. **Angolê: Artes, Letras, Ideias**, 1: 15-18, 1990.

DÁLIA, J. DE M. T.; LUCCHESI, D. A variação na concordância de número no sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato?. **Gragoatá**, v. 26, n. 54, p. 217-251, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/43239>.

DIAS, H. N. Os empréstimos lexicais das línguas bantu no português. **Actas do Simpósio Nacional sobre Língua Portuguesa em África**. Santarém: Escola Superior de Santarém, 1991.

DOMINGOS, M. S. **Nasalidade vocálica em português: Pistas para identificação forense de falantes**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

ENDRUSCHAT, A. **Zur sozialen Varianz des Portugiesischen in der Volksrepublik Angola unter besonderer Berücksichtigung der "linguagem dos muceques"**. Beiträge zur Romanischen Philologie, 1: 89-92, 1986.

ENDRUSCHAT, A. Création lexicale en portugais parlé dans la République populaire d'Angola. In Jean-Michel Massa (eds.) **La langue Portugaise en Afrique: Angola**, Cap-Vert, Guinée-Bissau, Mozambique, St-Thomas, pp. 69-86. Rennes: Presses Universitaires de Rennes 2, Université de Haute Bretagne, 1989.

ENDRUSCHAT, A. **Studien zur portugiesischen Sprache in Angola (unter besonderer Berücksichtigung lexikalischer und soziolinguistischer Aspekte)**. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita (TFM), Domus Editoria Europaea (DEE), Verlag Axel Schönberger, 1990a.

ENDRUSCHAT, A. A língua falada como força motriz do desenvolvimento do português angolano. **Angolê: Artes, Letras, Ideias**, 1: 8-11 (vide também o mesmo título em Lusorama 12: 63-72), 1990b.

ENDRUSCHAT, A. **Zu Fragen der historischen und perspektivischen Entwicklung der portugiesischen Sprache als Kommunikationsmittel in Angola**. In Matthias Perl e Axel Schönberger (eds.) Studien zum Portugiesischen in Afrika und Asien. Akten des 1. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik (Berlim 20-23 Setembro 1990), pp. 9-20. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1991.

ENDRUSCHAT, A. **Acerca da colocação dos pronomes clíticos no português de angolanos e moçambicanos, sua problemática no contexto dos diferentes e na aquisição da linguagem**. In Associação Portuguesa de Linguística (ed.) Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, pp. 95-102. Lisboa: Lidel, 1993a.

ENDRUSCHAT, A. **Syntaktische Besonderheiten des angolischen Portugiesisch aus der Sicht des Zweitsprachenerwerbs.** In Christoph Strosetzki (ed) *Studia Hispanica - Akten des Deutschen Hispanistentages* (Göttingen 28.2.-3.3.1991), pp. 328-339. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 1993b.

ENDRUSCHAT, A. **Die Präposition com im Afroportugiesischen: Versuch einer neuen Interpretation ihrer spezifischen Verwendung.** In Ruth Degenhardt, Thomas Stolz e Hella Ulferts (eds.) *Afrolusitanistik - eine vergessene disziplin in Deutschland* (Dokumentation des 2. Bremer Afro-Romania-Kolloquiums vom 27.-29. Juni 1996), pp. 243-278. Bremen: Universität Bremen, 1996.

ESTEVES, V. D. **A colocação pronominal do português de Luanda: um estudo a partir do rap.** 2021. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

FIGUEIREDO, C. F. G. **Paralelismos morfossintácticos em variedades do grupo Niger-congo atlântico, crioulos atlânticos de base portuguesa e variedades africanas e brasileiras de português: transferência ou trajecto universal de aquisição.** Trabalho apresentado no 10ème Colloque International de l' Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France. 1-3 de julho. Manuscrito. 2010a.

FIGUEIREDO, C. F. G. **A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão aquisição geracional.** Vols. 1 e 2. Tese de Doutorado. Macau: Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português. 2010b.

FIGUEIREDO, C.F.G. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In OLIVEIRA, M. S. D.; ANTUNES, G. de A. (orgs.). 2018. **O português na África atlântica.** 2018, p. 47-100. São Paulo: Humanitas/FAPESP.
FIGUEIREDO, F. B; COELHO, Marcos V. S. D. **História da África.** Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2012.

FIGUEIREDO, C.; OLIVEIRA, M. S. D. **Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização.** *Papia - Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v. 23, n. 2, p. 105-185, 2013Tradução Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2078/1916>. Acesso em: 07 maio 2024.

FIGUEIREDO, C. F. G; e SANTOS, E. F. Construções [Foc+Que] no Português do Município do Libolo, Angola. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 209-231, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i1p209-231>.

FILIPE, L. **Os erros na produção escrita de estudantes dos primeiros anos da Faculdade de Letras e Ciências Sociais de Luanda: Causas e soluções.** Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior de Ciências de Educação, Luanda, 2012.

FRANCISCO, J. M. **Política e religião no Reino do Congo (Séculos XV-XVI): Dom Afonso I, o rei “convertido”**. 2021. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

FRIES, A. **Ideologias de linguagem na modernidade recente: o que dizem estudantes multilíngues de uma universidade no sul do Brasil**. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212721>.

GABRIEL, M. N. D. Afonso I, rei do Congo: Um missionário leigo do século XVI. **Edição do Secretariado Nacional das Comemorações dos 5 séculos de Evangelização e Encontro de Culturas**, Lisboa, 1991.

GALVES, C. Theoretical, empirical and methodological approaches for studying the Afro-Brazilian continuum of Portuguese. In: Alvarez, L.; Gonçalves, P.; Avelar, J. (Org.). **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, v., p. 19-42, 2018.

GÄRTNER, E. **Syntaktische Besonderheiten des Portugiesischen in Angola**. Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt - Universität zu Berlin, 32(3): 295-298, 1983.

GÄRTNER, E. **Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola et au Mozambique**. Linguistische Arbeitsberichte, 53: 21-45, 1986.

GÄRTNER, E. **Remarques sur la syntaxe du Portugais en Angola et au Mozambique**. Etudes Portugaises et Brésilienues, XXI: 29-53, 1989a.

GÄRTNER, E. Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola et au Mozambique. In Jean-Michel Massa (eds.) *La langue Portugaise en Afrique: Angola, Cap-Vert, Guinée-Bissau, Mozambique, St-Thomas*, pp. 29-53. Rennes: Presses Universitaires de Rennes 2, Université de Haute Bretagne, 1989b.

GÄRTNER, E. **Syntaktische Besonderheiten des Portugiesischen in Angola und Moçambique**. In Matthias Perl (ed) *Portugiesisch und Crioulo in Afrika: Geschichte, Grammatik, Lexik, Sprachentwicklung*, pp. 184-214. Leipzig: Leipzig: Karl Marx Universität, Sektion Theoretische und Angewandte Sprachwissenschaft, berhard, 1989c.

GÄRTNER, E. Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique. **Confluências**, 12: 29-58, 1996.

GÄRTNER, E. **Coincidências dos fenómenos morfosintáticos do substandard do português do Brasil, de Angola e de Moçambique**. In Ruth Degenhardt, Thomas Stolz e Hella Ulferts (eds.) *Afrolusitanistik - eine vergessene disziplin in Deutschland (Dokumentation des 2. Bremer Afro-Romania-Kolloquiums vom 27.-29. Juni 1996)*, pp. 146-180. Bremen: Universität Bremen, 1997.

GASPAR, S. M. F. **A formação inicial de professores de Língua Portuguesa em Angola**. 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Português como Segunda Língua e Estrangeira) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

GONÇALVES, P. **A génese de línguas formadas em contextos multilingues: Uma abordagem paramétrica**. In Ernesto D'Andrade, Maria Antónia Mota e Dulce Pereira (orgs.) *Crioulos de base portuguesa - Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, pp. 247-257. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1999.

GONÇALVES, P. **A génese do português de Moçambique**, Lisboa, INCM, 2010.

GREENBERG, J. H. **The Languages of Africa**. Vol. 25. Bloomington: Indiana Univ. 1963.

GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**: na introduction to the comparative linguistics and prehistory of the bantu languages. Farnborough: Gregg Press, 71. 4v, 1967.

HAMILTON, R. Lusophone literature in Africa: language and literature in Portuguese-writing Africa. **Callaloo**, 14(2): 313-323, 1991.

HOLM, J. **Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS. **Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola**, 2014. Luanda: INE, 2016.

INVERNO, L. **Português vernáculo do Brasil e Português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística**. In: FERNÁNDEZ, M; FERNÁNDEZ-FERREIRO, M; VÁZQUEZ VEIGA, N (org). *Los Criollos de base ibérica: ACBL- PE*. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt Am Main: Vervuert, p.201-213, 2004.

INVERNO, L. **Angola's transition to vernacular Portuguese**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006.

INVERNO, L. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In: CARVALHO, A. M. (org). **Português em contacto**. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, p. 1-12, 2009. Disponível em: https://www.uc.pt/creolistics/research/angola/inverno_forthcoming.

INVERNO, L. **Contact-induced restructuring or Portuguese morphosyntax in interior Angola: evidence from Dundo (Lunda Norte)**. 475f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

INVERNO, L. Angolan Portuguese: Its historical development and current sociolinguistic setting. In: Alvarez, L.; Gonçalves, P.; Avelar, J.. (Org.). **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, v. p. 111-133, 2018.

JARUSHKIN, A. Brasileirismos no português de Angola?. **Revista de Filologia Românica**, IV: 365 – 367, 1986.

JON-AND, A; AVELAR, J. O. De; LÓPEZ, L. Á. Contact, Variation and Change in Angolan Portuguese: The Case of Existential Constructions in Cabinda. **Bulletin Of Hispanic Studies JCR**, v. 97, p. 81-103, 2020. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/bhs.2020.5>. Acesso em: 15 out. 2024.

KONDJA, J. E. **Produção de segmentos consonânticos do português por falantes nativos do !Khun (Khoisan), língua angolana. 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)** - Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2022.

LABAN, M. Angola: Le témoignage de Uanhenga Xitu. **Bulletin des études portugaises et brésiliennes**, 42(43): 45-68, 1982.

LIMA, A. F. **Estudos afro-brasileiros**. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, 1985.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, p. 41-73, 2009.

LUCCHESI, D. BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, p. 101-124, 2009,

MACEDO, E. A regência verbal no português dos países africanos lusófonos: norma ou desvio. In Eberhard Gärtner, Christine Hundt e Axel Schönberger (orgs.) **Estudos de história da língua portuguesa**, pp. 281-290. Frankfurt am Main: TFM, 1999.

MAHO, J. F. NUGL Online. **The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages**. 2009. Disponível em: https://brill.com/fileasset/downloads_products/35125_Bantu-New-updated-Guthrie-List.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

MANOEL, J.; LANDI, G. **Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MARQUES, I. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. **Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo** - Lisboa 1983, (volume I), pp. 205-224. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990.

MARTINHO, A. M. Manuais e ensino do português em Angola e Moçambique. In Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs.) **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**, (Vol. 3), pp. 75-89. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística e Colibri, 1996.

MARTINS, A. M. **O português angolano de Ondjaki (Homenagem a Rosario Álvarez, Francisco Fernández Rei e Manuel González, organizada por Xavier Varela)**. P. 1-30, 2023. 10.13140/RG.2.2.34629.01768. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373044778_O_Portugues_Angolano_de_Ondjaki_Homenagem_a_Rosario_Alvarez_Francisco_Fernandez_Rei_e_Manuel_Gonzalez_organizada_por_Xavier_Varela. Acesso em: 17 set. 2023.

MASSA, J-M; PERL, M. **La langue Portugaise en Afrique: Angola, Cap-Vert, Guinée-Bissau, Mozambique**, St-Thomas. Rennes: Presses Universitaires de Rennes 2, Université de Haute Bretagne, 1989.

MELLO, H. Os corpora orais e o C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). **G-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, 1, p. 31-54. Disponível em: http://www.c-oral-brasil.org/files/book_chapters/3_C_ORAL_BRASIL_BOOK_CAPITULO_1.pdf.

MELO, E. A. S. A influência bantu nas construções de tópico-sujeito: a marcação de posse [DP+DP]. In: XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 2014, Coimbra, Portugal. **Textos Selecionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 2014. v. 1. p. 30-50.

MENDES, B. C. **Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola**. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985.

MIGUEL, M. H. **Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda**. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

MIGUEL, M. H. **Dinâmica da pronominalização no português de Luanda**. 2ª ed. Edição. Luanda: Mayamba Editora, 2014.

MINGAS, A. A. O português em Angola: Reflexões. In: **VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa**, Vol. 1., 1998, Macau. Centro Cultural da Universidade de Macau, 109-126, 1998.

MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Luanda**. Luanda: Chá de Caxinde, 2000.

MONTEAGUDO, H. A invenção do monolingüismo e da língua nacional. Gragoatá, MUDIAMBO, Q. **Da lexicologia e lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa no II Ciclo do Ensino Secundário: 10ª, 11ª, 12ª e 13ª classes na E.F.P. – Escola de Formação de Professores “COR MARIAE” do UÍJE (Angola)**. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

NARO, A. J; SCHERRE, M. **Origens do português brasileiro**, São Paulo, Parábola, 2007.

NEGRAO, E. V; VIOTTI, E. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. **Linguística**, Montevideo, v. 30, n. 2, p. 289-330, dic. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079312X2014000200011&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 22 maio 2024.

NETO, C. G. **O perfil linguístico e comunicativo dos alunos da Escola de Formação de Professores Garcia Neto (Luanda-Angola)**. Universidade de Lisboa, 2009.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. In: KI-ZERBO, J (Org): **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**. vol.1. 2.ed. Brasília: UNESCO, p. 295-316, 2010.

OLIVEIRA, M. D. S; SANTOS, E. F. Pronomes nulos na posição de sujeito no português de Angola - um estudo preliminar. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 9, p. 85–101, 2007. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i9p85-101. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/59774>.. Acesso em: 22 maio. 2024.

OLIVEIRA, M. S. D; CAMPOS, E. A; FERNANDES, J. T. V. Repensando a escola em Jurussaca a partir da “norma dos pronomes pessoais da comunidade”. In: CUNHA, A. S. A (Org). **Entendendo quilombos, desconstruindo mitos – a educação formal e a realidade quilombola no Brasil**. Guimarães, MA: Setagraf, 2011, p. 129-144.

OLIVEIRA, M. S. D; ARAUJO, G. A. **O Português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Humanitas, 2018.

PERL, M. **Le portugais et le créole portugais en Afrique**. LAB, 53 : 2-20, 1986.

PERL, M. **Algunos resultados de la comparación de fenómenos morfosintácticos del "habla bozal" de la "linguagem dos musseques", del "palenquero" y de lenguas criollas de base portuguesa**. In Estudios sobre Español de América y Lingüística Afro Americana (Ponencias presentadas en el 45 Congreso Internacional de Americanistas), pp. 369-380. Bogota: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1989a.

PERL, M. **Le portugais et le créole portugais en Afrique - Réflexions sur la variation et la planification linguistiques**. In Jean-Michel Massa (eds.) *La langue Portugaise en Afrique: Angola, Cap-Vert, Guinée-Bissau, Mozambique, St-Thomas*, pp. 9-27. Rennes: Presses Universitaires de Rennes 2, Université de Haute Bretagne, 1989b.

PETTER, M. M. T. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, n. 17, p. 9-19, 2007. Tradução. Disponível em: <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/6/17-1>. Acesso em: 22 maio 2024.

PETTER, M. M. T. **Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano**. 2008. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Acesso em: 22 maio 2024.

PETTER, M. O continuum afro-brasileiro do português. In: C. Galves, H. Garmes & F. Ribeiro (org.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 158-173, 2009.

PETTER, M. M. T. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **Papia. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 19, p. 201-220, 2009. Tradução . . Disponível em: <http://abecs.dominiotemporario.com/ojs/index.php/papia/article/viewFile/54/67>. Acesso em: 20 maio 2024.

PETTER, M. **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PETTER, M.M.T. ; NEGRÃO, E. V. ; VIOTTI, E. C. . The Africa-Brazil continuum: the case of passives and impersonal constructions. In: Álvarez-Lopez, L; Gonçalves, P; Avelar, J. O. (Org.). **The Portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, p. 211-236, 2018.

PIMENTA, F. T. COLONIALISMO DEMOGRÁFICO PORTUGUÊSEM ANGOLA: HISTORIOGRAFIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA. **Revista de Teoria da História**, Goiás, v. 17, n. 1, mai./jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/48045/23429>.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

RAPOSO, E. P. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.

REDINHA, J. **Distribuição Étnica de Angola**. 9ª ed. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1975.

RIBAS, Ó. **Dicionário de regionalismos angolanos**. Matosinhos: Editora Contemporânea, 1997.

SAMPAIO, T. H. Portugal em África: a política de emigração para as colônias (1890 – 1974). **Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v.3, n.6, jul-dez, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/CESP/article/view/19026>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, E. F. **A periferia esquerda da sentença no português de Angola**. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, E. F. dos. A categoria tópico no português de Angola. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 128-138, 2011. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v24i1p128-138. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37350>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, E. F. A contribuição de Amélia Mingas para uma história linguística angolana: contextualizações iniciais. **Revista da Abralin**, Brasil, v. 20, n. 3, p. 574-

585, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1984/2482?fbclid=IwAR3fNvkW0U6tD6zd3tThuJ7zTiL3uOd6AbEghmdiwrXIUXohMlrNEtJ4zYE>.

SASSUCO, D. P. Pistas essenciais para um português de Angola. In: LEITE, I. B. L.; SEVERO, C. G. (orgs). **Kadila: culturas e ambientes – Diálogos Brasil-Angola**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, pp. 199-218, 2016.

SCHUCHARDT, H. On creole Portuguese. In T. L. Markey (ed.) **The ethnography of variation: selected writings on pidgins and creoles**, pp. 59-72. Ann Arbor: Karoma, 1888.

Silva, J. G. Banco de dados: “**Preposições no português falado no Libolo (Angola)**”. In Mattos, Ana Paulla Braga; Oliveira, Márcia Santos Duarte; Souza-Junior, Cleônidas Tavares de (eds.). Portal de Variedades do Português (PVP), 2020. FFLCH-USP. Disponível em: <http://pvp.fflch.usp.br>.

SILVA, R. V. M. e. Aspectos do Contacto lingüístico no Brasil. **Universitas**, [S. l.], n. 24, p. 83, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/83>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, M. C. A.; ARAUJO, S. S. F. **A atuação dos elementos antecedentes ao verbo na colocação pronominal no português oral luandense: breve comparação com variedades da língua portuguesa**. CUADERNOS DE LA ALFAL, v. 01, p. 161-180, 2022. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/cuaderno_especial_2022_008.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Los Angeles/Berkeley: University of California Press, 1988.

UNDOLO, M. E. S. **Caracterização da norma do português em Angola**. 2014. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2014.

VANSINA, J. **Portuguese vs Kimbundu: language use in the colony of Angola (1575- c. 1845)**. In: Bull. Séanc. Acad. R. Sci. Outre-Mer Mede. Zitt. K. Acad. Overzeese Wet, 47, p. 267-81, 2001. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/bulletin_2001.

VILELA, M. **Algumas tendências da língua portuguesa em África**. Ensino e língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática, pp.45-72. Coimbra: Almedina, 1995.

VILELA, M. A língua portuguesa em África: tendências e factos. **Africana Studia**, 1: 175-195, 1999.

VISENTINI, P. F. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WEINREICH, U. **Languages in contact: findings and problems**. New York: Mouton The Hague, 1953.

WINFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. London: Wiley-Blackwell, 2003.

WINFORD, D. "Contact and borrowing." In: The Handbook of Language Contact, p. 170-187. In: HICKEY, R. (org.). **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

ZAU, D. G. D. **A Língua Portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 2011. 204 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

Apêndice

Transcrição das entrevistas gravadas com falantes angolanos residentes na província de Luanda.

(1)

INF: Na minha humilde opinião, eu digo que a vida econômica de Angola não está estável. Tá numa instabilidade muito alta. Eu, como funcionária numa função privada, eu tenho visto que nós somos praticamente explorados, porque estrangeiros venham, eu digo assim, invadir o nosso país, põem leis da conta deles, que saem com ele do país deles, que venham impor nos angolanos e nós, angolanos, não temos como reclamar porque estamos a precisar do que ele nos oferecem.

Se nós tivéssemos pelo menos o poder, a nossa economia estivesse estável, nós poderíamos ter a possibilidade de nos impor e impor também as nossas regras, porque eu digo assim, eu trabalho, mas eu trabalho de segunda a sábado, só tenho folga nos domingos porque eu só encarregada. Se eu não fosse encarregada, podia começar a trabalhar todos os dia, até nos domingos.

Para que pudesse melhorar a situação do país, vamos investir mais nos angolano e pouco nos estrangeiros, dá mais oportunidade aos próprios angolanos. Também vamos explorar os angolanos, talvez os angolanos têm muito pra oferecer do que os estrangeiros. Muitos. É só explorarem que vocês vão descobrir talentos que vocês nem imaginem.

(2)

INF: Ultimamente, eu acho que a situação do país ultimamente apertou, já. A vida tá cara pros angolano, principalmente as famílias que num tem uma fonte de rendimento ou as famílias pobres, já. É que falhamos muito. Mais encarecidas, né? Principal acho que a parte do Estado tem que disponibilizar mais emprego pros jovens, já. Num é só apostar no empreendedorismo, essas coisas.

Epá, que eu vejo a maior parte tão frustrados e tão a beber muito pra não pensar na situação do país fica se frustrar... se reconfortam na bebidas alcoólica, alguns nas drogas, já. Isso já depende da capacidade de cada um. Eu acho que não é o caminho

certo, mas epá eles se sentem seguro ali, dão uma fugida nas bebidas, yá. Yá, é negativa, país tá mal, muito mal.

(3)

INF: Eu, pra mim, covid-19 num existe. Aqui em Angola num tem covid-19. É só andar com máscara, só tiveram a falar pra andar com a máscara, ninguém pode andar sem máscara. Andei com máscara, apanhei vacina, todas as vacina apanhei. Outras tiveram a mandar lixar, outras num fizeram isso. Mano, num tem nada mais pra falar, yá.

(4)

INF: “Sobre o covid num apanhamo já vacina, filho, apanhamo vacina. É mais quê, já apanhamo vacina sobre covid.

Sobre o covid nós assim nos falaram que tem que invitar sítio que tá apertado multidão de pessoas, tem que começar meter a máscara, é usar a máscara, é... donde você vai usá a máscara pra se proteger bem, então é o que eu sei. Mais nada.

Pra nós se proteger da doença, sempre tamo andar com essas máscara, tipo assim meti memo aqui viqui aqui somos mbora duas pessoas, esse sentou, eu sentei aqui 1 metro, então pousei mbora máscara no barde, porque tem mbora um metro aí, você próprio veja só. Agora se vê que tamo num sítio apertado, meto já a máscara pra se proteger pelo covid, ya. E come esse tipo de comida tipo é bolinho ou quê, epá num tó queré comer mesmo já essa comida que num taparam. Eu assim como eu tó evitá memo maka da covid, num tó queré comprá tipo assim bolinho que num tá tapado assim, eu num como, num compro, porque sento já medo pela poeira assim que sentamo aqui, mosca tá pousa lá. Então, é pra evitá covid vale a pena comer comida que tá bem conservado numa caixa, eu compro como, sim”.

A rádio nos disse que temo que como continuar memo já usar máscara, num dá pra parar porque a doença ninguém ainda sabe se já passou ou não, sim. Tem que se proteger, num dá pra comer à toa, memo na rua porque tá andá tá come, aquela ventania que tá passá você num sabe se é corona que tá tocá lá, sim. Comida tem que ser protegido tipo esses pães assim tem que começar meter num saco assim. Essa sacola mesmo branco que fica mesmo açucari dentro, tira aquele saco aí, põe lá spange proteger pra mosca num sentá lá, porque a mosca quando pousa lá também, é doença também. É covid que tamo a fugir, ya, hum.

Epa, no nosso bairro, eu moro aí nas Mabubas, num tinha muito, hum. Nós aí você quando mete bolinho mesmo assim, num tapaste na caixa, ninguém compra, ninguém come, ya. Frango memo aí ninguém come muito, porque desse medo da covid. Ya, comer muitas verduras, kizaca, vamo capinar na lavra, vamo come esses peixes assim mosca tá pousa num compramo.

Sim, aí tem, aí memo tem. Nós fizemo memo consurta. Acabei memo de fazer todas pica, fiz memo até no fim. Cartão perdeu, como é que eu posso fazer pra conseguir o cartão que perdeu? Ya, fiz memo consulta, tudo. É hospitali tá ali perto, tudo é de favori, ya. Todo momento tamo ir se fazer consulta lá. Tamo nos lertar tamo ir no enfermeiro, num come coisa que tá assim sem tapado. É por isso aí você leva tua comida que num tá tapado ninguém compra, sim, ya,ya, isso.

(5)

INF: covid-19 é uma doença contagiosa e que veio assolar aqui o nosso continente africano, exclusivamente o nosso país Angola. É, trouxe muita dificuldade é no que tange, nós já vivemos aqui o caso, já vivemos com muitos problemas, mais com pandemia só veio aumentar dificuldade de desenvolvimento no nosso país. Nos afetou de várias de várias maneira, porque o covid-19 pode ser nos trouxe muito atraso e também não temos aquela auto segurança de com a covid-19, e também não temo muito conhecimento sobre essa doença, mas no decorrer do tempo conseguimos.

Como eu tava a dizer, é uma doença muito perigosa, contagiosa, mas nós, como angolano, tamo a saber lidar com essa doença. Como temos as regras lavar as mãos com água e sabão, utilizar as máscaras, mas como vimos não foi fácil lidar com essa doença.

E por intermédio da covid-19, a nossa economia tendo caiu nesse caso, decaiu. Num tem aquela exportação, nesse caso nosso país, para famílias que têm baixa renda ou de baixo nível, trouxe, trouxe muitas consequências como a fome, porque era muito difícil deslocar de um sitio para outro sabendo que temos essa doença em todo o território. Até agora muitas sequela como fome só aumentou mais, é muita dificuldade que a gente vive até agora por intermédio dessa dessa pandemia.

A rádio e televisão têm dito que o corona vírus é uma doença muito perigosa, contagiosa e eles nos deixaram recomendações como utilizar máscaras, lavar as mão três vezes por dia com água e sabão e ficarmos nas nossas casas nos cuidarmos,

num sair com muita frequência, mas sim tendo noção que devemos ter muita segurança com essa mesma doença.

O governo, de um modo geral, ele tem ajudado com as suas informações devido a rádio e a televisão, dizendo que temos que alguns alerta como utilização de máscara e os bio, como posso dizer, os, os produtos para nós utilizar pra, por exemplo, lavar as mão e a máscara nesse caso. Mas essa mesma doença eu acho que num foi muito bem, num foi muito bem assim publicitada porque eu acho que nós sofremos muito com essa doença, nós sofremos muito porque eu acho que nosso governo num num teve assim aquele santa paciência tipo é distribuição de máscara, por vemos que tem famílias que não tinham condições de comprar nem sequer até uma máscara, por naquele momento o preço da máscara subiu e num tinha como outras famílias terem máscara. Então foi um momento muito difícil que nós vivemos.

Houve, houve sim, houve sim, houve sim muitos casos, mas, como já sabe, nossa população num num demos muito ouvido essa doença. Vivemos como fosse num num ter passado nada, num ter, num ter nenhuma doença nesse país.

(6)

INF: Bom, na verdade, a covid-19, conforme é do conhecimento de toda gente, ela é uma epidemia, né, ou uma pandemia que alastrou todo mundo e aqui houve situações, situações em que, epá, aconteceram alguns caso que que não foi muito elevado, né, se assim posso dizer, até digo graças a Deus que aqui num foi assim tão elevado. Mas houve alguns casos e, epá, era só mais ou menos isso, até porque num tenho assim bem a estatística dos número que realmente tivemos aqui. Mas penso eu que num passa duns quinhentos ou chega até mil, num, num chega. Yá, é mais ou menos isso.

O contágio de dessa mesma covid, né, no que diz respeito a organização sanitária, né, durante alguns tempo, mesmo no ano passado ou no tempo que tivemos em confinamento, o Estado criou um, um termo de reservatórios, né, ou lugares sanitários para poder auxiliar aqueles que vão passeando, que num têm como ter a máscara ou álcool gel, né, lavarem um sítio, sítios próximos para poder higienizarem então o seu corpo. E, quanto a precaução, né, que as pessoas têm tido no uso de máscara faciais e o uso também de álcool gel, em suas casas quem não tem, utiliza-se o sabão, né, pra poder desafastar um bocado a doença, pra num ter aquele contágio logo de imediato.

Bom, a rádio e a televisão procuram transmitir ao ao ouvinte, né, para que se pro, para que se, para que nós se protejamos, né, e trazem alguns conselhos de que sempre devemos andar assim um metro ou mais de distância e repetindo o uso da máscara e do álcool gel. É mais ou menos isso que eu sei.

(7)

INF: Sobre a covid-19, eu só acho, pode dizer que acho, né, o que eu sei, acho que a doença não existe, mas vivemos aquele tempo de assistir e ver as doenças que tavam a causar a covid-19. Pra nós se cuidar dessa doença, ficamos a saber que temos de lavar as mão, usar máscara, e ficar bem prevenida das coisas. Também venho a pica, apanhamos as pica, as primeiras dose tem a terceiras doses também e mais o quê. Angola, pra Angola dizé, falavam não que apareciam alguns caso, mas ficamos a saber mais na China, morreu muita gente e até agora não sei se continua porque até agora continuam a dar as picas do covid-19, as terceiras dose. Que eu sei.

O governo faz, como já disse, a pica, dá informação de algumas coisas que devemos usar máscara, lavar as mãos também e esqueci de uma outra pergunta, pode repetir a pergunta? Usar a máscara, lavar as mão, fazer a pica, a primeira dose e a terceira dose, isso também. Devemos nos cuidar muito bem, apanhar as picas e também não ficar nos sítios muito aglomerado com muita gentes, evitar ficar com as pessoas que têm gripe também, usar máscaras e o álcool gel.

(8)

INF: Bem, sobre a covid-19, temos que dizer que é uma doença contagiosa que assola o nosso país e não assim o mundo inteiro. Segundo relatos, é uma doença que surge na China, isto é, na província de Wuhan, que o vírus foi se espalhando até no nosso nossos país de África, e é uma doença que dezimou muita a população mundial e trouxe uma redução bastante na população africana.

Bem, eu acredito que o governo fez o bastante para proteção dessa mesma doença. Primeiro veio o estado da calamidade, com o objetivo de privar a movimentação, ou seja, a expansão das pessoas na rua, porque sabemos que essa doença é contagiosa através de salivas, ou seja, o vírus propagam pelo ar. O governo fez, o deu o fecho das escolas, o fecho das igrejas e pouca circulação em vias e por outra ajudou bastante também em videoaulas e alguns problemas, e também deram ajuda de como nós devemos nos prevenir da mesma doença. Só que, infelizmente, muitos de nós

não encaramos com grandes responsabilidades o programa que o governo havia trago para o nosso país. Nós encarávamos como se fosse uma doença que não existe. Nós encarávamos essa doença, podemos assim denominar, como uma doença fantasma, ou seja, algo que o governo criou. Relatos vinham que era apenas um, um, uma estratégia que o governo havia usado para captar, para receber valores. Mas acreditamos que mais tarde as pessoas começaram a se aperceber que a doença era grave e começamos então a nos proteger, ou seja, a ficar em casa. Só mais tarde, depois da doença ter se propagado muito no nosso país.

Bem, a rádio e a televisão têm dito sempre aquilo que tem sempre se dito a todo o tempo, que o coronavirus é uma doença muito perigosa, denominada como pandemia, seja que vem com o objetivo de dizimar a população mundial. A rádio, tanto como a televisão, trabalharam bastante na informação, ou seja, deram informações suficiente para que nós nos protejamos da mesma doença.

(9)

INF: o que eu sei sobre a covid-19 é que a covid-19 foi uma doença causada pelo vírus da sars-cov-2. Foi descobrido na China no ano de 2019, em dezembro. E mais recentemente foi, foi atuando em Angola no ano de 2020, no período de fevereiro a março foram alastrando e seguem até os dias de hoje. O governo, juntamente com a equipa multisetorial para a prevenção da covid-19, tem trabalhado muito numa forma significativa. Mas a comunidade nos bairros muitas das vezes não tem cumprido aquilo que é a norma, que é a norma, que é o distanciamento, as lavagens das mãos e o uso de máscaras. Por exemplo, só nesse momento nós já não usamos máscaras constantemente, porque nós vimos uma diminuição significativa dos casos da covid. Nós já não prestamos atenção a estes fatores.

A rádio e a covid têm falado sempre que há sempre números de casos da covid. Mas se nós fazermos um estudo, de acordo com a nossa comunidade, vamos avaliar que isso não é realidade que eles falam, porque, no nível que nós estamos desprotegidos, nós teríamos um número acentuado de casos da covid. Eu posso aqui dizer que a covid em Angola não afetou como os dados dizem, mas eles são mesmo a comissão multisetorial eles é que falam como é que é, como é que não é.

(10)

INF: olha, o conhecimento que temos da covid-19, né, é que é um vírus bastante feroz, né, que ataca a pessoa de forma a deixá-lo sem imunidade nenhuma. Todo o sistema de defesa acaba por ser detonado e assim nos leva a morte. Mas falando da covid-19 no seu todo, é uma patologia que acometeu o mundo todo e trouxe assim consigo desvantagens e coisas catastróficas, tal como devastar famílias. E assim podemos dizer um, um, uma boa parte do país, né, mas graças a Deus, é algo que também se conseguiu controlar e assim conseguimos viver com o vírus e o tratamento.

Olha, nós verificamos que o governo adotou o sistema nacional de saúde na qual encontramos os cuidados primários, secundários e terciários, né, e para a população ou a comunidade no geral, o governo optou em, digamos, optou em cuidados primários que são prevenir primeiro, né, com métodos simples que são lavagens das mãos, né, que agora a gente tinha o hábito de apertar as mãos, já não apertamos, demos o famoso cule, como se diz assim na gíria. Então são métodos que o governo optou para assim não, digamos, que erradicar a covid-19 no meio da comunidade, mas assim podemos nos precaver da melhor forma possível.

Há tempos nós estudamos sobre a IEC, que é uma cadeira que dizia que a informação e comunicação, o outro item só me esqueci, mas a IEC é um, um, uma cadeira que engloba televisão, engloba a rádio, né, e com isso nós conseguimos ver que a rádio e a televisão têm feito um, um, uma informação em massa e essa informação em massa nos permitiu termos todos conhecimentos, né, para assim nos precavermos da covid-19. Conhecimentos para que nos possamos, né, andar da melhor forma e glorificamos a Deus também por isso, porque hoje a televisão e a têm feito um papel importante na nossa sociedade. Acredito que hoje já não há pessoas que diz que não tem conhecimento, porque, se pelo menos não assistir, vai ouvir. Então, o ouvir na rádio é, digamos que elucidou a fim de poderem se, se precaver da melhor forma também. Digamos que aqui aplicamos o princípio de relatividade, um sim e outros não. Mas eu ainda digo que quem diz que taria a ser ignorante, porque isso é real, se mostrou no mundo todo. Há quem diz que não existe em Angola pelo simples fato de num ver o vizinho a ser acometido pela mesma patologia. Mas o fato é que a existência da patologia num se definiu por quem foi acometido, né, porque a gente conseguiu ver que o mundo todo passou por isso e Angola não foi isento disso.

(11)

INF: Bem, o que eu sei sobre a covid-19, sei que a covid-19 é uma doença que é transmitida por vários motivos, por questão, por questão de medidas de biossegurança, por questão também de tosse, por questão também de aglomeração e pessoas que as vezes podem assim tossir de uma forma a não se prevenir e porém afetar também outras pessoas.

Pelo que eu sei a respeito do governo, é o governo tem feito tudo por tudo para manter a ordem e a tranquilidade a respeito da covid-19. Por exemplo, quando tivemos assim a questão do estado de emergência, o Estado se pronunciou da melhor forma para assim também poder proteger a população.

Bem, eu acredito na altura quando tivemos assim questão de estado de emergência eu vi muita gente a utilização de máscara bem como também álcool gel e as pessoas andavam assim com máscara como bem já mencionado, também com álcool gel, sabão e as pessoas também procuravam assim vão nos supermercados, vão nas ruas, têm contato com as pessoas no táxi e, ao regressar as suas residências, as pessoas procuravam assim tomar iniciativa de lavar as mãos, trocar de roupa e assim sucessivamente.

Bem, a televisão criou várias estratégias que é ensinar a população na questão talvez se tiver alguns sintomas, a televisão incentivou as pessoas a procurarem um posto de emergências mais rápido, para então poderem assim poder acudir a situação que tiver a passar naquele momento, caso seja covid-19. E a rádio também foi ajudando o governo em si a fazer a publicação ou a apelar as pessoas que não devem ficar em sítios de aglomerações, bem como também devem evitar ter muitos contatos no meio de muita gente, por exemplo, ir as praias, nas festas e tudo mais. A rádio fez isso e alguma população, aquele que tinha uma questão de educação de ouvir, ouviam.

(12)

INF: Covid-19 é uma patologia transmissível pelo vírus viral. E o covid é transmitido também pelo nosso ar. Como é podemos nos proteger pelo covid? Usando uma máscara, higiene de segurança que usar sempre o álcool gel e nos mantermos afastados de certas pessoas, que é o afastamento pessoal.

O nosso governo tem feito, o método que o governo usa para nós termos segurança é impedir a multidão da população e os métodos que ele tem usado é a ordem pública,

que são os polícias que afastam as pessoas que tão num grupos. Já, é isso que o nosso governo tem feito para afastamento da covid-19.

Começando pela televisão, ele nos transmitido a informação que temos que nos prevenir usando os métodos biométricos, que é a higiene, que é o álcool gel, a máscara de segurança. São essas informações que têm passado para nós.

(13)

INF: Epá, covid-19 num sei muita coisa, mas em poucas palavras pode ser um vírus ou uma doença que, segundo os cientistas, dizem foram inventados pelos chineses. Alguns, que tão envolvidos também os americanos.

Pra nós se prevenir, usar as máscara. Tinha um tempo que gente entrou em quarentena, que as pessoas num tinham muita coisa pra fazer no seu tempo livre. Mas agora, epá, tamos a nos prevenir consoante o que o governo, as mensagens que o governo nos transmite, sim.

Usar máscara, andar com álcool gel sempre, num tá sempre misturado ou tá junto ou próximo duma pessoa, é lavar as mão sempre com sabão, limitar aquele espaço, o, a população, se tiver aglomerado, num estar todo junto, é basicamente isso.

Acredito porque isso é só mais um vírus que foi criado para roubar o dinheiro do povo, porque eu acredito que a maior parte dos países ou de alguns continentes também, cada continente, foram ganhando muito dinheiro com esse vírus e aqui em Angola já surgiu muitos casos que eu nunca, as pessoas nunca mostram. Só dizem que tem, mas nunca mostram, pelo menos alguns casos fora do país, no Brasil, na América, na China mostram, mas aqui em Angola num mostram. Então isso, é isso pra ganhar, foi só um método pra ganhar dinheiro memo do povo.

(14)

INF: Bem, eu sei que a covid-19 é um vírus da sars-cov-2 que sobretudo ataca o sistema respiratório do indivíduo e faz com que eles tenha várias complicações.

Na verdade, a rádio e a televisão têm sugerido vários métodos de prevenção da covid-19, como, por exemplo, o afastamento social, a higienização das mãos, sobretudo com álcool gel. E, quando nós chegamos em casa, fazer a higiene com água e sabão. Quanto ao cumprimentarmos um amigo ou um parceiro, que não seja de forma tão caloroso como costuma, sobretudo nós angolanos, nós africanos temos o costume de abraçar, de ir um pouco mais além. Então a televisão tem sugerido métodos de como

nós cumprimentarmos os nossos próximos, então com um cotovelo, um aperto de mãozinha rápido para evitarmos a propagação da covid-19.

Olha, na verdade, sobre a existência da covid-19, há muitos pareceres, sobretudo nós, a classe estudantil, nós sobretudo acreditamos sim na existência da covid-19, porque há relatos históricos desde há muito tempo, dos anos de 1990 que a covid já existia. Mas a covid é uma mutante, tem a tendência de cada vez se mudar adaptando as condições climáticas de cada país. Mas também há uma outra classe que desacredita na existência da covid-19. Primeiro porque não houve um grande impacto aqui em Angola. Isso porque não morreu tanta gente como se almejava, mas eu penso mais porque Angola, sobretudo a África, é um continente jovem e a covid-19 ataca o sistema respiratório. Normalmente, as pessoas que têm um sistema imunológico tão baixo, isso é mais para os mais velhos, eles acabam sendo a classe mais vulnerável. E, como África é totalmente jovem, não houve um grande impacto porque nós temos ainda o sistema imunológico bem conservado e capaz de relutar contra a covid-19.

Olha, o governo tem feito algumas campanhas, tem feito publicidades e nas administrações tem colocado posto de vacinação contra a covid. Eu, por exemplo, já fiz a primeira e a segunda vacina. Infelizmente ainda não tive a oportunidade de fazer a terceira e a quarta que já tá em disposição, mas o governo tem feito sim alguma coisa, pese embora não, não, não numa dimensão que a população esperava, mas tem feito alguma coisa. Já quanto a população, nós temos evidenciados esforços, né, para que essa doença não se propague. Temos evitado o máximo contato com as pessoas infetadas e temos usado os diversos métodos de prevenção da covid-19.

(15)

INF: Ora bem, a covid-19 é uma doença do fórum respiratório, que teve o seu início em 19 de dezembro de 2019 e que começou na China, uma cidade chinesa e que se propagou para o mundo de forma paulatina, e que tornou-se uma pandemia. Já, este é os meus conhecimentos que eu tenho relativamente a esta doença, covid-19.

Bem, a rádio e as televisões têm falado relativamente sobre a prevenção da doença, né. Ele diz, dizem, né, em forma de prevenção das comunidades, métodos para a mesma prevenção, dizendo que não podemos estar em contatos, ou seja, em locais fechados, não podemos tocar em qualquer locais num ambiente público e também aqueles conselhos de que lavar as mãos dia após dia e também alguns conselhos que as televisões têm dado relativamente, relativamente as máscaras, o uso das máscaras

faciais, em que as populações muitas das vezes utilizam essas mesmas máscaras e é uma forma de prevenção sobre a covid-19.

Bem, eu diria que, que nós, em Angola há situações, ou seja, há áreas, há populações que, há pessoas que não acreditam na existência da covid-19 cá em Angola. Mas refiro-me aquelas populações, aquelas, aquelas que não entendem nada sobre certas doenças. Mas eu diria que 20% da população angolana acredita que existe a covid-19 cá nesse país.

Bem, falando do governo, o governo evidenciou esforço profundo relativamente a esta doença. O nosso governo angolano em si tem criado medidas de prevenção como a vacina, relativamente o nosso governo trabalha incansavelmente pra poder obter vacinas cá nesse país, no sentido de vacinar as populações. Muita, por exemplo, já existe cá em Angola a terceira dose dessas mesmas vacinas. É uma forma de prevenção que o governo tem feito no sentido de proteger a população angolana. Já, é nessa perspectiva. Certo, é adquirindo as vacinas, tomando as suas doses, é uma das formas de prevenção. E também seguir os conselhos que as rádios e as televisões têm nos dados relativamente a lavagem das mãos, e não estarmos em locais fechados, ou seja, em locais públicos relativamente a essa situação.

(16)

INF: A covid-19 é uma doença que surgiu primeiro na China e depois começou a surgir em outros país, e depois surgiu aqui em África. É uma doença perigosa e, para nós se prevenirmos da doença, usando máscara e evitar contatos com as outras pessoas, para ter uma distância. Alguns têm feito andarem pouco, saírem poucos e o governo faz contágio com outros países para ver se surgem coisas que é para ajudar o nosso país no combate da covid-19.

(17)

INF: Bué de formalidade, mas é básico. É assim, sobre a Covid. Vamos começar sobre a Covid. Sobre a Covid, eu tenho a dizer que, de acordo com alguns estudos, a televisão e a rádio têm nos dito que a Covid é uma doença que começou na China. Que é uma doença muito perigosa, que é contaminada através do ar. Logo, se ficarmos um metro ou menos de um metro de distância com alguém infetado, automaticamente a gente se infecta porque essa pessoa vai expirando o ar que a gente pode inspirar e esse ar contém vírus. O governo tem promovido alguns métodos

de prevenção, como o uso de máscara, lavagem constante das mãos, ficar em casa acima de tudo, por isso é que tem existido quarentenas e também a vacina.

Como dizia, as vacinas, passamos na primeira dose, segunda, terceira, agora já tem a quarta, e aí, bem, na televisão, como tem parecido, a cena é grave, é muito grave, mas o que o povo, a realidade que o povo tem enfrentado é totalmente diferente da realidade que nos mostra a televisão, das mortes, dos enterros, mas aqui no bairro, nada, isso não acontece, não acontece, por isso que muitos até agora desacreditam do governo, desacreditam da televisão, desacreditam da rádio, quando o assunto é Covid -19, dizem que a rádio tem exagerado, eu também tenho visto isso, mas como acadêmico, ainda fico apoiando o que é científico no caso de se prevenirem.

(18)

INF: Sobre o estado socioeconômico do país, sobre o estado em que os cidadãos deste país estão economicamente, olha, é muito claro, é muito claro que em todos os países existem a classe alta, média e baixa. Em todos os países, até os países mais pobres, existem sempre a classe alta, existem os mais ricos, os que sempre estão bem. Mas o foco aqui não é olhar para os que estão bem, não é olhar para os ministros, para os dirigentes do MPLA, nem de outros partidos que também andam aí a desfilar com frotas de luxo. É de olhar no pacato cidadão. Fazendo uma análise ao cidadão da classe baixa, o professor, o polícia que não tem estrela nenhuma, o cidadão que não tem nenhum emprego, mas é técnico médio, alguns licenciados, dizendo que estão em um estado crítico financeiramente. Acho que o que a gente tem que fazer para melhorar essa situação é mudarmos. O nosso governo nos acostumou em que todo cidadão, para estar bem, deve ter um emprego no Estado. E nós sabemos muito bem que o Estado não tem capacidade de empregar todo mundo, não apenas cá em Angola, como em outros Estados também. E vimos que, hoje em dia, todo mundo quer entrar para o Estado. Por quê? Porque o Estado garante um emprego que muitos dizem permanente, dificilmente te tiram, quando você entra lá já está seguro, muito mais. A aposentadoria vem bem, muito mais. O que o Estado tem que fazer é promover espírito de empreendedores aos cidadãos. Mas, ao contrário, em vez do Estado promover esse espírito, o Estado tem desmotivado.

Por quê? O Estado tem aplicado leis, regras que não vão de acordo com a realidade, ao ponto de dificultar ou meter barreira ao pequeno empreendedor que quer

desenvolver com seu negócio em Angola. Pese embora que alguns desses obstáculos do governo, para outros empreendedores mais experientes, servem como oportunidade para fazerem mais dinheiro. Por isso é que a classe alta continua sendo mais alta e a baixa continua abaixando. É isso aí um dos problemas. Pensando em ter emprego no governo, o governo não promover também o espírito de empreendedores para os cidadãos. Cidadão está crescendo, está estudando, só quer ter emprego no governo. Nem quer se rever se tem um talento, se consegue criar a sua própria empresa. Todo mundo quer continuar a trabalhar no governo. Esse é o problema. Por isso é que temos sempre aquelas situações que, quando o governo não está a pagar, o país quase para, não tem dinheiro, não tem movimentação nenhuma, porque tem poucos empreendedores, poucas empresas privadas. Até as privadas só são privadas num coro.

A gente sabe muito bem que a maioria das empresas privadas são mesmo desses dirigentes que vêm aí montar essas leis para fazer mais dinheiro e enriquecer as suas famílias. Mais ou menos isso que eu tenho que contribuir.

(19)

INF:

Está bem. Para dizer que há Covid -19, é uma doença infecciosa causada pelos vírus do coronavírus, pervírus do coronavírus SCoV -2. E um dos principais sintomas da mesma infecção é febre, febres altas, dores constante, gripe.

Dizer que os primeiros relatos sobre o aparecimento da Covid -19 foram aparecendo na cidade da China, no país, no caso, na China. E foi se alastrando para os dois países em função do pessoal que, na altura, encontrava -se naquela localidade e também pelas fronteiras que tem a China com os outros países. Quanto à questão da mitigação por parte do governo, a nível do nosso país, por orientação da Organização Mundial da Saúde, teve que se estabelecer um estado de emergência, onde, nos primeiros 90 dias, tiveram de fechar as vendas. E o uso obrigatório das máscaras, que era, na verdade, o primeiro passo para conseguir manter ou controlar a expansão, se assim podemos considerar, do vírus. E, depois, então, tornou -se obrigatório a vacina da Covid -19, que é para conseguir controlar a imunidade. E, do ponto de vista estatístico, a Covid -19 acabou matando mais pessoas de idade, crianças, com número não relevante, jovens, por conta da imunidade.

Só para reforçar, em Angola, o vírus Sars-CoV-2, que causa a Covid -19, teve seus primeiros casos em Angola no dia 20 de março de 2020. O papel da mídia nesta situação é, na verdade, divulgar quais são as formas de prevenção que a comunidade, em geral, deveria seguir. Que eles passavam palestras, estou a falar no caso das televisões, até mesmo músicas e jogos que transmitissem alguma educação relativamente à higienização constante das mãos, a não saudação, o distanciamento físico, o não abraço e as rádios. Tendo em conta que a missão deles é passar a informação por áudio, que era reforçar a todos os níveis os principais sintomas para o diagnóstico da Covid-19. Incentivar as pessoas a irem aos postos de saúde, fazerem os testes, aceitarem ser vacinados. Tendo em conta que tem tido, atualmente, muita resistência com respeito à tomada das doses da vacina. Então, penso que o papel da rádio e da televisão é motivar a comunidade a aderir à vacina.

Uma situação também que eu pude verificar, com o aparecimento dos dois casos, as máscaras começaram a ser comercializadas num preço muito alto, o que levou a sociedade no geral a adotar o uso de máscaras de pano, pois custavam menos que as máscaras cirúrgicas e que cada um poderia costurar em sua casa, mas que também tem as suas desvantagens, porque para este vírus do Sars-Cov-2 é importante que se usem máscaras cirúrgicas, porque têm duração de algumas horas e têm de ser necessariamente substituídas.

(20)

INF: Eu acho que tem uma questão socioeconômica do nosso país. Eu penso que atualmente a nossa sociedade, do ponto de vista socioeconômico, vai de mal a pior, de mal a pior, porque cada dia que passa aumentam -se a desigualdade social, aumentam -se os níveis de desemprego, aumentam-se o índice de crianças desnutridas, o que tem estado a afetar de forma direta o próprio convívio entre as famílias, porque uma sociedade onde o nível, o índice de desemprego é muito elevado, a capacidade de um pai gerir os conflitos familiares é muito reduzida, porque diminui de alguma forma a decisão paterna, o índice de jovens a aderirem ao caminho da violência também está cada vez maior, as próprias taxas, os impostos que vão aumentando, que vai ser retirado nas contas dos próprios trabalhadores para responder a classe de minoria que trabalha, não correspondem aos bens que os mesmos os têm estado a sofrer. E falar do nível socioeconômico acaba a ser um

bocadinho mais para aspectos muito negativos, porque nenhuma sociedade realmente tem uma igualdade social a mil por cento, mas a nossa sociedade, por ter uma característica de desigualdade muito clara, muito objetiva, nos leva a ter uma caracterização socioeconômica muito negativa, porque sempre estão aí assentes as questões de desemprego, as questões da má nutrição das crianças, as questões de desemprego, repito, porque uma sociedade que não tem o que comer, nada pode, pouco diz sobre o seu desempenho, pouco diz sobre a sua vontade de querer aprender. Agora, então, com essa subida do preço da gasolina, que vai refletir de forma muito negativa para a classe baixa e continua a primar pela desigualdade, uma tomada de decisão como essa, ferem os princípios socioeconômicos, não cooperam para o bem. Então, penso que, do ponto de vista socioeconômico, nós estamos numa estratificação social muito elevada, a classe alta não consegue dar resposta às demandas sociais, o que torna muito fragilizada todos os planos de combate à pobreza, para as famílias de baixa renda, porque a oferta não se reflete, o que se ganha não se reflete, nunca se gasta, o que torna literalmente desgastante para aqueles que necessariamente pretendem formar, se formar.

Só para reforçar que, quando falamos das questões socioeconômicas, estamos a falar daqueles aspectos que estão ligados, que é para os aspectos sociais e para os aspectos econômicos. Nos aspectos sociais estamos a falar da convivência, do comportamento, da conduta do indivíduo que faz parte dessa determinada sociedade e que, hoje por hoje, atendendo os fatos que temos estado a vivenciar, os suicídios, as agressões, não tem estado a cooperar para o bem. Mas isso tem uma relação direta com a questão econômica, porque o indivíduo que está mal economicamente, a tendência de cometer o mal é 100 % maior. Uma família que não tem o que comer versus emprego, tem a maior probabilidade de ter desentendimento ou que já ferem os princípios da família que constituem a própria sociedade. Então, os aspectos socioeconômicos têm muito a ver com o próprio crescimento da economia, até que ponto o benefício prejudica a própria comunidade. E o social, a forma como a comunidade, em geral, vai se posicionando face às mudanças que a própria economia vai causar. Hoje por hoje, eu não vejo um ângulo a saltar do ponto de vista social, para não falar econômico, que é o mais grave, por conta das dificuldades que a própria camada jovem, que dizemos ser a força da sociedade, tem estado a enfrentar. O que reflete -se muito no desespero, na agressão, e que muitas

vezes, algumas pessoas chegam à mesma direita da vida por se sentirem inúteis, não terem o que fazer. Isso chega a chocar a moral da própria sociedade. Depois, crescemos e aceitamos que vivemos numa sociedade cujo, oposicionalmente, deverá ser aceita o que a vida nos tem estado a imponer.

(21)

INF: Olha, atualmente, resumindo, está estragado, está mesmo estragado, porque há uma falta. Olha, recursos nós temos, mas, agora, como é que nós vamos conseguir fazer o uso dos nossos recursos para... para termos uma economia estável. Olha, eu aqui vou querer falar do João Lourenço e...

(22)

INF: A vida é só... quanto, hum, quanto estoi em casa, cuidar bem as criança, e o respetá o mó marido e respeitá também as criança, mesmo que tá falá mali, você tamém tem que li fala bem. E andá bem o mó andamento, tem que andá bem, tem que respetá bem o mó marido. E eu, como mó próprio, e com as vizinhas pra respeitá bem todas vizinha, todas família. Sim sim.

(23)

INF: Ola, primeiramente, eu ainda acho que, tipo, eles vêm com essa cena porque, não, tem que apanhar vacina, primeira dose, segunda dose, terceira dose, agora também emplementaram a quarta dose. Nós num sabemos se vamos morrer ou não. Eles só vêm nos dão muitas picas aí, yá. Porque, primeira coisa, pra fazerem essa vacina, isso, isso tinha que levar mais tempo, yá, tinha que levar mais tempo. Mas isso num, num demorou, pra fazerem a vacina não demorou. Eu acho que essa vacina, manos, só Deus é quem sabe, yá. Utilizar a máscara, utilizar também o álcool em gel, yá.

Como todos já sabem, a Covid-19 foi uma doença que causou muito estrago no país, não só em Angola, como nos outros países também, yá. Esta doença atrapalhou-nos muito nos estudos, yá. Porque houve, houve um tempo que nós ficamos sem estudar, propriamente por causa da doença, a circulação não tava do jeito que era antes, yá.

(24)

INF: Na minha opinião, a vida socioeconômica de Angola, atualmente, tem se encontrado fragilizada devido a má gerência e isso, de qualquer forma ou de uma, vem refletindo negativamente naquilo que é o dia a dia da população angolana. Tem se visto o alto nível de desemprego, delinquência, causada pela fraca colaboração do nosso Estado naquilo que é a promoção do autoemprego e capacitação da juventude. É lastimável, é lastimável. Mas, contudo, a sociedade angolana vem sendo uma sociedade batalhadora devido a situação social decadente. Hoje, vimos as mangas de 10, resultado da fome e da pobreza, miúdas na prostituição, isso num é bom. É lastimável, é lastimável, mas espero que, contudo, haja mudanças, haja melhoramento. Obrigado!

(25)

INF: É, a nossa rádio e a nossa televisão, concernente aquilo que é o estado pandémico que o nosso país passou, as nossas radio e televisão tudo fizeram para anunciar a polução sobre os riscos e os método de prevenção e, graças a Deus, a emissão tem chegado ao povo e o povo tem recebido as informações que a nossa rádio e a nossa televisão têm passado a população. Obrigado! Temos cumprido com os método de segurança proposto pelo nosso Estado, que é o uso da máscara nos locais fechado e na comunidade em si.

(26)

INF: Sendo um pouquinho curto e ir diretamente ao objetivo, é o seguinte, quanto à situação socioeconômica do país, eu, na minha vertente, digo que é lastimável, porque tamos a caminho de seis, sete anos, se não me engano, que o país apresenta um déficit totalmente na questão econômica. Como é bem sabido, quanto a, Angola é totalmente dependente das receitas petrolífera e, de tudo que vem acontecendo nos países mais desenvolvido, acaba por condicionar a nossa realidade aqui. Refiro-me a questão do dólar, refiro-me a questão de, de dependência total nas receitas baseadas no ramo petrolífero, e isso acaba por afetá a população.

Neste preciso momento, a população não tem o poder de compra, não tem o poder de compra, os produtos no mercado, a sesta básica em diante está totalmente alta e, como é bem sabido, o, o, os subsídio, vulgo salário, não é, não é, não é aceitável. Nesses casos, a população só reclama mesmo. O poder de compra que não tem e,

não tendo o poder de compra, aqui a situação econômica passa a ser consideravelmente muito, muito, muito difícil. Muito difícil. É mais ou menos o resumo que eu acho que tinha que falar. Agora, quanto a outros, a outros argumentos, é necessário, já, pesquisar em alguns jornais e ver qualé, quelé comentário que vai nesse exato momento. Aproximadamente há dois ou três dias atrás, ou nesses cinco dias, uma vez que tamos naquele processo também da greve, terminou recentemente. Vai se levantar novamente a outra, já, então, se calhar pra manchete quanto a questão econômica ainda vai, vai alterando.

(27)

INF: Bem, falando da situação económica de Angola atualmente, é muito, pá, grave, tamos a passar por um momento muito difícil em Angola. Caso economia num tá num bom caminho, com muita dificuldade de manter com uma boa alimentação, a saúde, educação. Por esses motivo tem afetado o nosso psicológico e tem tido frustrado alguns jovens e que tá inclinado no com álcool. Hoje em dia os jovens, a juventude, os adolescentes tão inclinado no álcool porque não há serviço para os mesmo. Para poder ter um autossustento é muito difícil agora em Angola. Os negócios num têm dado certo, até agora num temos bom resultado no que concerne a nossa economia. Como jovem, na qualidade de jovem, faço negócio, mas luto, mas ainda assim há muita dificuldade, sim. É a nossa realidade, Angola tá no mal caminho por conta de má gestão, por conta de favorecismo, por conta de más ideias, porque Angola tem potencial para nos manter num bom nível econômico. Então, para isso, só resta dizer que nós estamos a passar por momentos mais difícil da nossa vida. Eu, como jovem, como angolano, sem vergonha, sem medo de errar, tamos no mal caminho.

(28)

INF: A situação socioeconômica em Angola é precária, tá mesmo mal. Nós tamos a viver momentos difíceis. As coisas cada vez mais tão a subir, a sexta básica tá pior que tudo, principalmente a sexta básica. A nossa economia, epá, não sei se vó te dizer como, já, só sei que a nossa situação memo é precária, nós estamos em crise, tamos a viver mal, muito mal. Antigamente ainda tínhamos crise, mas a gente conseguia gerir um pouquinho a vida. Mas atualmente tá mesmo difícil, a nossa economia tá totalmente baixa. Falar disso até me faz chorar, mas pronto.

A população angolana desfruta de condições precária e serviços públicos como a saúde, a educação e, além disso, atualmente nós estamos a viver uma elevada desigualdade da economia do nosso país. Nós estamos a viver super mal, a nossa economia mesmo teve um desequilíbrio mesmo enorme, é totalmente elevado. Nós já não sabemos, tá perceber, o que é ter uma paz aqui dentro do nosso país. Começando pelas sextas básicas, a nossa sexta básica tá mesmo muito elevada. Você acredita que atualmente o um saco de arroz são 27.000,00 kwanzas? Um saco de arroz 27.000,00 kwanzas, sem contar com a caixa de frango, quanto é que tá a caixa de olé. A caixa de olé tá 28.000,00 kwanzas. Nós estamos a viver mal, a nossa economia mesmo tá precária. Não tens noção, por isso é muitos jovens atualmente tão a luta que é pra poder emigrar a procura de melhores condições de vida, condições que o nosso país não nos oferece. Nosso país num tá nos oferecé nada, o nosso país tá sem rumo. Posso assim dizer e afirmar que o nosso país tá sem rumo e praticamente a juventude, ao invés de pensar mais além, só tão a pensar em manter, mesmo sem ter independência financeira, mesmo sem o nosso país ter um equilíbrio, mesmo se as coisas sobem cada vez mais, a nossa população, a nossa juventude só pensa em manter. Num pensa em fazer nada, num pensa, ola, mó irmão, tamos mal. E sem contar com o desemprego, porque muito, muitas gentes aqui, muita população que trabalha, mas digo-te que 80% são no setor privado. 80% no setor privado e posso assim dizer que 20% no setor público, que também não é assim um salário católico, não é assim um salário tão aceitável.

Com a subida da sexta básica, inda temos pais que ganham 40.000,00 kwanzas, 50.000,00 kwanzas, que nem sequer é suficiente pra comprá uma sexta básica em casa. As propinas subiram, as propina, tudo. A situação aqui mesmo é precária, tá mal.

Angola vai continuar a enfrentar inúmeros desafios socioeconômicos dentro do nosso país. Angola ainda vai enfrentá. Só o orçamento do OGE indica tudo, o orçamento do OGE indica tudo. O orçamento do OGE indica tudo. Nós ainda vamos enfrentar desafios grandes dentro do nosso país, ainda vamos enfrentá desafios, como já tamos a enfeitá. Só o combate a pobreza é um dos desafio que pelo menos o nossos dirigente, né, deviam tar a combater pelo menos um pouco ou pelo menos se calhar 40%. Mas os nossos dirigente não tão preocupado, se nem com a nossa saúde tão preocupado, imagina com o combate a pobreza. Tá duro, tamo memo a vivé mal, super mal.

(29)

INF: Primeiramente, para responder a primeira questão, em relação ao meio pelo qual tive informação sobre a doença da covid-19, normalmente, depois do aparecimento dessa doença na China, concretamente na cidade de Wuhan, nós sabemos que a mídia, ou seja, a comunicação internacional, todos órgãos televisivos internacionais tentaram comunicar a existência de um vírus que pode atacar o nosso sistema respiratório e que, posteriormente, pode levar a pessoa a morrer mesmo. Então, a partir da comunicação social internacional, eu acabei de saber que há um vírus surgiu na China e que pode afetar não só a China na altura, mas também pode afetar alguns países. Mas nunca esperava que este vírus podia ter mesmo a propagação que hoje em dia nos sabemos que acabou por afetar todo mundo.

A partir do surgimento da doença na China, as rádios e a televisão, normalmente, começaram a comunicar que surgiu uma doença perigosa para os humanos e que tem uma capacidade de propagação muito elevada. Daí começaram a criar programas informativos, programas relativos à saúde, que tem que ver com a forma ou modo da prevenção da doença, ou seja, quais devem ser os comportamentos a partir do momento que houve a pandemia da Covid-19, qual é que deve ser a relação que podemos estabelecer com uma pessoa que eventualmente tiver a doença e como é que nós podemos evitar, por exemplo. As pessoas estão se prevenindo e usando álcool gel, máscaras e tentando manter o distanciamento físico no mínimo de 1 metro.

(30)

INF: Falando a situação socioeconômica de Angola é como se estivéssemos a falar de um poço seco sem fim. Infelizmente, o nosso sistema tem enfatizado as coisas e mostrado coisas que não existem. A sociedade está a morrer por conta da falta de comida. A sociedade tem morrido por falta de condições médicas. A sociedade tem sido mal-formada por conta de concisões educacionais. O nosso povo tem sofrido por conta da marginalização, o nível de prostituição aumentou por conta da condição econômica do nosso país.

A sexta básica, a cada dia que passa, aumenta. O rendimento das pessoas diminuem, infelizmente. Os setores públicos têm sido os mais exploradores nesse momento, a nível de todo país e, infelizmente, por conta destas condições, as pessoas são obrigadas a viver todos os dias dessa maneira. Angola tem mostrado uma, um desafio tão grande na procura do emprego e elevada pobreza. E, infelizmente, a população

têm crescido mais a cada dia que passa e as dificuldades a cada dia que passa têm aumentado muito mais.